FIDEL CASTRO

TRÊS DECLARAÇÕES

FAZEM HISTÓRIA

FIDEL CASTRO

TRÊS DECLARAÇÕES FAZEM HISTÓRIA

Depois do muito que se tem escrito acêrca da Revolução Cubana e em virtude do interêsse que muito justamente ela desperta em todos aquêles que pretendem formar a seu respeito uma opinião verdadeira e honesta, despida das paixões e do sectarismo próprios à época de profundas transformações sociais que atravessamos, apresentamos ao público brasileiro os pronunciamentos mais significativos do povo de Cuba, através de seu líder Fidel Castro.

Inserimos no presente volume as duas Declarações de Havana, aclamadas pelo povo de Cuba por ocasião das conferências da OEA convocadas com o evidente propósito de encobrir sob um manto de legalidade a pretendida invasão militar daquele país, e o discurso tão combatido mas nunca dado a público no Brasil em que Fidel Castro, depois de uma análise brilhante do processo revolucionário justifica a adoção do Marxismo-Leninismo como filosofia dessa Revolução.

EM TÔDAS AS LIVRARIAS OU PELO
REEMBÔLSO BRASILIENSE
Cx. Postal - 8.163 - São Paulo

FIDEL CASTRO

TRÊS DECLARAÇÕES FAZEM HISTÓRIA

FIDEL CASTRO

TRÊS DECLARAÇÕES FAZEM HISTÓRIA

TRADUÇÃO E ORGANIZAÇÃO

DE

EDUARDO SUCUPIRA FILHO

1962

EDITÔRA BRASILIENSE

Cultivo una rosa blanca
en junio como en enero,
para el amigo sincero
que me dá su mano franca.

JOSÉ MARTI

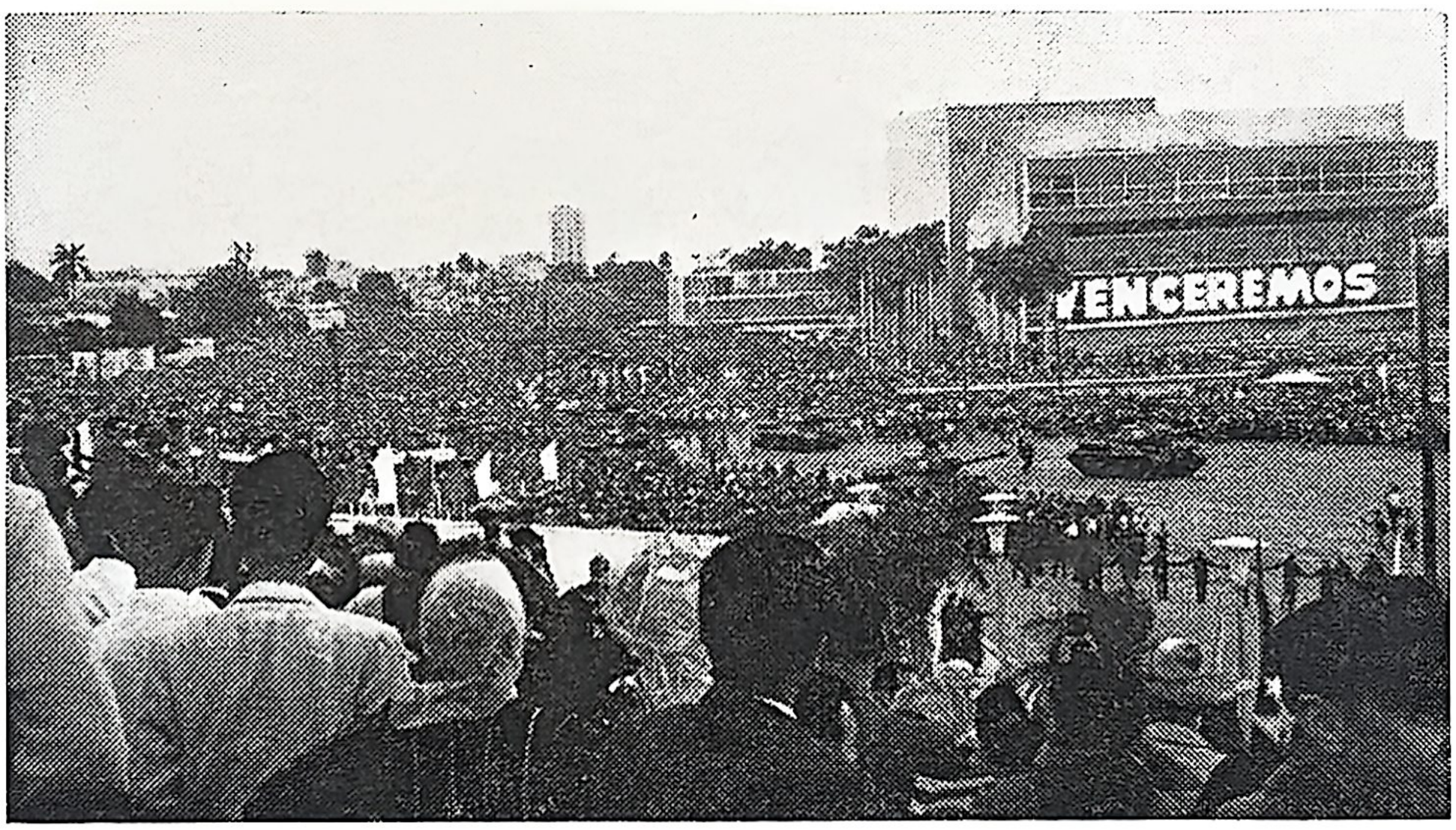
O reino da liberdade começa onde termina o trabalho determinado pela necessidade e os fins exteriores.

MARX

A compreensão integral da Revolução Cubana implica uma completa solidariedade de todos os povos latino-americanos. Isso não quer dizer que cada nação não deva procurar seu caminho. Significa que Cuba é o ponto de partida, e que pela primeira vez se faz uma tentativa de solidariedade total de todos os povos latino-americanos contra o imperialismo dos Estados-Unidos.

SARTRE

¡ENCEREMOS


¡ENCEREMOS

¡ENCEREMOS

Seqüência da invasão do público por uma das avenidas de acesso à Praça José Marti, em Havana, ao fim do desfile militar no dia 2 de janeiro de 1962, para se aproximar da tribuna de onde falava Fidel Castro. A essa comemoração local, compareceram cêrca de 700.000 pessoas.

PREFÁCIO

Pretendemos, com a edição dêste livro, dar ao público brasileiro, deliberadamente mal informado por uma imprensa tendenciosa, elementos a mais para o estudo e compreensão dêsse acontecimento que é, sem dúvida, o assunto mais controverso atualmente na América.

Estávamos conscientes, antes de nossa viagem a Cuba, das inverdades que se noticiam a respeito. Não pudemos, contudo, deixar de nos assombrar com a diferença entre a realidade que presenciamos e o que aqui se publica e o que aqui se omite na imprensa. Citamos como exemplo o tão discutido racionamento de víveres, hoje, em vigor, em Cuba, que reflete tão-sòmente a extraordinária melhora de padrão de vida de um povo pobre em um país subdesenvolvido que se viu com a possibilidade de adquirir tudo aquilo de que necessita para sua subsistência. O que causou o racionamento não foi, como se aventa, o fracasso da política agrária que, muito pelo contrário, tem se desenvolvido, extraordinàriamente, mas sim o fato de que hoje todos desfrutam daqueles artigos que, embora de primeira necessidade, só eram acessíveis a uma parte da população. Esqueceram-se os comentaristas, ao noticiarem a "diminuta" quota de 250 gr. de carne por semana, por habitante, que ela é quatro vêzes superior ao consumo do Estado de S. Paulo.

Não lemos comentários também sôbre a concessão, aos menores de sete anos de um litro de leite diário, o que está muito além das previsões mais otimistas de todos aquêles que se preocupam no Brasil com a situação da infância.

O traço mais marcante da revolução cubana é a total adesão do povo à nova forma de govêrno que escolheu. Isso é flagrante quando um govêrno obtém em assembléias públicas a aprovação dos seus atos. Assembléias essas que reúnem, como nas duas Declarações de Havana aqui publicadas, um milhão e meio de pessoas de uma população de sete milhões. Não é necessário consultar as urnas para verificar se um povo está de acôrdo com seu govêrno quando êsse govêrno lhes distribui armas e postula, como na primeira Declaração, que constitui uma obrigação a luta de todos por suas reivindicações. É desnecessário também perguntar ao milhão de desempregados se está de acôrdo em que lhe tenham dado emprêgo permanente, casa, assistência, médica, educação aos filhos e aberto largas perspectias para o futuro. Indaguemos antes ao negro dos E.U.A., ao índio dos Andes, aos pobres, aos famintos, aos discriminados socialmente de tôda América se estão satisfeitos com as esmeradas constituições de seus países ou com a "Democracia Representativa" de que tanto se ufanam seus governos plutocratas.

Contém êste livro as duas Declarações de Havana, ratificadas pelo povo de Cuba por aclamação, na Praça José Marti, em Havana, numa tomada de posição corajosa e decidida ante as ameaças à sua soberania que representaram as conferências da OEA convocadas para S. Domingos e mais recentemente para Punta del Este. O documento central, entrevista de Fidel Castro retransmitida por rádio

e televisão, em que se declara marxista-leninista representa, sem dúvida, um dos documentos mais importantes da história dessa revolução pelo que contém de ensinamentos e de história dêsse período, vazados naquela linguagem simples e objetiva, autênticamente popular, que caracteriza os pronunciamentos do líder dêsse povo livre. Cumpre ressaltar a respeito, que o reconhecimento do marxismo-leninismo como base filosófica da revolução não foi uma imposição, nem sequer uma direção socialista mais acentuada que se quis imprimir a êsse movimento popular. Foi tão-sòmente o reconhecimento público daquilo que já era do consenso de largas camadas da população, polìticamente amadurecidas, e correspondia aos desejos do povo em geral demonstrados inclusive na letra da música mais em voga:

"Palante, Palante,(°)
Somos Socialistas, Somos Comunistas
A quien no les guste
Que tomen purgante."

CAIO GRACO PRADO

(°) Palante, — corruptela de "Para adelante".

FUNDAMENTOS DA REVOLUÇÃO CUBANA

I DECLARAÇÃO DE HAVANA — LIDA POR FIDEL CASTRO E RATIFICADA PELO POVO CUBANO NA PRAÇA JOSÉ MARTI EM 2 DE JANEIRO DE 1960.

Ante a égide e o ideal de José Marti, em Cuba, território livre da América, o povo, no uso dos podêres inalienáveis que dimanam do exercício efetivo da soberania expressa no sufrágio direto, universal e público constitui-se em assembléia geral.

Em seu próprio nome e interpretando o sentir dos povos de nossa América, a Assembléia Nacional do Povo de Cuba:

1) Condena em todos os seus têrmos a denominada "Declaração de São João de Costa-Rica", documento ditado pelo imperialismo norte-americano e atentatório à autodeterminação nacional, à soberania e à dignidade dos povos irmãos do Continente.

2) A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba condena enèrgicamente a intervenção aberta e criminosa que durante mais de um século vem o imperialismo norte-americano exercendo sôbre todos os povos da América Latina, povos que mais uma vez viram seu solo invadido no México, Nicarágua, Haiti, São Domingos ou Cuba; que perderam ante a voracidade dos imperialistas ianques extensas e ricas zonas, como Texas; centros estratégicos vitais, como o Canal de Panamá; países inteiros, como

Pôrto-Rico, convertido em território ocupado; que sofreram o tratamento vexatório dos infantes da marinha norte-americana dirigidos tanto a nossas mulheres e filhas como ao símbolo mais alto da história pátria — a efígie de José Marti.

Essas intervenções, baseadas na superioridade militar, impostas em tratados desiguais e por fôrça da miserável submissão de governantes traidores, converteu no decurso de mais de cem anos nossa América — a América que Bolívar, Hidalgo, Juárez, San Martin, O'Higgins, Sucre e Marti quiseram livre — em zona de exploração, em pátio do império financeiro e político ianque, em reserva de votos para os organismos internacionais, nos quais os países latino-americanos figuram como rebanhos do "Norte brutal que nos despreza".

A Assembléia Geral Nacional do Povo declara que a aceitação — por parte de governos que assumem oficialmente a representação dos países da América Latina nessa intervenção contínua e històricamente irrefutável — atraiçoa os ideais de independência de seus povos, aniquila sua soberania e impede a verdadeira solidariedade entre nossos países, o que obriga a esta Assembléia a repudiá-lo em nome do povo de Cuba que acolhe a esperança e a vontade dos povos latino-americanos e a voz libertadora dos próceres imortais de nossa América.

3) A Assembléia Geral Nacional do Povo repudia igualmente o intento de preservar a Doutrina de Monroe utilizada, até hoje, como o previra José Marti, para "estender o domínio na América" dos imperialistas vorazes; para melhor injetar êsse veneno, também denunciado por José Marti, dos "empréstimos, dos canais, das ferrovias..." Por isso, frente ao pan-americanismo hipócrita, que representa apenas o predomínio dos monopólios ianques sôbre os interêsses de nossos povos e manobra ianque junto a governos prosternados diante de Washington, a

Assembléia do Povo de Cuba proclama o latino-americanismo libertador que palpita em Marti e Benito Juárez. E ao estender sua amizade ao povo norte-americano — de negros linchados, de intelectuais perseguidos, de trabalhadores forçados a aceitar a direção de *gangsters* — reafirma sua vontade de marchar "com todo o mundo e não com uma parte dêle".

4) A Assembléia Geral Nacional do Povo declara que a ajuda espontâneamente oferecida pela União Soviética a Cuba, no caso em que nosso país fôsse atacado por fôrças militares imperialistas não poderá ser considerada jamais como ato de intromissão, senão que constitui ato evidente de solidariedade, e essa ajuda, oferecida a Cuba ante um ataque iminente do Pentágono ianque, honra tanto ao govêrno da União Soviética, que a oferece, como desonram ao govêrno dos Estados Unidos suas covardes agressões contra Cuba. A Assembléia Geral Nacional do Povo declara, portanto, ante a América e o mundo, que aceita e agradece o apoio dos foguetes da União Soviética se seu território fôr invadido por fôrças miltares dos Estados-Unidos.

5) A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba nega categòricamente que haja qualquer pretensão por parte da União Soviética e da República Popular da China de "utilizar a posição econômica, política e social de Cuba... para quebrantar a unidade continental e pôr em perigo a unidade do hemisfério". Desde o primeiro até o último dos vinte mil mártires, quanto custou a luta para derrocar a tirania e conquistar o poder revolucionário; desde a primeira à última lei revolucionária; desde o primeiro ao último ato da Revolução o povo de Cuba agiu por livre e absoluta determinação própria, sem que, portanto, se possa culpar jamais a União Soviética ou a República Popular da China da presença da Revolução,

que é a resposta cabal de Cuba aos crimes e às injustiças instauradas pelo imperialismo na América.

Pelo contrário, a Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba entende que a política de isolamento e hostilidade para com a União Soviética e a República Popular da China, preconizada pelo govêrno dos Estados Unidos e imposta por êle aos governos da América Latina, e a conduta guerreirista e agressiva do govêrno norte-americano e sua negativa sistemática ao ingresso da República Popular da China nas Nações Unidas — em que pese a representar essa República um país de mais de seiscentos milhões de habitantes — colocam de fato em perigo a paz e a segurança do hemisfério e do mundo.

A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba ratifica, portanto, sua política de amizade para com todos os povos do mundo; reafirma seu propósito de estabelecer relações diplomáticas também com todos os países socialistas, e desde êste momento, no uso de sua vontade livre e soberana, expressa ao govêrno da República Popular da China que decide estabelecer relações diplomáticas entre ambos os países; e que, portanto, ficam rescindidas as relações que até hoje Cuba mantinha com o regime títere de Formosa sustentado pelos barcos da VII frota ianque.

6) A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba reafirma — e está certa de que o faz como expressão de um critério comum aos povos da América Latina — que a democracia não é compatível com a oligarquia financeira, com a existência de discriminação do negro e com os desmandos da Ku-Klux-Klan, nem com a perseguição que privou de seus cargos a cientistas, como Oppenheimer, nem com o impedimento impôsto durante anos a que o mundo ouvisse a voz maravilhosa de Paul Robenson, prêso em seu próprio país; nem com a morte do casal Rosemberg, em que pese aos apelos de governantes de diversos países e do Papa Pio XII.

A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba expressa a convicção cubana de que a democracia não pode consistir sòmente no exercício de um voto eleitoral, quase sempre fictício e manejado por latifundiários e políticos profissionais, mas no direito de os cidadãos decidirem, como agora o faz esta Assembléia do Povo, de seus próprios destinos. A democracia, aliás, só existirá na América Latina quando os povos forem realmente livres para escolher; quando os humildes não mais estejam reduzidos — pela fome, a desigualdade social, o analfabetismo e os sistemas jurídicos — à ominosa impotência.

Por isso, a Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba:

Condena o latifúndio, fonte de miséria para o camponês e sistema de produção agrícola retrógrado e desumano; condena os salários de fome e a exploração iníqua do trabalho humano por interêsses privilegiados e espúrios; condena o analfabetismo, a falta de professôres, de escolas, de médicos e de hospitais; a falta de proteção à velhice que impera nos países da América; condena a discriminação do negro e do índio; condena a desigualdade e a exploração da mulher; condena as oligarquias militares e políticas que mantêm nossos povos na miséria, impedem seu desenvolvimento democrático e o pleno exercício de sua soberania; condena as concessões dos recursos naturais de nossos países a monopólios estrangeiros como política entreguista e traidora ao interêsse dos povos; condena os governos que desprezam os sentimentos de seus povos para acatar os mandados de Washington; condena o engano sistemático dos povos por órgãos de divulgação que respondem ao interêsse de oligarquias e à política do imperialismo opressor; condena o monopólio das notícias por agências ianques, instrumento dos trustes norte-americanos e agentes de Washington; condena as leis repressivas que impedem os trabalhadores, os camponeses,

os estudantes e intelectuais, as grandes maiorias de cada país de se organizarem e lutar por suas reivindicações sociais e patrióticas; condena os monopólios e emprêsas imperialistas que saqueiam contìnuamente nossas riquezas, exploram nossos operários e camponeses, dessangram e mantêm em atraso nossas economias e submetem a política da América Latina a seus desígnios e interêsses.

A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba condena, enfim, a exploração do homem pelo homem, e a exploração dos países subdesenvolvidos pelo capital financeiro imperialista.

Em conseqüência, a Assembléia Geral do Povo de Cuba proclama ante a América:

O direito do camponês à terra; o direito do operário ao fruto de seu trabalho; o direito da infância à educação; o direito dos enfermos à assistência médica e hospitalar; o direito dos jovens ao trabalho; o direito dos estudantes ao ensino livre, experimental e científico; o direito dos negros e dos índios à "dignidade plena do homem"; o direito da mulher à igualdade civil, social e política; o direito do ancião a uma velhice segura; o direito dos intelectuais, artistas e cientistas a lutar, com suas obras, por um mundo melhor; o direito dos Estados à nacionalização dos monopólios imperialistas, resgatando assim as riquezas e recursos nacionais; o direito dos países ao comércio livre com todos os povos do mundo; o direito das nações à plena soberania; o direito dos povos a converter suas fortalezas militares em escolas, e a armar seus operários, camponeses, estudantes, intelectuais, o negro, o índio, a mulher, o jovem, o ancião, todos os oprimidos e explorados para que defendam por si mesmo seus direitos e destinos.

7) A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba postula:

O dever dos operários, camponeses, estudantes, intelectuais, negros, índios, jovens, mulheres, anciãos de lutarem por suas reivindicações econômicas, políticas e sociais; o dever das nações oprimidas e exploradas de lutar por sua libertação; o dever de cada povo de solidarizar-se com todos os povos oprimidos, colonizados, explorados ou agredidos, seja qual fôr o lugar do mundo em que se encontrem e a distância geográfica que os separe. Todos os povos do mundo são irmãos!

8) A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba reafirma sua fé em que a América Latina marchará unida e vencedora, livre das amarras que convertem sua economia em riqueza alienada ao imperialismo norte-americano e que a impede de fazer ouvir sua verdadeira voz nas reuniões de chanceleres domesticados que fazem côro infamante com o amo despótico. Ratifica, por isso, sua decisão de trabalhar por êsse comum destino latino-americano que permitirá a nossos países edificar uma solidariedade verdadeira assentada na vontade livre de cada um e nas aspirações conjuntas de todos. Na luta por essa América Latina libertada, contra as vozes obedientes dos que usurpam sua representação oficial, surge agora, como potência invencível, a voz genuína dos povos, voz que abre caminho das entranhas das minas de carvão e de estanho, das fábricas e engenhos açucareiros, das terras feudais, onde *rotos, cholos, gauchos, jíbaros* herdeiros de Zapata e de Sandino empunham armas da liberdade; voz que ressoa nos poetas e nos novelistas, nos estudantes, nas mulheres, nos filhos, nos anciãos desvelados.

A essa voz irmã, a Assembléia do Povo de Cuba responde:

Presente! Cuba não falhará. Aqui está a Cuba de hoje para ratificar ante a América Latina e ante o mundo, como um compromisso histórico, o dilema irrenunciável: Pátria ou Morte!

9) A Assembléia Geral Nacional do Povo de Cuba resolve que esta Declaração seja conhecida com o nome de *Declaração de Havana.*

Cuba, Havana, território Livre da América, setembro, 2, de 1960.

ADVERTÊNCIA AO LEITOR

O presente discurso do Dr. Fidel Castro Ruz foi transcrito de sua conferência pronunciada através da televisão cubana, e gravado nessa oportunidade.

Tratando-se de peça oratória proferida de improviso, como de hábito, ressente-se ela, em sua tradução, de uma série de senões, impropriedades em relação a nosso léxico e frases incompletas ou reticentes, redundâncias, o que, entretanto, em nada altera o conteúdo de uma das mais notáveis alocuções dirigidas pelo líder do povo cubano, e que durou várias horas.

Tentamos, na medida do possível, obviar essas falhas no tocante ao léxico de certas palavras e construções sintáticas, não observadas na tradução, introduzindo apenas o estritamente indispensável para não comprometer o vigoroso estilo peculiar a Fidel Castro. Nesse discurso, o dirigente máximo da Revoução cubana proclama sua adesão ao marxismo e ministra verdadeira aula pública ao aplicar os princípios fundamentais do marxismo-leninismo às tarefas da Revolução; ao mesmo tempo em que lança as diretrizes de formação do Partido Unido da Revolução Socialista, após traçar um quadro muito vivo das circunstâncias históricas e atuais do grande movimento popular que instaurou, pela primeira vez em nossa América, um autêntico território de liberdade.

* * *

Ao final desta conferência, inserimos um índice de nomes de figuras ligadas ao movimento cubano, citadas no texto, por Fidel Castro.

E. S. F.

O PENSAMENTO MARXISTA E O PARTIDO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

(CONFERÊNCIA PRONUNCIADA POR FIDEL CASTRO, A 1.º DE DEZEMBRO DE 1961, DURANTE O PROGRAMA TELEVISIONADO "UNIVERSIDADE POPULAR".)

Gostaria certamente de dispor de um pouco mais de tempo para fazer um estudo sério sôbre êste tema, já que o tema do Partido Unido da Revolução Socialista se refere a um assunto de extraordinária importância para a Revolução. Por isso mesmo dizia a alguns companheiros que ia ter aqui uma espécie de conversa provisória, para futuramente então voltar a falar dessa questão com mais vagar e dando-lhe todo o desenvolvimento que merece.

Limitar-me-ei a expressar uma série de idéias fundamentais no que se refere ao Partido Unido da Revolução.

Em primeiro lugar: por que se organiza o Partido Unido da Revolução? Já em ocasiões anteriores, naturalmente, em diferentes atos públicos, tivemos oportunidade de referir-nos a esta questão, expondo algumas idéias a respeito.

O Partido Unido da Revolução era, em primeiro lugar, uma necessidade. Por que era uma necessidade? Antes de mais nada, porque não se pode fazer uma revolução — principalmente não se pode levar adiante uma revolução — sem uma forte e disciplinada organização revolucionária.

Essa necessidade torna-se cada vez mais evidente, à medida que avança o processo revolucionário e à medida que o processo revolucionário se estrutura em canais e normas e vai tendo que enfrentar tarefas cada vez mais difíceis.

Sempre se disse — e com razão — que conquistar o poder era mais fácil que mantê-lo; que conquistar o poder era mais fácil que governar.

E isso é uma grande verdade. As tarefas que deparam um movimento revolucionário em sua luta pelo poder agigantam-se e se multiplicam quando êsse movimento revolucionário *está* no poder. Também se dizia — pelo menos diziam alguns livros — e vamos falar dêsses livros, já que estamos fazendo uma revisão, real, de todos os livros que lemos e que estudamos, porque todos estudamos em meios onde muitas vêzes nos davam para aprender uma porção de bobagens sem a menor importância... — dizia-se nesses livros que a consolidação do poder era tanto mais fácil quanto mais trabalho havia custado a sua conquista e tanto mais difícil quanto menos trabalho ela havia dado.

A única verdade que pode haver no fundo dessa afirmação é a seguinte: *que é na luta pelo poder que se vão formando os quadros que mais tarde hão de governar o país.* Quanto mais longa, quanto mais prolongada é a luta pelo poder, indiscutìvelmente através dessa luta se vai formando um maior número de homens capazes de desempenhar depois as demais tarefas.

A LUTA PELO PODER E A LUTA ARMADA

Recordemos um pouco nossa experiência — nossa experiência, que foi uma experiência relativamente curta,

se a compararmos com lutas muito mais prolongadas que se verificaram em outros países, lutas armadas, como por exemplo na China, onde as guerrilhas combateram por mais de vinte anos antes de alcançar o poder. Naturalmente a luta pelo poder não começa do momento em que se inicia uma etapa de luta armada.

Deixem-me que lhes rememore a ocasião, por exemplo, em que quisemos precipitar a tomada do poder; quando o movimento revolucionário cometeu o que podemos chamar de êrro de apreciação das condições objetivas, lançando-se a uma tentativa de tomada do poder, em abril de 1958.

Efetivamente, naquela ocasião tínhamos muito poucos homens. Se me não engano, éramos um total de cento e oitenta combatentes — era êsse o total das fôrças de guerrilhas. Foi naqueles dias que decidimos abrir uma Segunda Frente, que começou com cinqüenta homens; outra frente, perto de Santiago de Cuba, abriu-se com trinta e cinco homens; as fôrças que restaram não passavam, em conjunto, de uns cento e vinte homens, talvez menos, e os que ficaram em Sierra Maestra não chegavam a cem homens, naquela ocasião.

Pois bem: do ponto de vista militar, por exemplo, se naquele momento se houvesse derrubado a tirania, então os nossos chefes militares não teriam tido a oportunidade de adquirir a experiência que adquiriram depois. Até aquêle instante, as fôrças guerilheiras nunca haviam travado uma batalha séria, frontal, defendendo posições contra as fôrças inimigas. Havia sido, virtualmente, uma guerra de guerrilhas.

Foi na última etapa da luta, justamente depois daquele fracassado esfôrço por tomar o poder, que as fôrças guerrilheiras se viram às voltas com problemas militares

de tipo muito mais complexo e muito mais sério. Certa ocasião, tiveram que fazer face ao problema de defender um espaço do território nacional que já não podiam abandonar, porque aí se haviam instalado oficinas e a estação de rádio rebelde e tôda uma série de meios de luta que se perderiam se o território viesse a ser conquistado pelo inimigo.

Isso obrigou a opor resistência com os escassos recursos disponíveis. Vimo-nos obrigados, inclusive, a voltar a reunir tôdas as fôrças, menos as que estavam na Segunda Frente de Oriente, para resistir à ofensiva do inimigo. E contávamos apenas com uns trezentos homens, dos quais havia perto de sessenta muito mal armados, que pouco adiantavam.

Essa nova situação deu comêço a uma luta séria de defesa daquele território, que se foi reduzindo, reduzindo sempre até chegar a um ponto em que se não podia reduzir mais. Travaram-se batalhas importantes. Houve um momento em que estávamos cercados e ao mesmo tempo cercávamos as fôrças inimigas. Um batalhão inimigo cercado e o resto de nossas fôrças cercadas por outro batalhão inimigo. Acontece que os primeiros êxitos em tal situação couberam a nós. Fomo-nos fazendo mais fortes naquele setor e afinal pudemos contra-atacar. O que é certo é que travamos uma luta complexa, e como resultado dela adquirimos grande experiência; a experiência e as armas e os homens fortaleceram aquela luta, tornando possível a que iniciássemos operações mais sérias; por exemplo: a invasão de Las Villas.

É indiscutível que, sem os homens que se forjaram naqueles combates, que duraram 71 dias, difìcilmente ter-se-ia podido realizar a operação de invasão desde Oriente até Las Villas.

A INVASÃO DE ORIENTE A LAS VILLAS: UMA PROEZA

Quanto mais se analisam as condições em que essa operação se realizou, o número de homens que a efetuaram frente a um inimigo que contava com muitos recursos militares, parece cada dia mais extraordinária aquela façanha; atravessar, partindo de Oriente, tôda a Província de Camagüey (sem bosques); ter chegado até a Província de Las Villas, enfrentando condições tão desfavoráveis, foi uma autêntica proeza.

Muitas vêzes quando se fica pensando como é que isso foi possível, a explicação que ocorre é que, simplesmente, os homens que fizeram aquela travessia eram companheiros que já tinham uma extraordinária confiança em si mesmos; haviam adquirido essa confiança nos combates; haviam adquirido uma grande serenidade, uma grande habilidade e eram homens absolutamente experimentados. Isso permitiu efetuar aquela operação; aquela e uma série de outras que a princípio pareciam impossíveis.

Em suma: o prolongamento da luta põe em ação uma série de valores humanos, uma série de valores que se vão desenvolvendo com a luta, realizando tarefas cada vez mais difíceis e adquirindo uma grande experiência.

De maneira que o fato de não se ter encerrado a guerra no mês de abril, como pretendemos, mas sim no fim do ano, serviu para que a Revolução no momento de seu triunfo contasse com um grupo numeroso de companheiros que haviam sido postos à prova nos combates e haviam adquirido grande experiência.

Pode-se negar que tôda essa experiência adquirida naqueles meses tenha sido, por sua vez, da maior importância para a Revolução no momento atual? Se nós podemos dispor hoje de um grande número de companheiros competentes para as tarefas de defesa da Revolução frente

aos ataques do imperialismo; se as Fôrças Armadas da Revolução podem enfrentar os planos inimigos, as agressões do inimigo — isso se deve em grande parte ao fato de que, por ter-se prolongado a luta, capacitaram-se muitos companheiros a exercer postos de chefia no momento atual. Naturalmente não quero dizer que bastaram para tanto os conhecimentos com que saíram da guerra... o que importa é terem saído da guerra como homens experimentados, homens conhecidos que, depois da conquista do poder, puderam desenvolver-se muito mais.

Hoje temos um grande número de companheiros que participaram de tôdas essas ações de guerra, que adquiriram preparação nas academias militares, estudando fervorosamente. Naturalmente, custou-nos um pouco de trabalho. A luta de guerrilhas, que foi de onde proveio a maior parte de nossos chefes — e que em determinado momento passou a não ser mais luta de guerilhas, mas uma luta de fôrças maiores, de manobras e de posições — traz como conseqüência, para os que baseiam sua experiência nela, um certo desprêzo pelas academias, um certo desprêzo pelas teorias militares e pelos compêndios militares; atitude que era preciso vencer e nos deu algum trabalho no princípio para vencer. Mas com o tempo foi-se produzindo uma evolução no pensamento dos companheiros, uma mudança de atitude. E a realidade de hoje é que não existe um chefe revolucionário sequer que não esteja interessado em passar pelas academias, pelas escolas.

Estão, portanto, freqüentando nossas escolas companheiros de diferentes graduações, e não é estranho de encontrar-se, por exemplo, um comandante freqüentando uma escola de sargentos ou fazendo o papel de soldado; porque uma das coisas de que fazemos questão é que os chefes revolucionários também passem pelas escolas de classe, a fim de que fiquem conhecendo todos os problemas

dos homens que têm a comandar. E o fazem com entusiasmo extraordinário.

Mas o prolongamento da luta fêz com que todos aquêles homens terminassem a guerra já com bastante experiência de tipo militar, experiência que se ampliou nos meses subseqüentes.

Dei êste exemplo, do ponto de vista militar. Mas o mesmo se verifica em todos os demais aspectos de nossa Revolução, no aspecto da organização, no aspecto da solução de muitos problemas administrativos e políticos. Nós, realmente, durante a luta não tivemos grandes extensões do território a administrar. Na China, por exemplo, tôda uma série de problemas tiveram que ser resolvidos antes da tomada do poder. Inclusive, certos problemas que nós agora discutimos, já senhores do poder — como os problemas relativos às questões de arte — foram na China discutidos antes de ser o poder alcançado pelos revolucionários.

A LUTA POLÍTICA DESENVOLVEU VALORES REVOLUCIONÁRIOS

Não se pode dizer que não houvesse homens de experiência. É indiscutível que a luta política de nosso país foi desenvolvendo uma série de valores na vida pública de nosso país, de valores revolucionários e bem preparados. Mas em que condições chegou a Revolução ao poder? Como um movimento organizado, disciplinado, perfeitamente preparado para desincumbir-se das tarefas do Govêrno? Não. Chegam ao poder tôdas as fôrças revolucionárias do país integradas orgânicamente nesse movimento revolucionário? Não.

O movimento revolucionário é um só; não há dois nem três nem quatro movimentos revolucionários. Há

simplesmente um. O que há, no final de contas, é revolução e contra-revolução. Um movimento revolucionário pode ser mais limitado ou menos limitado: com uma revolução pode-se chegar até um limite de determinadas tarefas de tipo revolucionário — e não se poderá negar que sejam revolucionárias as medidas adotadas até êsse limite — mas uma vez atingido êsse ponto, a revolução se detém, e a partir de então deixa de ser realmente um movimento revolucionário. Ou então segue adiante e continua a sê-lo.

Em suma: um movimento pode ser mais radical ou menos radical. O que não pode é haver dois, três ou quatro movimentos revolucionários — isso é absurdo. São, aliás, invenções próprias da contra-revolução. Pode acontecer que a Revolução não chegue ao poder com uma organização que integre tôdas as fôrças revolucionárias. Em Cuba, as diferentes organizações revolucionárias representavam diferentes fôrças revolucionárias. No objetivo comum que unia tôdas as organizações, revolucionárias e não revolucionárias — porque contra a tirania de Batista havia também fôrças que se não podiam qualificar de revolucionárias, apesar de tomarem posição contra Batista porque êste havia significado para êles a perda do Govêrno; havia políticos das classes dominantes, das mesmas classes dominantes que Batista representava no govêrno, e êsses só se empenhavam em uma troca nominal no poder. Por exemplo, os políticos afastados do poder, por ocasião do golpe de 10 de março. Todo aquêle grupo político que era encabeçado pelo célebre Senhor Carlos Prio Socarrás era um grupo que representava no final de contas os mesmos interêsses que Batista representava. Êles, como agentes do imperialismo, vestidos à paisana; e Batista, como agente do imperialismo, com um aparato militar de fôrça e opressão.

Tôda essa gente... Que pensava fazer, quando chegasse ao govêrno? Será que pensavam em fazer algo diferente do que haviam feito? Vamos fazer de conta, não mais que por um segundo, que o grupo de Prio, Tony Varona e tôda essa gente houvesse chegado ao poder. Naturalmente, isso seria virtualmente impossível: gente como Prio, Tony Varona e outros passariam dez ou doze anos no exílio e acabariam reincorporando-se à vida política nacional depois de entrar em entendimento com Batista, conformando-se com algumas cadeiras no Senado, algumas prefeituras, com um ou outro govêrno estadual — e era assim que acabaria a coisa. Mas imaginemos, hipotèticamente, que essa gente houvesse de novo tomado o poder, que empolgasse o poder, novamente, em nosso país.

Que teriam feito? Que teriam feito de *diferente* do que fizeram nos anos em que estiveram no poder? Fariam exatamente o mesmo: servir aos interêsses do imperialismo e servir aos interêsses da alta burguesia nacional, na medida em que êsses interêsses não entrassem em choque com os interêsses do imperialismo, bem entendido; porque os interêsses do imperialismo — ou seja, dos monopólios estrangeiros— tinham aqui em nosso país uma consideração privilegiada, mesmo em relação aos interêsses da alta burguesia nacional.

Essa gente uma vez no poder ter-se-ia limitado simplesmente a fazer o mesmo que havia feito antes. Não teriam proclamado uma única lei revolucionária; não teriam sequer promovido a redução dos aluguéis, como o fêz a Revolução, nem muito menos nacionalizado as indústrias estrangeiras, ou feito alguma reforma agrária ou reforma da educação, ou reforma de coisa alguma; o que essa gente teria feito, todo mundo o sabe.

Teriam feito o que fizeram: roubar. Ou seja, tratariam de cobrar-se bem pelos serviços que iam prestar aos

interêsses econômicos dominantes. Teriam mantido um exército profissional, aparelhos de repressão, teriam mantido o sistema social existente, e nada mais.

Em suma: havia contra Batista um grupo representativo dos interêsses econômicos dominantes e do imperialismo, e êsse grupo só lutava contra Batista porque lhe ambicionava o lugar no Govêrno; não achavam direito que quem estivesse roubando fôsse Batista e sua camarilha... e não êles!

Por conseguinte, essa gente também era contra Batista.

CONTRA BATISTA NÃO FIZERAM ABSOLUTAMENTE NADA

Que fizeram contra Batista? Não fizeram nada, absolutamente nada. Cuidaram de comprar armas e de expedí-las para cá. Muitas vêzes conseguiam introduzí-las no país com êxito, mas nunca tinham o menor êxito em usá-las; nunca as usaram.

Todo o mundo está lembrado dos enormes carregamentos de armas que êles introduziram no país e que a polícia apreendia. Quando estávamos, nós, começando a organizar o movimento revolucionário, a preparar alguns homens jovens, muitas vêzes nos púnhamos na expectativa, a ver se todos êsses "pseudo-homens" da vida pública, efetivamente, fariam algo contra a ditadura de Batista. Tinham armas, tinham dinheiro, tinham tudo: o que não tinham era qualquer desejo de lutar, essa é que é a verdade. Estavam simplesmente brincando de revolução. Por exemplo: êles introduziam as armas no país; procuravam as pessoas; mostravam-lhes as armas; havia uma porção de grupos, atuando exatamente da mesma forma por que faziam política nos bairros, os indivíduos com uma me-

tralhadora ou mesmo duas, escondidas, e em seu bairro saíam à procura de gente para lutar contra Batista. E como conquistavam essa gente? Mostrando simplesmente as metralhadoras. Mas, na realidade, tratava-se da política clássica transferida para o campo insurrecional; e se, então, havia quem andasse fazendo política de metralhadora em punho era porque, afinal de contas, todos estavam pensando em fazer as coisas voltarem ao que era antes, tão logo Batista fôsse derrubado.

Nós recrutávamos gente jovem, cuidando de selecionar entre os elementos jovens que conhecíamos aquêles que mostrassem maior seriedade, maior disposição, maior vocação, mais sincera disposição revolucionária. Acontecia aparecerem, em certas ocasiões, no local onde tínhamos um núcleo organizado, os elementos de Prío, de Aureliano, os "autênticos" — carregando uma metralhadora.

Nós, em primeiro lugar, não possuíamos metralhadoras; e, em segundo lugar, se as houvéssemos possuído não as teríamos podido mostrar, pois é uma coisa que nem se concebe, o que aquela gente fazia: tinham, por exemplo, um galpão repleto de armas e quando queriam fazer proselitismo entre os nossos, diziam a um dêles: "Mas como é que você se junta a essa gente que não tem armas, que não tem nada?!" E então levavam-no até a casa onde estavam guardadas trinta M-1, quarenta metralhadoras... Eu me lembro que com êsse procedimento conquistaram alguns dos nossos para o seu grupo.

Houve muita gente, inclusive séria e com disposição para lutar, que se uniu a êles como se uniria a qualquer organização que tivesse armas para mostrar, em seu impulso desesperado por combater Batista, ante os crimes e os abusos que se estavam cometendo. O grupo dêles contou, assim, com muita gente que — como mais tarde ficou patente — estava disposta a lutar. Mas a imensa

maioria, a direção de todo aquêle movimento era um grupo de pessoas que só tratava de fazer política com armas.

Foi essa uma etapa por que tivemos que passar aqui. Êles tomaram de nós alguns elementos. Êsses elementos nós adestrávamos, conversávamos com êles, explicávamo-lhes o que era a Revolução, o que nos propúnhamos a fazer; mas os meses se iam passando e como êles se desesperavam, acabavam por vincular-se a qualquer grupo que lhes oferecesse armas. Se algum dia o tópico de uma destas conferências fôr, digamos, questões insurrecionais, poderei contar muita coisa sôbre a experiência interessantíssima que resultou daqueles dias em que nos estávamos organizando...

Relembrarei em primeiro lugar nossa atitude; no primeiro momento, foi uma atitude de quem estava disposto a colaborar com qualquer movimento, animado a lutar pela derrubada de Batista, porque isso para nós era essencial. Também passamos meses com as esperanças postas nessa gente.

Ninguém poderá esquecer de que havia uma porção de líderes políticos de prestígio popular, e ainda com recursos; outros tinham prestígio mas não tinham recursos e vice-versa. Nós ficamos uma certa época observando o que acontecia, dispostos a colaborar com qualquer movimento; ou seja, principalmente levando em consideração o fato de que na Universidade se havia criado um foco de rebeldia. Pensávamos que aquêle movimento pudesse organizar-se em tôrno das fôrças universitárias.

QUANDO NOS DECIDIMOS A ORGANIZAR UM MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO!

Não decidimos organizar um movimento revolucionário até estarmos convencidos de que realmente nos en-

ganavam. Convencemo-nos de que aquilo tudo não passava de loucura, pois na verdade essa etapa foi de verdadeira loucura: as pessoas desesperadas inscreviam-se em qualquer organização; havia vinte organizações; houve a "reunião de Montreal", tôda uma série de... nem gosto de lembrar! Uma divisão terrível.

Foi então que resolvemos começar a organizar um movimento revolucionário, já com as idéias que mais adiante, com o triunfo da Revolução, se realizaram em tôda a linha. Convencemo-nos de que de tudo aquilo não sairia absolutamente nada, a não serem ilusões para uma parte do povo; convencemo-nos inclusive de que a tática estava errada.

Todo aquêle plano de organizar um exército para tomar os quartéis e derrubar Batista em vinte e quatro horas, parecia-nos um absurdo. Em nosso país, que sequer tinha antecedentes ou tradição de instrução militar, aquêles civis chamados a combater nas ruas contra um exército que, por muito profissional que fôsse, era um exército que tinha disciplina e preparo técnico, que tinha aviões, tanques, armas de todos os tipos, com mais organização e mais experiência — não me refiro à experiência bélica, mas à experiência de matar gente nas ruas e dispersar grupos de manifestantes pela violência — aquêles civis seriam forçosamente derrotados em tais circunstâncias, num movimento de tipo *putschista,* como era o que se estava planejando. Não era sequer um tipo de insurreição que se fizesse acompanhar de uma condição indispensável para derrotar um govêrno — por exemplo: um movimento de massas poderoso, ou seja uma greve geral. Não existiam condições objetivas para organizar-se uma greve geral. Era uma operação que não passava de aventura. Nós nos convencemos de tudo isso e foi então que

pensamos em iniciar outro tipo de luta, aquêle que acabamos realizando: a tomada de um quartel.

Quando naquela época alguém me vinha contar que tinha sido levado a visitar um dos tais "arsenais", e me falava das armas que tinha visto ("50 M-1"! 60 "Garands"!"), lembro-me que o argumento de que eu me servia para lhe responder (não sei se era muito convincente) era o seguinte: "Pois eu sei de lugares onde há mais de 50 "M-1"; há lugares onde estão guardados mil fuzis, todos lubrificadinhos e arrumadinhos. Não é preciso comprá-los, não é preciso transportá-los para Cuba, não é preciso limpá-los, não é preciso ter trabalho nenhum com êles. O único que é preciso fazer é ir lá e apanhá-los". Não podia haver dúvidas de que num quartel haveria muito mais armas do que seria possível obter trazendo-as em tonéis de petróleo, etc.

Não sei se conseguia convencer muito as pessoas com êsse argumento; em todo o caso, empenhamo-nos por conseguir as primeiras armas para ver depois como se haveria de obter as segundas armas e como iniciaríamos a luta revolucionária com essas segundas armas.

Nossa intenção foi sempre: primeiro, tentar sublevar uma região e procurar mantê-la; no caso de não dar certo essa operação, então partir para as montanhas com tôdas aquelas armas e iniciar luta nas montanhas.

Nossa opinião era de que as condições revolucionárias tinham que ser criadas em primeiro lugar, e que o jeito de criá-las era lutando. Acertamos ao darmo-nos conta de que era possível travar êsse tipo de luta e, dentro das condições existentes, levar adiante a luta com sucesso. Com essa concepção, cometemos tão-sòmente um equívoco. Sabem qual? A crença de que, para iniciar êsse tipo de luta, fazia falta mais recursos do que na realidade eram necessários. A realidade ensinou-nos mais tarde o seguinte: pensávamos que era preciso reunir cen-

tenas de homens armados para começar a luta; ora, acontece que não conseguimos reunir êsses efetivos e vimo-nos obrigados a iniciá-la com menos de cem homens — e a lição que tiramos foi que, mesmo tendo que realizá-la com muito menos de cem homens (com dez ou doze homens) era possível começar a luta. Fôsse real êsse equívoco, e não teríamos planejado a tomada do Quartel Moncada, mas sim a tomada do quartel de Bayamo que ficava pertinho das montanhas de Sierra Maestra. Com as fôrças que empregamos no ataque ao Quartel Moncada teríamos com tôda certeza podido tomar o de Bayamo. E não teríamos enfrentando tantas dificuldades como tivemos que enfrentar para reunir armas para 82 homens; não teria sido precisa tanta agitação. Essa agitação tinha três objetivos: 1.º) paralisar a ação dos elementos politiqueiros que se estavam esforçano tremendamente por levar o país a uma solução de pacto e de composição eleitoral — ou seja, uma solução não revolucionária; 2.º) erguer o espírito revolucionário do povo; e 3.º) reunir os recursos necessários mínimos de que necessitávamos para prosseguir com o movimento revolucionário.

Quanto a combater as manobras eleitorais daqueles tempos e a política entreguista — estava certo; fazer tudo que fôsse necessário para erguer o espírito revolucionário do povo — também estava certo. O que na realidade não estava certo era imaginar que para começar a ação fôsse necessário dispor de abundantes recursos — na verdade, muito menos recursos teriam servido perfeitamente.

Pois bem. Por que sustentávamos tal tática? Alguém pode conceber que se consiga conquistar o poder revolucionário com um punhado de homens? Nós nunca concebemos tal coisa. Tôda nossa estratégia revolucionária estava relacionada com a concepção revolucionária que tínhamos, isto é: sabíamos que ùnicamente com o apoio

do povo, com a mobilização de massas, podia-se conquistar o poder. Não pensávamos em conquistar o poder com dez, com doze, ou cem homens; pensávamos, através da ação guerrilheira, ir criando condições e desenvolvendo a luta revolucionária até o momento em que a luta se convertesse em luta de massas e, conquistar o poder, simplesmente, com o apoio da massa — como afinal aconteceu. É indiscutível que a conquista do poder revolucionário obedeceu fundamentalmente ao apoio de massas.

NOSSO POVO ANSIAVA POR UMA MUDANÇA REVOLUCIONÁRIA

Nós simplesmente traçamos o plano de como aproveitar as condições objetivas existentes, em primeiro lugar o regime de exploração existente em nosso país: a situação dos camponeses. A ninguém ocorreria, pelo menos a mim não me passaria pela cabeça — muito embora passe pela cabeça de contra-revolucionários; a melhor prova disso é que há contra-revolucionários a quem ocorre querer fazer uma revolução da mesma maneira por que nós a fizemos — iniciar uma luta revolucionária em um país onde não existissem latifundiários; ou seja, uma luta revolucionária de guerrilhas nos campos em um país onde não existissem latifundiários; em um país onde os camponeses fôssem donos das terras; em um país onde existissm cooperativas e granjas do povo, onde existisse pleno emprêgo para tôda a população. Semelhante idéia não nos teria ocorrido.

Em nosso país as condições do campo eram as que todo mundo conhece. Os camponeses, os que não eram "precaristas" eram arrendatários; os "precaristas", em terras do Estado, eram constantemente vítimas dos "despejos" e dos abusos; os trabalhadores dos canaviais tra-

balhavam três ou quatro meses na safra, e dois ou três meses em tempo morto. O desemprêgo, no campo, era enorme; a população do campo tinha que vir para a cidade, onde, por sua vez, também havia desemprêgo. A situação de todos os que não eram "precaristas", era de arrendatários. O arrendatário de café tinha que pagar a têrça ou quarta parte; o arrendatário de tabaco, o "aparceirado" de tabaco tinha que pagar também 25% ou 30% de sua colheita; o de cana-de-açúcar tinha que pagar menor percentagem, e mesmo assim resultava uma quantia muito alta devido ao valor em bruto da cana; tinham que pagar pelo menos 5% sôbre o valor bruto da cana. Os camponeses, nas transações que faziam, eram vítimas de todo tipo de exações, de especulações; compravam-lhes barato; os especuladores aproveitaram-se da situação especial dos camponeses para explorá-los miseràvelmente. As mercadorias no campo vendiam-se caríssimas. Os produtos dos camponeses compravam-se baratíssimos. Era essa a situação no campo. Os plantadores de café estavam nas montanhas. Quem colhia o café? Milhares de homens e mulheres dos canaviais, dos latifúndios da cana-de-açúcar que não tinham trabalho durante o tempo morto e então iam colhêr café nas montanhas. O café cultivava-se nas montanhas porque os camponeses, desalojados pelos latifúndios de cana e de gado, se tinham refugiado nas montanhas, e ali plantaram café. Não foi porque o café crescesse exclusivamente nas montanhas: foi o único lugar onde êles puderam viver e sobreviver.

Entretanto, quando chegamos a Sierra Maestra, era evidente que havia certos tipos da luta que ainda não havíamos organizado; ou seja, sequer havíamos feito um estudo geográfico de Sierra Maestra; sequer havíamos efetuado uma organização prévia em Sierra Maestra. Em suma, não se podia começar a luta em condições piores.

Talvez seja bom insistir nesses fatos, para que sirvam de exemplo a outros povos explorados. Devemos dizer que não conhecíamos sequer um camponês de Sierra Maestra e, inclusive, as únicas noções que tínhamos sôbre Sierra Maestra eram as que havíamos aprendido nos livros de geografia; e estou certo de que, se se perguntar a qualquer um dos que estão aqui o que foi que aprenderam nos livros de geografia sôbre Sierra Maestra, não saberão dar o nome de nenhum rio que corra por Sierra Maestra. É possível que saibam que o Cauto nasce por ali, e o Contramestre e o Yara. E o que sabíamos do Yara era a canção sôbre o Rio Yara, nada mais.

Eram, como se vê, condições muito difíceis; no entanto, a verdade é que onde existem condições objetivas favoráveis pode-se processar a revolução; e sòmente sôbre a base de condições objetivas é possível, em dado momento histórico, fazer uma revolução. Ficou isso mais uma vez plenamente demonstrado pelo fato mesmo que mencionamos, ou seja, que em nosso caso as outras circunstâncias, subjetivas, faltaram por completo. Nós nos lançamos à luta partindo de uma série de suposições, suposições que eram reais.

Quer dizer: partimos do pressuposto do regime social de exploração existente em nosso país e da convicção de que nosso povo estava desejoso de uma mudança revolucionária. Mesmo que o não estivesse de maneira muito consciente, mas a verdade é que estava ansioso por uma mudança revolucionária. Manifestava-o em seu descontentamento geral; no fato de que uma bandeira de rebeldia imediatamente encontrava apoio em amplos setores do povo, no espírito rebelde do povo, no grau de amadurecimento de consciência política de nosso povo, apesar de todo o confusionismo, de tôda a propaganda e de tôdas as mentiras do imperialismo e da reação.

Nós partimos dêsse pressuposto; êsse pressuposto era real e, justamente por ser real, cumpriram-se as esperanças, as possibilidades que havíamos entrevisto. Daí se tira a primeira lição: que não pode haver revolução, em primeiro lugar, se não há circunstâncias objetivas que num dado momento histórico facilitem e promovam a revolução. A revolução não pode nascer da mente dos homens. Darei um exemplo mais claro e mais evidente: Vamos supor que Marti houvesse nascido, não em meados do século XIX mas sim em meados do século XVIII. Nesse caso, não teria êle desempenhado o papel com tôda a sua extraordinária inteligência, na época em que viveu e desenvolveu sua ação revolucionária sôbre condições realmente objetivas para iniciar uma luta que não teria podido começar um século antes.

Lênin. Vamos supor que Lênin houvesse nascido em fins do século XVIII: de maneira alguma teria êle desenvolvido as teorias que desenvolveu como dirigente do proletariado russo, como intérprete do marxismo, pois sequer existia o marxismo no século XVIII; e Marx, por sua vez, se houvesse nascido no século XVIII, em meados do século XVIIII, teria feito possìvelmente o que fizeram Voltaire, Diderot e todos aquêles intelectuais, porque não podia ser intelectual de uma classe que não existia; criador da doutrina de uma revolução que se não podia realizar.

UMA SÉRIE DE CIRCUNSTÂNCIAS FAVORECERAM O MOVIMENTO

As revoluções não nascem da mente dos homens. Os homens podem interpretar uma lei da História, um momento determinado do desenvolvimento histórico. Fazer uma interpretação correta é impulsionar o movimento revolucionário, e em Cuba nosso papel consistiu em impulsionar êsse movimento, com base na apreciação de uma série de condições objetivas. Naturalmente, a análise não se pode fazer assim tão simplista, uma vez que havia outra série de circunstâncias que favoreciam o movimento revolucionário iniciado por nós; certas circunstâncias que faziam com que, em primeiro lugar, não fôssemos tomados em consideração; em segundo lugar, muita gente pensava que éramos românticos; que iríamos morrer ali; em terceiro lugar, muitos pensaram que éramos ambiciosos; em quarto lugar, pensaram que o grupo de dirigentes revolucionários era um grupo de dirigentes conservadores ou de idéias não radicais.

É indiscutível que se nós, quando começamos a ter fôrça, houvéssemos granjeado a reputação de revolucionários muito radicais... é indiscutível que a classe social que hoje nos combate ter-nos-ia guerreado desde então — e não sòmente a partir do momento em que alcançamos o poder.

Há uma série de circunstâncias que favorecem o papel dos que iniciamos o movimento guerrilheiro nas montanhas, sôbre uma base objetiva.

Que encontramos em Sierra Maestra? Encontramos os primeiros camponeses que quiseram juntar-se a nós, alguns poucos camponeses, muito esporádicos; primeiro os reveses, a dispersão; alguns camponeses que ajudaram a reunir os restos daquelas fôrças. Êsse grupo de camponeses — muito reduzido — ajudou-nos a entrar mais para o interior de Sierra Maestra; e então começaram a incorporar-se outros camponeses.

Mas qual a situação entre a maior parte dos camponeses, naquele momento? 1.º) Um terror enorme em relação ao exército; 2.º) Era difícil que concebessem que o grupinho minúsculo de gente faminta, mal vestida, com poucas armas, pudesse derrotar tôda a fôrça que se movia

em caminhões, trens, aviões, que tinha tantos recursos. Isso fazia com que, nos primeiros tempos, nós nos encontrássemos em condições muito precárias, muito difíceis; tínhamos, inclusive, muitas vêzes que nos mover sem que a população nos visse. Por quê? Porque sempre, em uma aldeia ou num grupo de cem pessoas, havia um partidário de Batista, um "bolitero", um pelego, algo no gênero; e mesmo que não nos vissem, podiam informar-se a nosso respeito ao saberem que por ali havia passado um grupo de gente armada; e logo, o exército ficaria sabendo.

Nós, porém, conseguimos passar despercebidos até chegarmos à zona de La Plata. Que encontramos ali? O exército havia aproveitado o motivo de nossa expedição, que já dava por liquidada inteiramente, para cometer violências e abusos tremendos.

Havia ali, naquela época, entre os camponeses uma certa resistência contra — a *Viti* — uma companhia dona de uma fazenda, dona do "central" Media Luna, dona de milhares de "caballerias" de terra na zona de Niquero, nas proximidades; e ali mesmo dona de grandes extensões de terra. Era dona, inclusive, do Pico Turquino!

Havia ali uma "trocha'. "Trocha" é o marco divisório pôsto pela companhia e que: "Daqui de dentro todo mundo tem que sair, e ninguém pode entrar". A história do desalojamento dos camponeses sempre estêve associada ao problema dessa "trocha". Ali havia uma "trocha" e já os camponeses estavam lutando contra êsses marcos divisórios; havia ali um movimento de camponeses — naturalmente ainda muito embrionário. — Receberam-nos bem.

Foi por aquêles dias que planejamos nossa primeira operação.

Eu quero fazer constar o seguinte: que no dia em que tomamos o primeiro quartel, que foi o de La Plata,

num dia 17 de janeiro, pela madrugada, atacando de surprêsa uma patrulha mista de marinheiros e soldados, em número de 12 — ao passo que éramos dezessete... surpreendemo-los e vencemo-los, ficando de posse de tôdas as armas. Nesse dia saiu nossa fôrça, depois dessa operação, reforçada de mais doze homens. Dirigimo-nos então para o Rio Palma Mocha, ou seja, para leste, através da costa, voltando a internar-nos no país, junto ao Pico Turquino.

Quando chegamos, pela manhã, uma enorme caravana de camponeses vinha descendo das montanhas. Êsses camponeses, que estavam a uns dez quilômetros do lugar onde havíamos levado a cabo a operação, não tinham sabido de nada do que acontecera. Nós lhes perguntamos: que foi que houve?... Naturalmente, já sabíamos qual era a causa daquela gente estar descendo da montanha, em caravana, por um "prático" capturado por nós dentre os que haviam estado com a patrulha... Porque, nós, antes de atacar o quartel, capturamos o "prático" e o interrogamos, e ficamos sabendo que um tal de Cabo Basol havia andado pelo Rio Palma Mocha dizendo aos camponeses que se fôssem dali, porque o lugar iria ser bombardeado no dia seguinte. Aquela patrulha se estava alojando em casa do capataz da companhia *Viti;* tinham-se servido da presença de nossa expedição como um pretexto — e, aliás, já a davam por liquidada — ninguém sabia que estávamos por ali. Aproveitaram tal pretexto para desalojar os camponeses. Nenhum avião havia bombardeado nada, nem ia bombardear nada, e era absurdo bombardear à toa a região. Entretanto, por tôda a extensão do Rio Palma Mocha até a encosta do Rio Turquino, o Cabo Basol dissera aos camponeses que iria haver bombardeio no dia seguinte. Isso com o objetivo de fazer com que os camponeses abandonassem suas casas; depois,

com uma patrulha, queimariam tôdas as casas e os camponeses seriam, assim, sumàriamente expulsos.

Imaginem só: quando, nós, subindo o Rio Palma Mocha, ao amanhecer, vimos uma coluna comprida de camponeses, alguns com sete, dez filhos, perguntei-lhes: "descem por quê?" e êles respondem: vão bombardear aqui"; e eu lhes digo: "É mentira! Como é que vocês podem acreditar nisso, se ninguém sabia ontem que estávamos aqui! Ninguém sabia que íamos atacar êsse quartel. O ataque fêz-se de madrugada? Disseram isso para forçarem vocês a abandonar essa região. Voltem para lá outra vez..."

Imaginem só: os camponeses quando nos viram ali e sabendo que havíamos atacado um quartel, ficaram ainda mais convencidos de que iria haver bombardeio. Muito poucos foram os que subiram de volta. Porque, imaginem um pouco: um cabo da Marinha sobe e lhes diz: "mudem-se, que vão bombardear aqui". E no dia seguinte, de manhãzinha, quando estão descendo, encontram uma patrulha de revolucionários que tomou um quartel e vai justamente acampar ali... Como podiam ainda ter dúvidas de que aquilo ia ser bombardeado? Não bombardearam porque era absurdo bombardear um lugar de muitos quilômetros quadrados de superfície e ainda por cima cheio de florestas, sem saber onde podia haver-se escondido uma patrulha. Mas aproveitaram o pretexto para desalojar da região os camponeses.

Quando depois nos transferimos para a zona de San Lorenzo, que encontramos ali? Camponeses também atemorizados, porque se dizia que uma companhia de certa gente de Maffo, uns armazenadores de café de Maffo... iriam expulsá-los, pois estavam de posse dos títulos de propriedade de tôdas aquelas terras. Por onde quer que passássemos, sempre constatamos que os camponeses estavam às voltas com uma questão, um processo, um problema de desalojamento; pois até mesmo os que não estavam por ser desalojados, viviam com o temor de vir a sê-lo.

TRABALHO POLÍTICO ENTRE OS CAMPONESES

Naturalmente, começamos a fazer um trabalho de politização entre os camponeses; a explicar-lhes quais os objetivos da Revolução. Mas o problema dos camponeses não era só que os latifundiários quisessem tomar-lhes as terras; e na verdade tomavam-nas, tomaram-nas em diversos pontos do país... O problema era também que êsse camponês tinha cultivado terras nas montanhas, à custa de duras penas; havia lugares nas montanhas que nem os cabritos podiam alcançar; e, no entanto, os camponeses tinham dado um jeito de plantar café ali.

Considerávamo-lo um tipo de trabalhador verdadeiramente heróico. Como trabalhava? Trabalhava na planície quinze dias, juntava quinze ou vinte pesos, comprava sal, um pouco de manteiga, e voltava para a montanha; e assim durante anos, enquanto colhia os primeiros grãozinhos de café. Ninguém o ajudava. E não só isso: quando o camponês fazia o desbaste de um pedaço de montanha, logo lhe aparecia o guarda rural... E se não lhe aparecia a guarda rural, aparecia um encarregado de "Jefe de Puesto" mais próximo, encarregado de cobrar uma quantia de dinheiro pelo desbaste, em benefício seu.

Êsses mesmos camponeses tinham o problema de, ao vender o café, só obterem treze ou catorze pesos; faziam empréstimos, pagando juros altíssimos. Já existia o BANFAIC; claro, já existia o BANFAIC, mas o BANFAIC... a quem o BANFAIC dava dinheiro? O BANFAIC dava dinheiro ao camponês que tinha uma colheita,

ao indivíduo que havia tido dinheiro, ao quase capitalista, ou ao que com mil trabalhos havia podido plantar meia "caballeria" e já colhia cem quintais. Ao que colhia cem quintais davam ajuda, mas ao que não colhia um quintal — e era o caso da maioria dos camponeses da Sierra — não lhe davam dinheiro, porque não tinham título de propriedade (o BANFAIC exigia título de propriedade da terra; exigia igualmente que o camponês tivesse já uma colheita, que colhesse cereais, sem o que não lhes dava dinheiro)... Era essa a situação do camponês.

E, inclusive, quando aparecia a guarda rural, esta sempre voltava com pelo menos um galo de primeira, quando não levava o leitãozinho também e o resto.

As mercadoiras vendidas aos camponeses eram a preços caríssimos. Não havia uma escola; não havia um professor. Naturalmente, se essa gente tivesse sabido, desde muito antes, o que teria podido fazer, é possível que com seis rifles apenas se tivesse tornado independente nas montanhas! Porque as condições eram ótimas. Para qualquer camponês era muito melhor a sorte de pegar um fuzil e rebelar-se, do que ter que estar sendo expulso das terras, passando o trabalho e a miséria que passavam.

Foram essas as condições com que nos deparamos em Sierra Maestra, isto é, com condições objetivas. Tudo o mais: organização de aparato político, organização de aparato militar, tudo, estava por fazer. O mesmo acontecia na planície. Na planície formou-se organização correspondente, mas era uma organização muito embrionária, muito nova e, naturalmente, não podia ter a disciplina de uma organização revolucionária lavrada em muitos anos de luta.

É indiscutível que na planície muita gente jovem lutou, sacrificou-se, arriscou a vida heròicamente. Mas,

naturalmente, era uma luta de tipo heróico, sem que pudesse estar em correspondência com os frutos que, naturalmente, começávamos a colhêr nas montanhas.

CENÁRIO DE LUTA: AS MONTANHAS

O cenário de luta eram as montanhas. Começou, então, para nós a tarefa de organizar o movimento guerrilheiro, dando-lhe experiência, adquirindo experiência, e ao mesmo tempo ganhando, conquistando para a Revolução as massas camponesas. Era perfeitamente lógico que nas condições objetivas que existiam em Sierra Maestra, o trabalho revolucionário se desenvolvesse a ponto de contar com o apoio — como chegou a contar — *unânime* pràticamente dos camponeses de Sierra Maestra.

Já se contava com aquela fôrça social, embora dotada de poucas armas e enfrentando tôda uma série de dificuldades. A luta seguiu desenvolvendo-se por todo o país. A luta guerrilheira estendeu-se nacionalmente, primeiro na Segunda Frente de Las Villas, depois na Segunda Frente de Oriente. A tática que empregávamos havia triunfado. Os fatos haviam demonstrado que aquêle caminho, em determinadas condições, era correto. Abandonavam-se as táticas de tipo *putschista*, de organização de fôrças para tentar conquistar o poder em luta frontal, desvantajoso contra as fôrças armadas. A tática que preconizávamos servia para desgastar as fôrças da tirania.

Naturalmente, não é preciso dizer que temos tremenda fé na luta de guerrilhas. Cremos na luta de guerrilhas nas condições de nosso país, que é similar às condições de muitos países da América Latina — e não vá ninguém pensar que ao dizermos isso estamos promovendo... (Aplausos).. vocês não me deixaram terminar — o fato é que cremos muito sèriamente na luta de

guerrilhas, e temos êsse direito porque tivemos essa experiência.

Naturalmente, sabemos que quando essa convicção chegar a outros povos igualmente oprimidos pelo imperialismo e pelas camarilhas a serviço do imperialismo, pelas castas militares, igualmente explorados pelos latifúndios, outro povo onde aconteça exatamente o mesmo que acontecia em Cuba, com camponeses famintos, explorados, sem terra, sem escolas, sem médicos, sem créditos, sem ajuda de qualquer espécie.. quando se convencerem daquilo de que nos fomos convencendo — e nos convencemos, principalmente, por fôrça da realidade dos fatos — estou certo de que não haverá fôrça imperialista, nem reacionária nem casta militar, nem mesmo o exército da OTAN que possa na verdade fazer frente ao movimento revolucionário.

Achamos que acertamos com a tática adequada às condições de Cuba. Tanto assim que os inimigos também procuram lançar mão dela, mas com uma diferença: vão querer fazer uma revolução entre camponeses quando já não existem mais latifundiários, quando se acabaram os arrendamentos, quando já há um professor para cada bairro, quando há hospitais, médicos, créditos, ajuda, quando se acabaram os intermediários, os especuladores, o sistema de exigir as colheitas como garantia. Em suma: em condições que são absolutamente o inverso daquelas em que fizemos a nossa revolução.

Fizemos uma revolução em condições determinadas. Os contra-revolucionários querem fazer uma guerra em condições que são o inverso das condições com que lutamos. Como então não lhes há de acontecer o que invariàvelmente tem acontecido? E em Sierra Maestra e nas outras zonas em que quiseram formar grupos contra-revolucionários, o que aconteceu foi que sempre ficaram fora de combate em menos de quarenta e oito horas.

TÔDA A CIÊNCIA MILITAR DO PENTÁGONO VAI QUEBRAR-SE DE ENCONTRO À REALIDADE

Isso quer dizer: copiaram uma parte, sem copiar a outra, pois a outra não é coisa que se possa copiar. Mas a idéia de formar guerrilhas, até os inimigos copiaram, até a reação. O Pentágono também copiou a idéia, mas pelo reverso da medalha. Nós não temos que copiar nada: deixamos que as coisas tomem o seu rumo, simplesmente, e observamos o que acontece. Sabemos que tôda a ciência militar do Pentágono se vai arrebentar de encontro à realidade. A realidade são as condições em que vivem os povos da América Latina.

Só haveria uma forma de combater a guerrilha revolucionária, que é o desaparecimento do imperialismo, de seus monopólios e de sua exploração. (*Aplausos*). Por isso ninguém precisa afligir-se quando ouvir dizer que o General Taylor, ou qualquer outro general que tenha estado na Coréia ou seja onde fôr, está formando uma escola antiguerrilheira no Panamá ou na Argentina. É pura perda de tempo.

Em duas palavras: êles têm mêdo. Demonstram que realmente têm mêdo. Mas incorrem na ilusão de acreditar que se trata de algo que pode ser evitado, a luta revolucionária dos povos. Frente à luta revolucionária dos povos não há remédio de espécie alguma; ùnicamente o remédio do desaparecimento das causas que levam os povos à revolução — por isso a gente só tem que rir de tôdas as escolas de Taylor. Estamos seguros de que um punhado qualquer de homens que se lance à luta, em países onde as condições objetivas sejam as mesmas que as que existiam em Cuba — e não me refiro a nenhum país em particular (*aplausos*) — cumprindo as regras que deve cumprir uma guerrilha... estamos absolutamente certos de que seriam as centelhas que acendem a chama.

Na verdade, fomos como que um fósforo, um fòsforozinho aceso num palheiro — não digo em um canavial, porque isso de fósforo em canavial é coisa séria — um fósforo num palheiro. Nisso consistiu o movimento guerrilheiro, dadas as condições que existiam em nosso país. Pouco a pouco a luta se foi convertendo em uma luta de todo o povo. Ampliou-se, naturalmente. Foi o povo, o povo inteiro, o único ator nessa luta e o fator decisivo: foram as massas que decidiram a contenda.

Quando a tática começou a merecer confiança, imediatamente o povo começou a aderir ao movimento; começaram a unir-se todos os revolucionários e o movimento converteu-se na tática e na luta de todo o movimento revolucionário cubano, de todos os revolucionários. E finalmente na luta de todo o povo.

Já na etapa final, em fins de dezembro, as fôrças da tirania estavam bastante enfraquecidas.. Mas que é que torna possível ao movimento revolucionário evitar o que hoje estão fazendo em São Domingos, por exemplo? Evitar o que sempre procurou fazer a reação e o imperialismo em todos os pontos da América? Sòmente uma consciência revolucionária partilhada por todo o povo, sòmente uma participação ativa das massas.

Que foi que liquidou a manobra da embaixada americana e da reação? Simplesmente a greve geral. Não era preciso disparar mais um tiro. Êsse era o momento adequado para articular a greve geral.

NOSSA PRÓPRIA REVOLUÇÃO PODE DAR EXEMPLOS

Indiscutìvelmente, em nosso caso, havíamos ordenado a greve geral em ocasião muito prematura. Que quer isso

dizer? Quer dizer que predominaram os critérios subjetivos; não levamos em conta as condições objetivas.

Nossa própria revolução serve para exemplificar. Queríamos que essas condições já estivessem formadas e prontas. Queríamos que com uma simples ordem se deflagrasse a greve geral e se derrubasse a tirania. Isso queríamos, isso desejávamos. Transportamos nossos desejos para a realidade, fiando-nos principalmente em nossa imaginação.

O que é que tem de fazer um revolucionário? Deve interpretar a realidade. Nós não interpretamos essa realidade e cometemos um equívoco. O resultado foi que não houve tal greve, devido a não estarem as condições completamente maduras; devido à tática empregada; mas, fundamentalmente, devido a não estarem maduras as condições: a fôrça militar da Revolução era então de duzentos homens.

Quando se lançou a ordem de greve geral pela segunda vez, já tínhamos províncias inteiras isoladas, unidades completas do inimigo destruídas, o inimigo estava realmente destroçado; antes o inimigo sempre havia atravessado o território que bem desejara e sempre havia dominado a situação no país. O momento em que se lança a ordem é o adequado e, então, se cumpre simplesmente a estratégia: a conquista do poder revolucionário com as massas. Era isso o que diferençava um movimento verdadeiramente revolucionário de um golpe de Estado.

Que fator havia mobilizado as massas? A luta guerrilheira converteu-se no fator que mobilizou as massas, que aguçou a luta, a repressão, aguçou as contradições do regime, e, dêsse modo, o povo veio a tomar o poder. Toma-se o poder com as massas. Essa foi a primeira característica fundamental. Quer dizer: foram-se cumprindo assim as leis revolucionárias, uma a uma. Primeiro, a conquista do poder pelas massas. Segundo, a

liquidação do aparato bélico, da engrenagem militar que sustentava todo aquêle regime de privilégio.

Que é que procuram a reação e o imperialismo? Que é que fazem por conservar em qualquer crise? A história da América Latina está cheia de exemplos: o que ambos se empenham em conservar a todo custo é o aparato militar, a engrenagem militar do sistema. Nem ao imperialismo, nem às classes dominantes importa, em última análise, quem está como presidente, quem está como deputado, quem está como senador.

Naturalmente, interessa ao imperialismo e à reação, se fôr possível, que aquêle que está como presidente não seja ladrão consumado; interessa-lhes, se possível, que seja honrado, que inverta corretamente o dinheiro em benefício de seus interêsses de classe dominante; interessa-lhes que a administração pública funcione com honestidade — e, no final de contas, preferem um govêrno que roube menos a um govêrno que roube mais.

INTERESSA AO IMPERIALISMO UM GOVÊRNO QUE GARANTA SEUS MONOPÓLIOS

Que é que interessa ao imperialismo?

Interessa-lhe, naturalmente, um govêrno que garanta os interêsses de seus monopólios. Preenchido êsse requisito dá na mesma que seja um Pérez Jiménez ou um Rômulo Betancourt. Se querem um exemplo, aí o têm (*aplausos*).

Que diferença para êles pode existir entre um Pérez Jiménez e um Rômulo!? Pérez Jiménez respeitava os interêsses das companhias petrolíferas na Venezuela; Rômulo faz mais que respeitar: venera-os. Chega ao extremo, inclusive, para sair da situação embaraçosa em que se encontra, de decretar impostos de que estão isentos

justamente os militares e as companhias petrolíferas americanas, os interêsses americanos. Respeito absoluto por todos os latifundiários, por tôda a alta burguesia, por todos os interêsses dos proprietários de casas, proprietários de edifícios de apartamentos, proprietários de grandes latifúndios — por tudo isso êle tem respeito. Inclusive paga tôdas as dívidas que havia contraído Pérez Jiménez, dinheiro que lhe foi emprestado pela alta burguesia das finanças. Êle as paga tôdas, centavo por centavo; é incapaz de se descomprometer com essas dívidas.

Serve, dêsse modo, por inteiro aos interêsses do imperialismo, das classes econômicas dominantes, da alta burguesia da Venezuela e da casta militar. Porque a verdade é esta mesmo: é preciso acender uma vela ao Departamento de Estado e outra vela aos militares; se bem que com duas velas juntas estaria servindo aos mesmos interêsses.

Êle trata de agradar aos militares e, ao mesmo tempo, trata de que o embaixador americano... êsse era um papel que o senhor Moscoso (*risos*)... O papel do senhor Moscoso na Venezuela era visitar oficiais; era dizer aos oficais mais graduados da Venezuela: "não conspirem contra Betancourt; Betancourt dá solução; se os senhores derem um golpe de Estado, vai acontecer o que aconteceu em Cuba".

Que demonstra isso? Que ao imperialismo convém um pouco revestir seu regime de domínio na América Latina de certo traje civilista, certo traje de "democracia representativa" — de tal modo que mal se aguçam as contradições, logo desaparecem, como na Venezuela desapareceram de maneira absoluta.

Ali, agora mesmo, acabam de desencadear uma repressão contra o Partido Comunista e o Movimento de Esquerda Revolucionário; fecharam o jornal da União

Republicana Democrática. Quem permaneceu? O Partido COPEY, que é o partido da pior reação na Venezuela. Aliado com quem? Com o pior que sobrou do regime de Betancourt quando o melhor foi pôsto de lado: com os ladrões, os *gangsters*, os "mujalistas"; tôda essa gente se juntou ali.

Quer dizer, ligaram-se perfeitamente a Embaixada americana, a reação militar, o partido político mais reacionário representativo dos interêsses dos exploradores e os piores elementos, ladrões e imorais, da camarilha de Betancourt. A isso ficou reduzido o país. Já não há ali mais "democracia representativa", porque até isso lhe falta.

No Peru, verifica-se o mesmo. Que diferença pode fazer para o imperialismo estar no govêrno um Odria ou um Prado!? É uma mudança que não lhe causa preocupação.

A burguesia nacional, as classes dominantes, é lógico que prefiram um tipo de govêrno — bem entendido, tanto melhor, se fôr possível, um que seja honrado e que administre as coisas de maneira a ocasionar um mínimo de problemas... — ...Muitas vêzes a burguesia nacional e as classes dominantes foram afeiçoadas aos governos militares. Por quê? Porque são governos de repressão, de fôrça, contra o movimento operário, contra o movimento camponês.

Mas, em todo o caso, quando já o movimento revolucionário está a ponto de se declarar, quando o movimento popular está a ponto de estourar em uma revolução, tiram êsse militar e surge sempre, ou um outro militar, ou uma Junta de militares e civis; põem êsse outro militar, apaziguam os ânimos do povo e, passado algum tempo, êsse militar estará repetindo o que fazia o outro. Ou então acontece o que aconteceu na Venezuela,

porque também é preciso levar em conta as condições especiais de cada país.

Na Venezuela surge uma figura militar de prestígio e, aliás, é uma das poucas figuras militares que, chegando ao poder, atua de maneira democrática, de uma maneira popular: é Wolfgang Larrazábal.

Que ocorre, então? Há um grande movimento de unidade, o movimento de unidade que derrota Pérez Jiménez. Que foi primeiro que fêz êste senhor Betancourt? Divide o país. Isto é, lança sua candidatura, destrói a unidade justamente quando se oferecia ao povo da Venezuela a grande oportunidade de se desfazer da casta militar.

O IMPERIALISMO E A BURGUESIA EMPENHAM-SE EM CONSERVAR INTACTA A ENGRENAGEM MILITAR

Bem, o que eu quero dizer é simplesmente que a primeira coisa que o imperialismo e a burguesia tratam de fazer é conservar intacta a engrenagem militar. Que fazem em São Domingos? Em São Domingos empenham-se por que se conserve intacta a engrenagem militar. Pouco importa a êles que esteja à frente do país Trujillo ou o irmão de Trujillo, Balaguer ou Juan Bosch. A êles isso não importa — desde que estejam sabendo que há ali uma engrenagem militar intacta, com aviões, com tanques e com velhos esbirros, e que todos êsses esbirros estejam calejados na perseguição e na repressão do povo. Todos os esforços do imperialismo são no sentido de manter a engrenagem militar. Por isso é que todos os esforços do povo dominicano visam a destruir essa engrenagem militar.

Quando se chega a um momento de crise, como a que se chegou em Cuba no dia 1.º de janeiro ou a que se

chegou agora em São Domingos, a chave de tudo está em que se é o povo que se apodera das armas ou se a engrenagem militar permanece intacta com as armas nas mãos e o povo desarmado. Quando uma circunstância de crise dêste tipo se apresenta em qualquer país, o primeiro objetivo do movimento popular é a destruição da máquina militar e a tomada das armas, condição indispensável, sem a qual a revolução pode ser freada, pode ser traída e pode ser esmagada.

Imaginem os senhores se, por ocasião da queda do regime de Pérez Jiménez, o povo da Venezuela houvesse conseguido apoderar-se das armas. Nesse caso, adeus imperialismo, adeus companhias de petróleo, adeus Rômulo Betancourt ou qualquer outro traidor, tenha o nome que tiver! (*Aplausos*).

Naturalmente, não fomos nós que inventamos isso; está escrito com muita clareza em um livro de Lênin — imagino que todos vocês, uma grande parte de vocês, conhecem — e que tem o título de *"O Estado e a Revolução"*; é um ponto em que se insiste muito, e é, indiscutìvelmente, uma grande verdade, perfeitamente compreensível, mesmo sem se ter passado pelas experiências que passamos em Cuba.

Havíamos observado que era isso o que ocorria em tôda a América Latina. Que a primera coisa que tem a fazer a Revolução é destruir a engrenagem militar do velho sistema e apoderar-se dessas armas.

Naturalmente, isso não é a condição única de uma revolução, absolutamente; mas é condição indispensável.

Dêsse modo, o processo revolucionário cubano ia cumprindo uma série de leis, que são leis fundamentais de todo processo revolucionário. Primeiro: a conquista do poder com as massas, ou seja: a conquista do poder com o povo; e segundo: a destruição da engrenagem militar da classe

econômica dominante. Uma engrenagem militar que estava a serviço do imperialismo, a serviço da grande burguesia das finanças, comercial e industrial.

Essa gente, essa gente que chega até a falar em democracia agora, essa mesma gente a quem a democracia burguesa — uma democracia exclusivamente para seu benefício — já deixara de satisfazer.

Todo mundo há de lembrar-se perfeitamente do que ocorreu em Havana no dia seguinte ao ataque ao Palácio. Pois foi a mais vergonhosa procissão de representantes das classes econômicas desfilando pelo Palácio. Senhores: pode-se conceber que algum indivíduo com vergonha na cara desfilasse pelo Palácio, depois daquela matança, depois daqueles feitos perpetrados contra feridos que caíram prisioneiros, estudantes assassinados, gente que se imolou em um feito heróico? Pode-se conceber que ao outro dia um bando de "guatacas" fizesse fila à entrada do Palácio para ir felicitar o senhor Batista?

E quem foi que lá compareceu? A alta burguesia com seus *gangsters*, seus "mujalistas". Não faltaram os sindicatos, que acorreram imediatamente: diziam-se "operários". Operários uma ova! Instrumentos da reação e do imperialismo no movimento operário; o clero reacionário, o alto comércio, tôda aquela gente, em fila indiana para congratular-se. A êles que importava!? Eu lhes garanto que nenhum dêsses senhores visitaria o palácio presidencial depois de uma lei revolucionária. Nenhum! E, ao que saibamos, nenhuma daquelas instituições desfilou pelo palácio presidencial, onde foram feitas tantas leis revolucionárias.

Em compensação, lá estavam a felicitar Batista, ao dia seguinte do massacre. Por quê? Porque êles são assim mesmo, todos êsses descarados que agora falam em democracia. Possìvelmente, em Miami muita gente se reúne no domingo para falar de democracia quando não seja para

ouvir o sermão de um padre qualquer — e digo um padre qualquer, não digo um padre revolucionário. Sim senhores, êles se reúnem para falar de democracia.

Se alguém lhes perguntar: "mas diga-me lá, por que é que vocês estão lutando?" dirão que estão lutando pela democracia, terão o topête de dizer isso; quando na verdade não lutam sequer pela democracia burguesa, ou seja: por um regime que garante um mínimo de liberdades, tanto quanto o permitam os interêsses da classe dominante. Não venham com essa história!

JÁ NÃO CONSEGUEM ENGANAR NINGUÉM

Na época em que dispunham de todos os jornais, tôdas as estações de rádio e de televisão e até os livros de História eram êles que escreviam, o jeito era mesmo agüentar tôdas essas "lorotas"; mas, hoje é absurdo pretenderem enganar quem quer que seja com essas coisas. E o conseguirão cada vez menos, à medida que o povo fôr compreendendo e aprendendo.

A essa gente o que interessava era o Govêrno, por mais sangüinário que fôsse, por maior que fôsse o número de jovens assassinados, de cadáveres aparecidos de madrugada. Isso não lhes importava! Quantos morreram a 9 de abril? Não lhes importava! Quantos nos centros de tortura foram assassinados?

Por onde quer que se vá, encontra-se sempre uma laje onde aparece inscrito o nome de algum jovem assassinado, em quase tôdas as estradas. Mas não o nome de todos, bem entendido. Se a cada jovem assassindo correspondesse uma laje à beira da estrada, as estradas estariam repletas de lajes e cruzes. Que fizeram à população das montanhas? Que matanças fizeram! Ainda hoje deparamos, vez por outra, com o caso de uma criança... Que

fazer com essa criança? São tantos os seus problemas; é preciso levá-la a um médico, pois foi o único filho que sobrou vivo de uma família de pai e seis irmãos: foram todos mortos; ficou a criança com problemas de tipo psicológico. Por tôda parte a gente encontra vestígios dessas matanças. A tôda essa burguesia, a tôda essa classe dominante, que importavam as tragédias de nosso povo? Eram-lhes indiferentes! Êles iam ver Batista, porque Batista, em suma, era quem garantia os interêsses de sua classe. Havendo uma mudança, tratavam naturalmente de arranjar um jeito de se acomodar quanto antes.

Não poderei esquecer nunca, nos primeiros dias depois do triunfo, as visitas que recebia em minha casa.

Pois vá a gente agir com... — não pretendo fazer agora propaganda de mim próprio, mas o caso é que a gente se propõe agir com um extremo de decência. Então, a todo mundo que me pedia uma entrevista, eu atendia imediatamente. Repito que era um excesso de decência. Quem é que me aparecia em casa? Começando de manhã cedo, apareciam-me desde os sobrinhos do Cardeal até a família "Pepin" Rivera, do "Diario de la Mariña"; banqueiros, comerciantes, diretores de tôdas as emprêsas. Nos primeiros dias fiz questão de recebê-los. Acho que estava convencido de que era uma das minhas obrigações atender a quem quer que me solicitasse uma entrevista. Não tinha muito trabalho naqueles dias, não desempenhava função alguma no Govêrno.

E minha casa ficava abarrotada dessa espécie de gente. E não iam uma só vez, mas duas e três. E eu pensava: Que quererá essa gente?... Claro, eu o sabia. Mas é que me repugnava verdadeiramente ver aquela procissão, logo no dia seguinte. Hão de ter ilusões, pensei, pois tanto melhor, se se acreditam privilegiados e imaginam que podem contar conosco para alguma coisa; pois

que venham. Maior será a surprêsa! (*aplausos prolongados*).

Claro, iam oferecer o seu jornal, o mesmo jornal que havia estado a serviço de Batista até o último dia! Iam oferecer os bancos que haviam servido a Batista até o último dia! E nem é bom falar do dia em que chegou o embaixador americano, *Mister Bonsal!* Desde três dias antes começara a imprensa burguêsa, as estações de rádio burguesas e a televisão burguêsa a fazerem da chegada de Bonsal um grande acontecimento. Era tal publicidade que já começara a se tornar verdadeiramente chocante e para qualquer revolucionário, para qualquer homem de vergonha mesmo que não fôsse revolucionário. Para um homem de vergonha que ocupasse algum cargo no país, tinha que ser uma verdadeira vergonha tôda a propaganda com que se rodeava a chegada de um funcionário estrangeiro, como se fôsse a chegada do chefe máximo do país, do governante máximo do país. Essa a atmosfera que rodeou a chegada do procônsul Bonsal.

A PRIMEIRA ENTREVISTA COM BONSAL

Lembro-me da primeira entrevista com Bonsal... é uma pena que não tenha eu o costume de anotar em diário uma série de impressões e de outras coisas! Pois muito bem, recebi-o em Cojimar: o grande Bonsal, oh!... o embaixador americano!... Desde o primeiro minuto em que abriu a bôca, começou a falar da Companhia de Eletricidade, da Companhia de Telefones, do problema dos bancos, do problema das fazendas das companhias norte-americanas, a história do que tinham feito aquelas companhias pelo país... Isso para comêço de conversa e, quanto ao estilo empregado, era verdadeiramente o estilo de alguém que chega a um país para dar instruções. Êle,

naturalmente, não tinha a menor idéia de com que gente ia falar, não é mesmo? (*risos*). Mas o estilo, desde o primeiro instante, era uma coisa chocante; falava como um senhor.. Pràticamente eram essas as características dêsse senhor, que afinal se foi.

Acho que não houve uma única entrevista com êsse senhor em que êle não voltasse à mesma cantiga. Mas por aquela época ainda não houvera reforma agrária nem nacionlização de... bem, eu não estou lembrado perfeitamente em que mês foi; acho que foi quando ainda era Primeiro Ministro Miró Cardona..

Naturalmente, desde o primeiro momento, aquêle senhor começou a entrar em choque conosco. Desde o primeiro momento, imediatamente; simplesmente, pela... Ah! a missão militar norte-americana, uma das primeiras coisas que encontramos ao chegar a Havana e à Ciudad Libertad — Ciudad Libertad, depois do triunfo: encantados com sua vida ali, com seus uniformes, sua roupa, tudo, os oficiais da missão militar norte-americana em seu gabinete! Sequer deixaram de comparecer ao serviço durante todos aquêles dias: com o exército de Batista, sem o exército de Batista, entra o exército rebelde — e êles continuaram indo todos os dias à repartição, a "prestar seus serviços"; estavam todos dispostos a prestar tranqüilamente seus serviços.

Recordo-me da vez em que me encontrei com êsses oficiais. Fui chegando e dizendo: "Que faz essa gente aqui?" Chamei dois ou três oficiais e — não sei se em castelhano ou em inglês — disse-lhes que se fôssem embora, pois que nada tinham a ensinar, já que o exército a quem êles haviam ensinado fôra por nós derrotado. E como então queriam êles ensinar-nos?! (*Prolongados aplausos*).

Naturalmente, tôda a reação, tôda a imprensa estava muito interessada nas *demarches* do Embaixador, e havia

começado a endeusá-lo, para preparar o terreno. Na realidade, porém, o que conseguiram foi indispor-nos ainda mais com o Senhor Embaixador. Desde o primeiro momento começaram os choques, devido a essa atitude de querer ensinar, de dar instruções. E tornaram-se tão intoleráveis aquêles encontros que, lembro-me bem, o Embaixador estêve durante três meses pedindo entrevista, e passamos todo o tempo recusando-a, até que, por fim, não tivemos remédio senão concedê-la, em obediência às normas mais elementares do protocolo. E por quê? Porque eram simplesmente intoleráveis as imposições dêsse senhor. Agora imaginem: se conosco a coisa era assim, como não falarão êsses senhores embaixadores em outros lugares, onde tenham pela frente um Rômulo Betancourt, um Prado, um indivíduo dêsses? Podem estar certos de que o embaixador americano lhes há de falar como se fôssem criados.

Bem, falávamos justamente da reação de tôda aquela burguesia e alta burguesia, no dia seguinte à tomada do poder pelos revolucionários. Essas eram as condições. Já se haviam cumprido dois requisitos — e vamos agora entrar no tema pròpriamente... Mas tudo isso a que me referi está relacionado com o tema, não pensem que não (*risos*). Vamos entrar no tema.

A Revolução alcançara duas coisas: 1.º) havia chegado ao poder com as massas; 2.º) havia liquidado a engrenagem militar do regime social imperante; tinha um exército do povo, ou seja, haia armado o povo. Aquela gente barbuda, que não havia passado por qualquer academia militar, era entretanto, o exército do povo; e, na verdade, a posição mais sólida que tinha a Revolução nesse momento era o exécito rebelde. Era a posição mais sólida.

Qual era, então, a correlação de classes existente? Nas mãos da classe dominante estavam, nessa ocasião, todos os recursos financeiros, todos os recursos econômicos, tôda a imprensa, todo o rádio; isto é, tôdas as grandes estações de rádio, de televisão, as grandes rotativas, as melhores tipografias; tudo isso estava em mãos dêles. Sem falar que estavam aqui também tôdas as revistas americanas, tôda a literatura imperialista em nosso país. Tinham todos êsses recursos em suas mãos: os recursos econômicos... Eram, em suma, ainda os donos do país. E no Govêrno... claro, fomos nós que os colocamos no poder, foi o Exército Rebelde e a luta do Exército Rebelde, em virtude, simplesmente, de haver sido proclamado um senhor Presidente da República.

Não pretendo dizer que somos agora uns sábios revolucionários. Nem que éramos sábios naquela época. Digo a verdade, como sempre pensamos nós, pelo menos como pensava eu — e cabe individualizar um pouco quando se fala de como pensávamos então, porque ainda as fôrças revolucionárias se achavam fragmentadas. Eu tinha a certeza de que nem Urrutia nem ninguém poderia impedir a realização de um programa revolucionário. Sabíamos perfeitamente o que era um programa revolucionário; e, se não insistimos radicalmente em tôda uma série de medidas fundamentais, era porque entendíamos que pôr ênfase em tôda uma série de reformas e de leis revolucionárias, nas condições em que se desenrolava a luta contra Batista, iria simplesmente enfraquecer o campo das fôrças que enfrentavam a tirania de Batista.

Havíamos conseguido, felizmente, aglutinar contra Batista um grande número de fôrças políticas e sociais; havíamos conseguido que se aglutinassem nessa luta grandes setores do país, uma ampla frente de combate. Naturalmente, tínhamos que passar por certas situações um pouco embaraçosas. Havia, por exemplo, o ponto de vista

do grupo de Prío, Miró Cardona, tôda aquela gente da Frente que estava em Miami, que era contrária a uma unidade total, ampla; tôda aquela gente sempre foi partidária de excluir o Partido Socialista da unidade. Defendíamos a inclusão do Partido Socialista. Carlos Rafael é testemunha de todos os apuros em que nos encontrávamos, porque era necessário evitar que se rompesse a união; era necessário mantê-la e êles queriam que se fôsse celebrar uma reunião em Miami para discutir quem iria integrar a unidade das fôrças contra Batista. Sabíamos que se a discussão se efetuasse em Miami, essa gente haveria de fazer tudo para impor suas condições, e a pouca unidade que havia se quebraria.

Éramos de opinião que a reunião tivesse lugar em Sierra Maestra; que os delegados da Frente fôssem a Sierra Maestra para discutir conosco. Sabíamos que em Sierra Maestra nós é que iríamos impor as condições, ao contrário do que se passaria se a reunião fôsse em Miami. Ora, se em Miami êles quisessem impor-nos condições, era certo que não as aceitaríamos, pois não estávamos de modo algum dispostos a aceitar as exclusões que êles exigiam — e ter-se-ia, assim, criado um problema em uma ocasião em que não era conveniente criá-lo.

Mas, enfim, com pouca coordenação em alguns casos, pode-se dizer que todo mundo já estava coincidindo em um primeiro objetivo: o primeiro objetivo era o derrubamento da tirania de Batista. Naturalmente, já em uma época anterior havíamos tido uma experiência com essa Frente, e foi na época em que apareceram delegados dizendo que representavam o "26 de julho", e formaram uma frente. Nós, que tínhamos passado um tempo considerável nas montanhas, mais de um ano, lutando em condições difíceis, com muitas privações e sem nenhuma ajuda exterior, realmente nos sentimos indignados quando soubemos que se havia concluído, em nosso nome, um pacto em Miami.

E o que fizemos foi enviar aquela carta, que depois êles consideraram como sendo uma carta divisionista. O que não podíamos era aceitar, de maneira alguma, aquêle pacto.

TRATÁVAMOS DE EVITAR O "PUTSCH"

Fizemos uma afirmação de intenção bem manifesta e que passou a fazer parte de nossas diretrizes. Diretrizes que tornaram impossível tôda reconciliação com o exército. Sempre tratávamos de criar as piores condições para evitar o "putsch"; queríamos tornar impossível o "putsch". Sempre nos preocupava a perspectiva de algum dia, quando ainda as fôrças revolucionárias não estivessem suficientemente desenvolvidas, por manobras do imperialismo e da reação se efetuasse um golpe militar, como aquêle famoso golpe de que tanto se falou, o golpe de Barquín. Se bem que, diga-se de passagem, entre aquêles oficiais houve alguns que eram bons oficiais, honrados e que hoje estão com a Revolução. É bom, quando se está fazendo um registro histórico, não omitir as aclarações pertinentes.

Mas o cabeça daquele golpe era um indivíduo que havia sido formado na ideologia e nos métodos de estilo do Departamento de Estado norte-americano ou do Pentágono... Creio que havia sido da tal Junta... dessa Junta onde se preparam ditadores... Essa Junta Interamericana, de que não tenho certeza se fomos expulsos ou não deixam entrar nosso representante... Não cumprem as leis da Organização dos Estados Americanos; em suma, não cumprem os compromissos internacionais. A questão é que sempre havíamos tratado de impedir que se efetuasse o "putsch" militar. Quando a Revolução ainda não tivesse fôrças suficientemente desenvolvidas, havia o perigo de o povo aceitar aquela mudança deixando-se enganar

como em tantas ocasiões se deixaram enganar outros povos, porque não compreendem que é preciso mudar o sistema e não apenas trocar os indivíduos; e sempre temíamos essa manobra, mas que fazíamos? Dizíamos que jamais aceitaríamos um golpe, que reclamávamos o direito de depurar e reorganizar, reestruturar as fôrças armadas da República. Claro: nenhum militar estava disposto a aceitar, nem remotamente, qualquer fórmula que implicasse em vir um movimento civil a reestruturá-lo. E o primeiro que ordenamos naquela ocasião foi isso: ...que se saiba que quando lançamos de Sierra Maestra essa ordem éramos 120 homens armados. Naturalmente, a qualquer um teria podido parecer um tremendo e descomunal disparate o fato de uma fôrça tão reduzida lançar essa ordem. Diziam então os priistas e tôda essa gente que o que fazíamos era fortalecer Batista, porque com nossas declarações afugentávamos os militares. Os militares não queriam saber de nós, naquela época; depois foram mudando, à medida que passou a guerra. Muitos militares foram feitos prisioneiros e depois postos em liberdade; foram bem tratados. O fato é que naqueles primeiros tempos... Primeiro, por causa da campanha que se fêz em tôrno a Moncada, campanha que consistiu em apontar o ataque ao quartel como tendo sido um assassinato de soldados, etc. E depois por causa de nossas diretrizes, porque estávamos interessados em que os militares não dessem o golpe, e sempre ameaçávamos "se houver um golpe miltar, continua a guerra, continua a guerra e continua a guerra". E isso não deixamos de afirmar desde o princípio e sempre...

A conjuntura que mais nos preocupava era que se efetuasse um golpe militar promovido pelo imperialismo antes que tivéssemos fôrças suficientes para decidir sôbre os acontecimentos. E aquela foi uma tática corretíssima

e proclamada na carta a Miami, contra aquêle pacto. E rompeu-se o pacto. Ficamos sós, mas era realmente uma ocasião em que valia mil vêzes andar só que mal acompanhado. (*Aplausos*).

Outra coisa: por que àquela época, quando éramos 120 homens, armados, não nos interessava o tipo de unidade ampla com as organizações que estavam no exílio — e, no entanto, depois, quando tínhamos já milhares de homens, aí sim, interessava-nos aquela ampla unidade? É muito simples. Porque na unidade dos 120 homens, os elementos conservadores e reacionários, ou representantes de interêsses não revolucionários, — ainda que estivessem contra Batista — eram a grande maioria. Naquela união nós éramos uma fôrça muito reduzida. Quando, porém, no final da luta, tôdas aquelas organizações se convenceram de que o movimento marchava vitoriosamente para diante e que a tirania ia ser derrotada, interessando-se pela unidade, já éramos, dentro dela, uma fôrça decisiva.

CONDIÇÕES EM QUE SE PRODUZIU A QUEDA DE BATISTA

Em reunião que fôsse celebrada em Miami, os representantes daquelas organizações teriam podido tentar impor condições. Qual foi, então, a tática que adotamos? "Pois bem! Vamos prolongar esta situação de modo a que não haja nenhuma reunião até acabar a guerra". Foi o melhor para evitar que entrasse em choque a posição daquela gente com os pontos de vista que iríamos apresentar... E o interêsse dêles era excluir o Partido Socialista. Êsse era o ponto fundamental dêles. Não teriam aceito formar uma frente única com os socialistas em hipótese alguma. Achamos, então, que o melhor era não discutir por causa do problema, e terminar a guerra.

E assim se passaram as coisas porque o importante, então, era que a unidade significava manter uma frente sólida contra Batista; uma frente ampla, abrangendo tendências diversas; mas todo mundo contra Batista. Isso é que importava de fato. Já o dinheiro não me importava; não me importava com armas. Na realidade estávamos capturando armas às centenas; quanto ao dinheiro, já estávamos cobrando impostos às usinas de açúcar, e havia milhões de pesos. Nessas condições, o que mais podia interessar-nos era manter frente unida, cuja diminuição importaria em deixar que prevalecessem os interêsses reacionários e direitistas. Nessas condições produziu-se a queda de Batista.

Justamente na etapa em que rompemos o pacto de Miami, feito sem consultar-nos e sem representação ou autorização nossa e que, além do mais, não representava qualquer propósito revolucionário, lançou-se a candidatura de Urrutia. Teria sido melhor para a Revolução não firmar nenhum compromisso, mas a Revolução se viu na necessidade de lançar e proclamar um candidato. Naturalmente, isso não tinha importância, não tem importância em nenhuma revolução, em nenhuma revolução em que o aparato militar não existe mais. Em uma revolução que conquista o poder com o povo, destrói a engrenagem militar e tem um exército revolucionário, não importa que quem esteja à frente do govêrno seja Fulano ou Beltrano. Nós, pelo menos, nunca nos preocupamos, nem um pouco — digo-o claramente — com que a Revolução pudesse vir a ser tergiversada, que elementos reacionários pudessem apoderar-se do Govêrno, porque a fôrça das massas e a fôrça armada estavam em mãos revolucionárias.

Qual era nossa preocupação? Creio — não sei o que dirão os historiadores, não lhes pretendo invadir a seara, mas dou apenas uma opinião — creio que foi correto o que aconteceu naqueles primeiros meses, isto é, para a correlação de fôrças existentes, de ordem política, de ordem social e de ordem ideológica; foi conveniente que nos primeiros meses do govêrno revolucionário estivesse Urrutia à frente e com êle tôda a correlação de fôrças ideológicas ainda existentes no país. Tínhamos as simpatias das massas e tínhamos o Exército Rebelde.

Como estava integrada a direção revolucionária? A direção revolucionária era bastante unipessoal, ou seja, naquele período houve uma grande quantidade de decisões tomadas quase em caráter unipessoal. Por que eram tomadas em caráter unipessoal? Simplesmente porque não existia uma organização revolucionária articulada completa. Existiam algumas diferenças entre os que haviam estado na montanha e os companheiros que haviam estado na planície. Em suma: entre os dirigentes da montanha e os dirigentes da planície havia algumas diferenças, diferenças que tinham existido durante tôda a guerra e que persistiram depois.

Não é muito agradável falar dêsses problemas, mas, assim mesmo, se pode falar. Por quê? Porque uma parte daqueles companheiros com quem tínhamos diferenças, uma parte, alguns daqueles companheiros, hoje estão em uma magnífica posição revolucionária, identificados plenamente com a Revolução. Outra parte dos dirigentes está hoje em Miami, em Pôrto-Rico, no Departamento de Estado americano, fora daqui, fazendo contra-revolução. Não há dúvida que havia diferenças. Além disso, havia acontecido outra coisa: na realidade, a fôrça militar da Revolução se tinha desenvolvido de maneira extraordinária e, ao desenvolver-se de maneira extraordinária, mudou também a correlação dentro do Movimento "26 de Julho", tornando-se então preponderante a fôrça representada pelo Exército Rebelde; e, dentro do Exército Rebelde, havia uma organização militar que era dirigida como são

dirigidos os exércitos na guerra — por meio de decisões de um comando supremo. Ao chegarmos à planície, em virtude da maneira por que se desenvolve e termina a Revolução, deparamos com essa circunstância de um tipo de direção quase unipessoal.

Eu me lembro, e posso falar dessas coisas tranqüilamente por uma razão — ainda que seja um pouco desagradável meter-se a falar aqui na primeira pessoa. Posso dizer o seguinte — porque já que alguns hão de falar nisso, é bom que as partes interessadas falem também. Eu me lembro de que aqui havia uma certa atitude contra o caudilhismo; aqui sempre se falava que uma das coisas que era preciso combater era o caudilhismo, porque nosso país sofreu o caudilhismo e sofreu também as conseqüências dos caudilhos. Desde a época da Guerra de Independência surgiram uma porção de caudilhos; entre outros povos da América Latina foi a mesma coisa. Eu, na verdade, felizmente não nasci com vocação para caudilho, o que me deixa extraordinàriamente contente. Em minha mente nunca... pode ter havido ocasiões em que tivesse pontos de vista... em que acreditasse firmemente em um ponto de vista, mas nunca tive vocação nem a estrutura mental de caudilho. Apesar da circunstância de que a direção de um exército em uma guerra contribui para que o tipo de autoridade se vá fazendo de caráter unipessoal e isso bem pode criar nos homens o hábito do caudilho, do mandão, do que gosta de dar ordens. Na realidade, nunca senti nenhum prazer especial em dar ordens; lembro-me que, inclusive na guerra, não dava as ordens em estilo militar. Eu sabia que se cumpririam, mas gostava sempre de expor os motivos; devia-se fazer isto por esta ou aquela razão, etc. Parece-me melhor que quem recebe uma ordem fique convencido de sua necessidade.

TESE DE CAUDILHISMO CONTRA A FÔRÇA REVOLUCIONÁRIA

Falava-se de caudilhismo e já se começava a falar disso naquela época. Mas quem falava de caudilhismo? Falavam do caudilhismo aquêles que não estavam realmente preocupados com o caudilhismo, mas que se preocupavam — isso sim — com a preponderância que o Exército Rebelde ia adquirindo no processo revolucionário cubano. A tese do caudilhismo, então, não era contra um caudilho, que não existia; era contra uma fôrça revolucionária que se ia engrandecendo. E ouviam-se certas afirmações contra o caudilhismo, na realidade dirigido contra a preponderância que ia assumindo o Exército Rebelde. O fato, em todo o caso, é que quando a Revolução chegou ao poder, era assim que era dirigida.

Há algo mais. Inclusive os principais companheiros dirigentes da Revolução sequer se reuniam para discutir muitos dos problemas. Entre os demais companheiros havia uma grande confiança e muitas das decisões tomavam-se ao calor dos acontecimentos, e eram decisões de tipo não coletivas. E justamente naquela ocasião, por outro lado, constitui-se o primeiro Govêrno revolucionário com elementos representativos daquelas classes...

Voltemos, pois, ao fio da meada.

Havia um grupo que fêz parte do Govêrno e que foi grandemente responsável pela escolha dos ministros do Govêrno; pôs uma série de homens no Govêrno, gente — naturalmente — de mentalidade, em alguns casos, anacrônicamente conservadora, mais ou menos conservadora; em suma, era uma equipe de govêrno conservador.

Pois bem, lembro-me que naqueles primeiros dias, a responsabilidade de fazer leis revolucionárias ficou nas mãos dêles. Quanto a nós, a política que adotamos foi a seguinte: "muito bem: aí está constituído o Conselho de

Ministros, não vai ser o caso de se ficar chamando pelo telefone o Presidente; nada disso." Durante todo aquêle tempo permanecemos na expectativa, a ver o que acontecia. E, afinal, aconteceu o que tinha mesmo de acontecer: passaram-se as primeiras semanas e não se havia feito nenhuma lei revolucionária.

Alguns daqueles homens tinham certo prestígio no meio do povo; e se seu prestígio não era devido a méritos reais, era devido à propaganda que dêles faziam a imprensa, o rádio e a televisão — instrumentos ainda nas mãos da classe social cujos interêsses ideológicos e econômicos aquêles senhores representavam.

Os interêsses que aquêles senhores representavam eram diametralmente opostos aos interêsses dos camponeses com que havíamos deparado, quando chegamos à Sierra Maestra; diametralmente opostos aos interêsses dos trabalhadores agrícolas, que trabalhavam três meses na colheita e passavam um tempo morto interminável, com fome; diametralmente opostos aos interêsses da classe operária; diametralmente opostos aos interêsses das grandes maiorias do país.

ETAPA QUE SERVIU PARA DESMASCARAR OS CONSERVADORES

E era necessário, simplesmente, que se passasse por aquela etapa a fim de que fôssem desmascarados aquêles senhores.

Em que condições chegou a Revolução ao poder? Por que aconteceram tôdas essas coisas? Aconteceram em conseqüência de não existir aquilo a que nos referimos anteriormente: as fôrças revolucionárias orgânicamente articuladas em um só movimento revolucionário. Era forçoso, portanto, que acontecesse aquilo. Representávamos uma

parcela dessas fôrças, mas não tínhamos com as fôrças restantes uma organicidade como era de desejar.

Como estavam representadas as fôrças revolucionárias? Quais eram as fôrças revolucionárias — em primeiro lugar, as fôrças *sociais* revolucionárias? A classe operária, os camponeses, os estudantes e camadas mais ou menos amplas da pequeno-burguesia. Isso era o que se podia chamar de fôrças revolucionárias, cujos interêsses se opunham aos interêsses da grande burguesia, em primeiro lugar aos interêsses do imperialismo e da grande burguesa financeira, comercial e industral; pequenos proprietários, pequenos comerciantes, tôda essa camada da pequeno-burguesia; setores intelectuais, setores estudantis, setores camponeses e setores operários: essas eram as fôrças, as classes revolucionárias.

Pois bem; e que representava Urrutia dentro de tudo isso? Que representava Miró Cardona? Que representava Felipe Pazos? Que representava Ray? Que representava Justo Carrillo? Que representavam aquêles senhores? Não pergunto o que representava Manolo Fernandez porque êsse representava o "lumpen" (*risos*); era um "anarco-louco" (*risos*). Para dizer a verdade, eu não conhecia êsse senhor. Contaram-me depois que era muito famoso por suas conversas nos cafés e que falava durante horas e horas; eu não o conhecia. A verdade é que eu não conhecia muita dessa gente que surgiu no Govêrno...

Que organizações representavam as fôrças revolucionárias? Refiro-me à classe operária, aos elementos mais avançados e mais evoluídos da classe operária, aos trabalhadores industriais e aos trabalhadores agrícolas. Qual era a organização política que representava essa classe? Não tôda a classe, porque dentro dessas classes havia setores que tinham uma mentalidade pequeno-burguesa, principalmente setores que percebiam salários mais altos. Não

se pode negar, entretanto, que a pequeno-burguesia estava contra Batista.

P.S.P.: REPRESENTAVA OS ELEMENTOS MAIS AVANÇADOS DA CLASSE OPERÁRIA

O Partido Socialista Popular representava os elementos mais avançados da classe operária, tanto no campo como na cidade. Tinha também alguns elementos dentro do campo; entre os pequenos camponeses encontramos uns quantos militantes do Partido Socialista Popular em Sierra Maestra. Representava, fundamentalmente, essa classe.

O Movimento "26 de Julho" representava, em primeiro lugar, os camponeses, ou seja — todo o movimento camponês que se organizou em tôrno do Exército Rebelde; aglutinaram-se também em tôrno do Movimento "26 de Julho" muitos também da classe operária que não militavam em nenhum partido, isto é: setores operários sem partido, como também núcleos operários que haviam militado em algum partido da pequeno-burguesia, alguns partidos políticos, gente honrada. Todos êsses se juntaram também ao Movimento "26 de Julho"; incorporaram-se também setores de profissões liberais, intelectuais, elementos juvenis, estudantes e elementos da pequeno-burguesia, os elementos mais progressistas e mais revolucionários da classe média e da pequeno-burguesia. Pode-se dizer que essa fôrça era que representava o 26 de Julho.

Similarmente, o Diretório Revolucionário representava mais ou menos os mesmos setores mas, fundamentalmente, o setor estudantil, de onde surgiu com José Antonio Echeverria, Faure Chomón e os demais companheiros; o Diretório Revolucionário surgiu dos centros estudantis, recrutando adesões também nos meios operários, intelectuais e camponeses.

Em suma: as fôrças revolucionárias da sociedade estavam representadas em três organizações. Sôbre êste fato, creio eu, com o que aprendemos em matéria de política e de teoria revolucionária, que estamos inteiramente de acôrdo. Não é mesmo?

Você a que setor pertencia? Aos intelectuais? (*referindo-se a Soto*).

SOTO: — À classe média.

— Não, você não pertencia à pequeno-burguesia... (*Risos*). Vá lá: procedente da pequeno-burguesia, mas militante no Partido Socialista, organização de vanguarda... Se você fôr dizer isso aos seus alunos, êles não vão entender bem as aulas que você lhes dá de instrução revolucionária. Você era um intelectual, estava militando no partido da classe operária. E isso de intelectual é coisa que entre nós conta alguma coisa! (*Risos*). Mas agora não! Lionel, agora você é um intelectual; sinceramente, para mim você é um intelectual da classe operária; não vá alguém entender mal essas brincadeiras com você e depois prejudicar o plano de instrução revolucionária...

Voltando ao que dizia, as fôrças revolucionárias da sociedade estavam representadas nessas três organizações.

Que representava Prío Socarrás? Acho que inventando uma palavra pode-se dizer que representava a "lumpen-burguesia" (*Risos*). Naturalmente, seu papel havia sido — como o da camarilha que o seguia — de defensor dos interêsses dos donos de terras e da grande burguesia.

E Pazos? Pazos era um intelectual da burguesia; Justico era um intelectual da burguesia; Manolo era um "lumpen" descarrilhado; Ray era, por tôda sua ideologia, sua mentalidade, um defensor contumaz da ideologia da burguesia. As grandes discussões no Conselho de Ministros tratavam simplesmente da questão de se os trabalhos deviam fazer-se por administração ou por contratos. Essa

foi uma das tremendas discussões que tivemos com êsse senhor ao defendermos que se fizessem as obras, pois se um operário iria trabalhar melhor em uma obra para um contratista do que para o Estado, isso era inconcebível. Foi um dos primeiros pontos de choque no Conselho.

Deixem-me dizer-lhes que o presidente assinou a Lei Agrária e assinou algumas outras leis, mas cada dia era mais difícil a situação.

Outros elementos que haviam, na verdade, brincado de revolução, que haviam estado no exílio, que tinham a sua propaganda feita pelo rádio, televisão e imprensa burgueses, êsses simplesmente eram representantes dos interêsses das classes dominante.

Os setores revolucionários, as classes revolucionárias estavam, como dissemos, representados por três organizações diferentes; essas três organizações diferentes naturalmente mantinham contatos: ajudaram-se mùtuamente durante a revolução, durante a luta revolucionária, mas orgânicamente eram três organizações completamente distintas, cada uma das quais tinha sua direção, sua tática, sua esfera de ação próprias. É sabido, inclusive, que nos primeiros momentos houve sério atrito entre os companheiros do Diretório e nós por causa de uma complicação que surgiu com a questão das armas.

De fato, hoje aquêles problemas aparecem a nossos olhos como inteiramente absurdos! Que diferença entre a fôrça, a segurança e a confiança da revolução de hoje, comparada com aquêles primeiros tempos, em que a Revolução tinha que fazer frente aos momentos mais difíceis; tinha que promover a iniciação de um programa revolucionário e quando a isso se opunha uma grande parte do Govêrno, tôda a imprensa, todos os veículos de informação e, principalmente, uma fôrça — uma fôrça que eu creio que era a maior de tôdas — a fôrça de que fala

Lênin, ou seja, a fôrça do costume, da maneira e dos hábitos de pensar e de encarar as coisas de uma vasta porção da população.

A FÔRÇA DO COSTUME DE QUE FALOU LÊNIN

A fôrça do costume, uma série de preconceitos, de idéias sustentadas e inculcadas e divulgadas pelas classes econômicas dominantes, pelo imperialismo e pelo capitalismo em nosso país e que constituía, sem sombra de dúvida, uma das fôrças mais poderosas que a Revolução teria de enfrentar.

E os setores revolucionários da sociedade, as fôrças sociais revolucionárias, de quem dependia a Revolução para vencer as fôrças poderosas que a combatiam, estavam divididos em três organizações, em três fôrças, em três direções!

Que diferença, se chegada a Revolução ao poder, essas fôrças houvessem estado integradas como estão hoje, orgânicamente, com uma só direção, um só programa, uma só tática, uma só estratégia? Naturalmente, pretender isso naquela época seria uma coisa ilusória. Porque as condições em que se produz tal união são as condições que cria o próprio processo revolucionário.

A nossa fôrça, a fôrça do Movimento "26 de Julho", integrada nessa ocasião fundamentalmente pelos elementos do Exército Rebelde, era uma fôrça, inclusive, integrada por muitos companheiros que, entretanto... revolucionàriamente... do ponto de vista revolucionário... muitos dos oficiais do Exército Rebelde, que haviam sido magníficos combatentes, valentes na luta, muitos dêles de extração camponesa... não tinham, entretanto, uma instrução política sólida.

Êles, por vocação, por sentimento, por espírito de rebeldia se haviam unido ao Exército Rebelde; inimigos do abuso, inimigos do crime, mas não haviam tido oportunidade... qualificaram-se como oficiais sem ter tido ocasião de receber uma instrução política. Muitos dêsses companheiros poderiam ter sido, naqueles tempos, perfeitamente vítimas de qualquer mentira e de qualquer confusão.

Naturalmente, houve alguns companheiros — felizmente pouquíssimos — no Exército Rebelde que chegaram a adquirir alguma influência, os quais eram elementos que desde que ali ingressaram já eram conscientes defensores dos interêsses da burguesia e da ideologia da burguesia. Eram de idéias reacionárias.

Muitos dos companheiros do Exército Rebelde, magníficos companheiros militantes conscientes da Revolução, que adquiriram um extraordinário preparo no transcurso de três anos, eram companheiros, bons militares porém careciam de sólida formação ideológica. Essa era a situação.

Em suma: a própria fôrça com que a Revolução contava fundamentalmente era uma fôrça de extração camponesa, de extração operária, pouco instruída pollticamente; inclusive havia muitos companheiros no Exército que não sabiam ler nem escrever.

A UNIÃO REVOLUCIONÁRIA FORJOU-SE ATRAVÉS DO PROCESSO REVOLUCIONÁRIO

Através do processo revolucionário foram amadurecendo as condições que tornaram possível a articulação das fôrças revolucionárias, que hoje existe, e a união orgânica das fôrças revolucionárias. Quer dizer, essa união

forjou-se justamente, e tinha que forjar-se necessàriamente, através do processo revolucionário, tal como aconteceu.

Que significa a organização do Partido? Que significa a unificação de tôdas essas fôrças revolucionárias? Que significa a união dessas três organizações? Que significa, de maneira clara e nítida, para todo o povo e para a Revolução?

Significa que tôdas as fôrças revolucionárias da sociedade, *tôdas,* elas ou seja, a classe operária, a classe camponesa, os estudantes, as camadas revolucionárias da pequeno-burguesia e os intelectuais... em suma, os únicos setores, as únicas classes da sociedade que, por sua própria natureza e pelo lugar que ocupam dentro da sociedade estão chamados a ser revolucionários... unem-se todos em uma só organização revolucionária.

Tôdas as fôrças que estavam divididas entre essas organizações se fundem em uma só organização, em uma só direção revolucionária. Que significa isso? Significa, simplesmente, um fortalecimento extraordinário da Revolução.

Desde os primeiros momentos, essas fôrças, naturalmente — com exceção de algumas divergências e alguns atritos iniciais — marcharam de comum acôrdo, desde o início da Revolução, mas com fôrças separadas. Com mais ou menos discussão, com mais ou menos idéias, foi assim que transcorreu na realidade aquela etapa primária da Revolução.

A Revolução, portanto, adquire uma extraordinária fortaleza quando as camadas revolucionárias do povo, as classes revolucionárias, representadas em suas organizações, se unem em uma só organização. E os fatos demonstram que assim é.

Vejam vocês, por exemplo, quais as fôrças que apóiam a Revolução. Não são os latifundiários, nem os donos das

usinas de açúcar, nem os grandes banqueiros, comerciantes, industriais, ainda que possa haver algum que, por exceção, apóie a Revolução, porque existe sempre uma exceção, porque há o filantropo, o indivíduo honesto que, além do mais, se entusiasma com a Revolução e é capaz de sobrepor-se — excepcionalmente, repito — a seus interêsses.

A classe operária... Quais os que se reuniram para acompanhar o cadáver de Manuel Ascunce? De modo geral, naturalmente, foi tôda a população, mas qual a massa preponderante dessa manifestação? Foram os trabalhadores. Quem constitui o grosso das milícias nacionais revolucionárias? Os trabalhadores. Quem foram os que lutaram nos combates de Playa Girón, tombaram e morreram lutando contra os mercenários invasores? Foi a fôrça dos batalhões, principalmente da capital, embora também tenham participado unidades de Matanzas(1) e de Cienfuegos(2) que também combateram valentemente — todos em sua imensa maioria trabalhadores.

A fôrça fundamental, portanto, da Revolução, a espinha dorsal da Revolução, está integrada pela classe operária.

E quem mais, junto com a classe operária, apóia a Revolução? Os trabalhadores agrícolas — os trabalhadores agrícolas dos latifúndios de cana-de-açúcar que hoje são cooperativistas — constituíam um setor que antes de ser cooperativista pertencia à classe operária e como tal

(1) *Matanzas* — Província cubana situada entre La Habana e Santa Clara. Foi no quartel Goicuria dessa província que se deu o assalto de um grupo de revolucionários capitaneado por Reynol Garcia, que morreu em combate.

(2) *Cienfuegos* — Cidade situada ao sul da Província de Santa Clara, conhecida como a "Pérola do Sul". Nessa cidade, um grupo de marinheiros sublevou-se na base naval, dirigidos pelo Capitão San Román, a 5 de setembro de 1955.

deve ser conceituado; os camponeses, os camponeses de Sierra Maestra, os camponeses da zona de Baracoa;(3) os camponeses do Escambray. A melhor prova do que estamos dizendo é a seguinte: apesar de que naquela zona se desenvolveu um grupo que de revolucionários não tinha absolutamente nada, um grupo de elementos "come-vacas"...(4) e aclaremos perfeitamente o papel que ali desempenharam a "Segunda Frente do Escambray" e o "Diretório Revolucionário"... tanto foi assim que o grupo de "come-vacas" expulsou das montanhas de Escambray, pràticamente, os elementos mais revolucionários... Quem iniciou a Frente não foram Menoyo nem aquela gente; quem iniciou a Frente foram os companheiros do Diretório; acontece que aquêle grupo que se foi desenvolvendo, dirigido por Menoyo, acabou pràticamente tomando o lugar dos companheiros do Diretório; entre todos aquêles senhores, os elementos mais revolucionários foram postos à margem; era essa a situação que existia em Las Villas quando chegou o companheiro Guevara.

A gente que havia conseguido organizar uma "piña"(5) ali, chegou um determinado momento em que começou a agir por sua própria conta; e a política que seguiram foi bárbara. Há alguns casos que convém, por exemplo, recordar. Um só daqueles senhores da "Segunda Frente" de Menoyo matou *trinta e três* indivíduos! Durante tôda a guerra — e houve tempos bem difíceis para

(3) *Baracoa* — A mais antiga cidade de Cuba, situada ao norte de Oriente.

(4) *Come-vacas* — Nome dado pelo novo cubano aos membros da segunda frente de Escambray comandados por Eloy Gutiérrez Menoyo. Ao chegar "Che" Guevara a Escambray verificou que êsses elementos, em vez de lutar, oprimiam os camponenses locais, além de comer-lhes as vacas.

(5) *Piña* — Expressão popular que se aplica a grupelhos desligados da massa preocupados em criar conflitos ou gozar de privilégios.

as nossas fôrças — em tôda Sierra Maestra não fizemos mais do que dez vítimas. Em uma guerra que durou mais de dois anos; em que nos vimos na necessidade de punir com a pena capital. Pois êsse indivíduo, êle sòzinho, dera cabo de trinta e três camponeses! E o terrível é que era um grupo que estava ali só para comer as vacas dos camponeses.

ESCAMBRAY NÃO DESPERTOU UMA TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA COMO EM SIERRA MAESTRA

Ali não despertou uma tradição revolucionária como em Sierra Maestra. Tôda a forma em que se desenvolveu êsse núcleo dentro da chamada "Segunda Frente" influiu negativamente em tôda a zona de Escambray. Quando acabou a guerra, êles tomaram conta de todos os postos da prefeitura de Cienfuegos, de Trinidad, de Topes de Collantes, das obras de Habanilla... de todos os lugares. Depois, inclusive, fizeram tanta politicagem quanto lhes foi possível. Isso contribuiu para que na zona de Escambray o movimento contra-revolucionário organizado por êles encontrasse maior facilidade para desenvolver-se.

Entretanto, mesmo quando êsse núcleo contra-revolucionário ali se desenvolve, quando chegou a ter duzentos, trezentos, quatrocentos e finalmente quinhentos homens (nem todos, porém, de Escambray, houve muita gente "lumpen" que foi parar lá), mesmo os habitantes de Escambray que se haviam incorporado às suas fileiras constituíam uma exígua minoria da população local, enquanto as fôrças que perseguiam os contra-revolucionários contavam com um contingente de três mil camponeses de Escambray. As milícias revolucionárias de Escambray tinham três mil enquanto êles não tinham cem. Isso demonstra, categòricamente, que o pequeno agricultor beneficiado pela reforma, agrária, que a Revolução libertou do jugo do sistema de arrendamento da terra, a quem a Revolução deu professôres, médicos e créditos... apesar de, ocasionalmente, a compreensão da política revolucionária tardar mais a chegar até êles do que a outros pontos, em suma: apesar de que efetivamente se conseguisse fazer ali trabalho contra-revolucionário, trabalho negativo, o fato incontestável é que o número de camponeses de Escambray que se incorporaram às fileiras dêsses contra-revolucionários foi mínimo, um número reduzidíssimo de pessoas. E a Revolução tinha milhares de milicianos recrutados ali. E *tem* milhares de milicianos ali.

Depois da "limpeza" de Escambray, depois do trabalho revolucionário que ali se fêz, surgiram inúmeros comitês de defesa da Revolução e milícias em Escambray. A campanha de alfabetização em Escambray culmina no dia 9; alfabetizamos mais de vinte mil pessoas em Escambray! (*aplausos*). Escambray é hoje uma reserva da Revolução. Não cabe dúvida que o pequeno camponês, o camponês pobre, o pequeno agricultor, êsse setor numeroso da população está decididamente com a Revolução, apesar de que culturalmente era o setor do país onde havia o maior número de analfabetos, carecendo da experiência que tinha já o movimento operário organizado e do grau de cultura política que tem o movimento operário, o proletariado. Êsse setor está com a Revolução.

Os estudantes estão com a Revolução. Que melhor prova de que os estudantes estão com a Revolução do que os cem mil brigadistas alfabetizadores? Enquanto na Venezuela, por exemplo, em Caracas os estudantes estão nas ruas protestando contra a repressão, lutando contra o imperialismo, combatendo as medidas fascistas do Senhor Rômulo Betancourt. E enquanto em tôda a América Latina vê-se o movimento estudantil vigoroso lutando con-

tra o imperialismo, em nosso país cem mil estudantes dirigem-se para o campo a alfabetizar.

Os intelectuais estão com a Revolução, em sua imensa maioria. Os quadros das profissões liberais estão com a Revolução, os profissionais honestos. E uma ampla e numerosa camada da pequeno-burguesia nacional está com a Revolução. Isso ninguém pode negar. (*Aplausos*).

A alta burguesia, a contra-revolução tudo faz para arrastar para o seu lado essa camada social, enquanto a Revolução procura e consegue manter seus melhores elementos juntos com a Revolução. Já vê você, Lionel, que não é mau provir da pequeno-burguesia.

São essas as verdades.

A CLASSE OPERÁRIA ESTÁ COM A REVOLUÇÃO

Eu creio que nosso povo pode perfeitamente entender essas coisas, porque as vê. Quando vê um congresso de dez mil delegados operários, quando vê as concentrações de multidões, quando vê as centenas de milhares de milicianos, dá-se conta de que a classe operária está com a Revolução; quando vê cem mil brigadistas alfabetizando, dá-se conta de que a estudantada está com a Revolução; quando vê os "meetings" camponeses, as dezenas de milhares de milicianos camponeses dá-se conta de que os camponeses estão com a Revolução e dá-se conta de que os intelectuais estão com a Revolução, bem como os profissionais mais honestos. Os fatos o demonstram.

E isso significou, justamente, a união; o esfôrço de todos os setores revolucionários da sociedade unidos em uma só organização revolucionária.

Agora surge outra questão: quantas revoluções iriam fazer três organizações distintas? Essas organizações que

representavam os setores revolucionários da sociedade iam fazer três revoluções ou tinham que fazer uma revolução?

Acho que êste é um ponto importante. *Ao falar da questão do Partido Unido da Revolução, é conveniente, sobretudo, que o povo compreenda històricamente as raízes do processo revolucionário e da união das organizações, para que todo mundo perceba que há certas posições ou certas atitudes que são puramente utópicas, ilusórias, idealistas, falsas.*

Estamos lembrados de quando, durante o interrogatório dos mercenários, um sujeito falou de uma terceira posição e disse uma série de sandices do mesmo gênero.

Em primeiro lugar, devo dizer uma coisa: nós, com a própria revolução, em primeiro lugar vamos fazendo um grande acúmulo de experiência; com a própria revolução nos vamos *revolucionarizando*. Nós, com a própria revolução, cada dia somos mais revolucionários. Terá havido, então, um tempo em que não éramos revolucionários? Sim, houve um tempo em que eu não tinha nada de revolucionário. Por que era reacionário, ladrão, corrupto? Não, nada disso. Houve um tempo em que, pollticamente, podia-me considerar um analfabeto por completo, conseqüência de minha origem de classe. (*Aplausos*).

Por acaso sabia eu, há vinte anos, sôbre revolução mais do que Marinello, Carlos Rafael, Aníbal, Blas? Absolutamente. Há vinte anos, muitos de nós não sabíamos de revolução uma palavra, entre outras razões porque muitos dentre nós há vinte anos... Raul, por exemplo, creio que há vinte anos estaria acabando de aprender a ler e a escrever; éramos garotos.

Mesmo quando não éramos mais garotos, muitos dentre nós, dos que proviemos de classes sociais que não a classe operária — e estou sempre muito consciente dis-

so... muito consciente, inclusive, de tôda a influência que teve forçosamente a origem de classe na mentalidade de qualquer um de nós... Mas, pela mesma razão, ao mesmo tempo que consciente disso, estou também muito consciente de forjar-me um pensamento revolucionário claro, vertical e limpo de tudo o que me possa restar de razões que nada tenham que ver com a consciência e a vontade dos homens; mas muitos dentre nós, inclusive quando estudávamos para o bacharelato, ainda éramos analfabetos políticos. Eu era um analfabeto político, mesmo quando me formei, e inclusive quando bacharel.

Deveria envergonhar-me por confessá-lo? Não, pelo contrário. Sinto-me muito orgulhoso de um dia ter sido bacharel e não saber nada de política nem de revolução, e hoje, entretanto, saber algo. Porque isso demonstra que de algum modo avancei. (*Aplausos*).

Vocês não pensem que falo do meu caso por ser *meu;* falo de um caso que conheço melhor do que outros e que pode servir... Como hoje tivemos a agradável surprêsa de contar com a presença dos alunos da Escola Nacional de Instrução Revolucionária aproveitei para expor algumas idéias que possam servir. Deve ser caso parecido com muitos casos.

Qual é a classe mais revolucionária? A classe operária, sem sombra de dúvida. Por quê? Porque sua condição social a faz revolucionária. E quais são as classes reacionárias? As classes ricas. Sua condição social de classe exploradora lhe molda a mentalidade e o pensamento reacionários.

Mas há, dentro da Revolução, muitos casos de companheiros revolucionários provenientes de camadas que não são as camadas operárias. Que aconteceu em alguns países devido à presença de núcleos numerosos de camadas de classe média no movimento operário? Aconteceu

que inculcaram no movimento operário o pensamento da pequeno-burguesia e da classe média. Isso ocorreu, e temos que lutar para que não ocorra aqui; temos que lutar tremendamente pela educação revolucionária. Para quê? Para que a presença numerosa de elementos dessa procedência não inculque idéias que correspondam a uma classe social vacilante, que não compreende a disciplina, que se desespera, que tem tôda uma série de vícios, que não sou eu quem os está inventando agora mas que são conhecidos através da história do movimento revolucionário, desde meados do século passado.

Mas quer isso dizer que não pode um bom revolucionário provir dessa camada social? Não, absolutamente! Pode surgir um magnífico revolucionário; e inclusive os grandes teóricos do pensamento revolucionário surgiram dessas camadas. Mas por que surgiram dessas camadas? Porque eram os que freqüentavam as escolas e as universidades.

Um operário têxtil da Inglaterra, que mal havia alcançado o 1.º ou 2.º grau de ensino, que não tinha podido estudar História, nem Sociologia, nem as leis naturais, nem as leis físicas não podia elaborar uma teoria revolucionária, por mais que houvesse sido explorado e por êsse motivo abraçasse qualquer idéia revolucionária — e era lógico que sua classe a abraçasse.

À Universidade não tinha acesso o operário explorado; à Universidade tinham acesso, simplesmente, os elementos das camadas médias da população. Muitos dos teóricos, e dos maiores teóricos, surgiram justamente dessas camadas porque tiveram acesso às universidades, graças a que puderam elaborar uma teoria revolucionária. Assim como os cientistas descobriram leis da natureza, êles descobriram as leis da evolução do desenvolvimento da sociedade, as leis do desenvolvimento histórico. Outros descobriram as leis químicas e físicas. Foram homens de

grande talento, geniais e, simplesmente, se desenvolveram como grandes talentos, como grandes gênios; naturalmente, para haver sido um descobridor de uma lei física da natureza, era preciso ter um grande talento — mas não podemos dizer que fôsse necessàriamente um tipo de grande sensibilidade humana.

MARX, ENGELS E LÊNIN DEDICARAM-SE A ORGANIZAR E A DESENVOLVER O MOVIMENTO OPERÁRIO

O que é fora de dúvida é que o intelectual, o gênio que se dedicou a escrever a favor da liberdade da classe operária era um homem que, antes que tudo, sentia os padecimentos dessa classe, os sofrimentos, a exploração. E os que descobriram as leis do desenvolvimento histórico não foram apenas descobridores de leis, porque Marx, Engels e Lênin não se dedicaram a descobrir leis, mas se dedicaram a organizar o movimento operário, a organizar o movimento revolucionário e a desenvolvê-lo.

Mas é conveniente que se saiba: temos que pôr especial ênfase em educar a classe operária, em continuar o desenvolvimento político dos núcleos mais avançados da classe operária e elevar ao mais alto nível de educação política os núcleos da classe operária; a forjar a consciência revolucionária dos camponeses, das camadas da classe média que estão com a Revolução, dos estudantes de todos os setores revolucionários do país e ampliar tanto quanto possível a base do movimento revolucionário.

Que foi que fêz de nós revolucionários? Em primeiro lugar, a vocação de revolucionários, porque é mais provável que, quando se provém de uma classe social que não é revolucionária, não se seja revolucionário. Em segundo lugar — digamos assim: — honradez absoluta. Há

indivíduos que quando crêem em alguma coisa, crêem nela; quando crêem em outra, crêem nessa outra e crêem nela honradamente; e quando crêem encontrar uma verdade, aferram-se a ela.

Não vim aqui fazer autobiografia; longe disso; nem fazer uma análise de com me tornei revolucionário. Se algum dia tiver tempo — por ora não vejo tempo — posso escrever algo a respeito. Sempre me fui convencendo, como sucedeu a muitos, cada vez que descobria algo. Meus primeiros contactos na Universidade... com a economia política burguesa, porque me lembro de que comecei a debater-me em contradições e a conceber idéias revolucionárias ao estudar a economia política burguesa.

Depois, naturalmente, começamos a ter os primeiros contactos com o *Manifesto Comunista*, com as obras de Marx, de Engels, de Lênin... Isso marcou o início de um processo. Para confessar honradamente, muitas coisas que fizemos em prol da Revolução não foram inventadas por nós.

Quando havíamos deixado a Universidade — e no meu caso particular, achava-me grandemente infuenciado — não vou dizer que fôsse marxista-leninista. É possível que tivesse ainda dois milhões de preconceitos pequeno-burgueses e uma série de idéias de que me alegro muito de não mais possuí-las; e talvez, se não houvesse tido preconceitos, não teria estado em condições de contribuir para a revolução, como contribuímos.

Digamos as coisas como elas são. (*Aplausos*).

Se houvesse estado por exemplo na situação de Carlos Rafael, era provável que quando fomos para as montanhas houvéssemos encontrado situação muito mais difícil. Não se pode negar que certas circunstâncias foram favoráveis; na realidade, já nosso pensamento revolucionário estava fortemente influenciado justamente pelo con-

tacto... Lembro-me de que quando líamos a história da independência da América Latina, nos livros clássicos de História, livros naturalmente escritos por burgueses, encontrávamos a explicação de que a influência da *Declaração dos Direitos do Homem*, da Revolução Francesa, foi fator que influiu grandemente no pensamento dos libertadores latino-americanos. Naturalmente, as idéias se vão divulgando e ganhando adeptos.

Uma coisa é indiscutível — vou tornar a falar disso mais adiante: essas idéias já formavam em grande parte nosso pensamento revolucionário, sem que possamos dizer, no entanto, que fôssemos revolucionários completos. Inclusive, ainda não poderíamos dizer, honestamente, que somos revolucionários completos. Por quê? Porque nós nos damos conta de que nosso amor pelas coisas da Revolução, nossa paixão pela Revolução é algo que sentimos crescer de dia para dia; é essa nossa atitude em face de todos os problemas; e talvez hoje nos acreditamos cabalmente revolucionários e dentro de cinco anos venhamos a descobrir que não passávamos ainda de grandes ignorantes.

TEMOS MUITO QUE ESTUDAR

Creio que todos temos muito que estudar. Serei um revolucionário convicto? Sim, sou um revolucionário convicto, que dúvida! Em certas ocasiões, perguntaram-me se eu pensava na época do ataque ao Moncada da mesma maneira por que penso hoje. E eu respondi: "Pensava de modo muito parecido ao como penso hoje". É essa a verdade.

Qualquer pessoa que leia o que naquela ocasião declarávamos, verá que muitas coisas fundamentais da Revolução estão expressas nesse documento. É um documento,

inclusive, escrito com cuidado. Foi escrito com cuidado suficiente, para expor uma série de pontos fundamentais sem, ao mesmo tempo, dar lugar a que nosso campo de ação dentro da Revolução ficasse limitado. Que evitasse que o movimento que acreditávamos, podia levar à queda de Batista ficasse muito reduzido e muito limitado. Em suma, era preciso fazer com que êsse movimento fôsse o mais amplo possível.

Se não houvéssemos escrito tal documento com cuidado, se houvesse sido um programa mais radical — e é verdade que muita gente aqui se mostrava um pouco cética a respeito de programas, e muitas vêzes não lhes prestava maior atenção — naturalmente o movimento revolucionário de luta contra Batista não teria adquirido a amplitude que adquiriu tornando possível a vitória. Qualquer pessoa que leia o manifesto, o discurso daquela ocasião, perceberá quais eram as idéias fundamentais.

Há algumas coisas, por exemplo, certas reivindicações que fizemos naquela ocasião sôbre o aumento da parte que correspondia aos colonos no açúcar... Mais tarde, em reuniões dos colonos, êles citaram essas reivindicações e disseram-me: "Afinal de contas, antes o senhor não falava de aumento?" E eu lhes respondia: "Sim, mas naquela época não podíamos falar do que podemos falar hoje, e acontece que convertemos êsses colonos em proprietários das terras — o que representa muito mais que ter-lhes concedido um aumento na quota de participação sôbre a safra de açúcar".

Algumas reivindicações traçadas àquela época foram reivindicações feitas, simplesmente, com a preocupação de não causar danos à amplitude do movimento revolucionário. Lembro-me de que, então, a polícia apreendeu livros que tínhamos em nosso poder, um dos quais era de Lênin. No julgamento de Moncada, o encarregado da acusação perguntou-me: "E êste livro? De quem era?"

"Êsse livro era nosso" respondi-lhe. E como estava um pouco irritado, acrescentei: "Sim, era nosso, e quem não lê livros que tais é ignorante!"

Naquela época, portanto, em linhas gerais, nosso pensamento revolucionário estava formado. Não éramos, contudo, revolucionários completos; éramos muito mais revolucionários quando chegamos ao poder. Somos revolucionários convictos. Digo-o com tôda a sinceridade. Porque creio que estas palestras não devem converter-se em meras exposições teóricas e... se há algo que possa ajudar a formar ainda mais o pensamento político do povo é falar com tôda a franqueza, com tôda a clareza, com honestidade.

Considero-me hoje mais revolucionário do que o era no 1.º de janeiro, que inaugurou o poder revolucionário. Era o 1.º de janeiro revolucionário? Sim, creio que era. Em outras palavras tôdas as idéias que hoje tenho, já as tinha no 1.º de janeiro.

Pois bem. Neste momento, posso dizer que sou um homem que estudou a fundo a filosofia política da Revolução, tôda a História? De maneira alguma. Não a estudei a fundo. Naturalmente, tenho absoluta convicção e tenho o propósito — que é o propósito que devemos ter todos — de estudar. Recentemente, procurando entre meus livros, o do problema do capital, constatei que, em meu tempo de estudante, havia lido até a página 370 de "O Capital". Cheguei até aí. Tenho o plano de, quando tiver tempo, prosseguir estudando "O Capital", de Carlos Marx. (*Grandes aplausos*).

CREIO ABSOLUTAMENTE NO MARXISMO!

Em meus anos de estudante li o *Manifesto Comunista* e as *Obras Escolhidas*, de Marx, de Engels e de Lênin.

Lògicamente, seria interessante voltar a ler as coisas que lia àquela época. Pois bem: devo crer no marxismo? Creio absolutamente no marxismo! (*Grandes aplausos*). E desde o 1.º de janeiro? Desde o 1.º de janeiro! E desde o 26 de julho? Desde o 26 de julho! Entendia-o como o entendo hoje, depois de quase dez anos de luta?

Não, não o entendia como o entendo hoje. Comparando o meu entendimento daqueles tempos com o de hoje, há uma grande diferença. Tinha eu preconceitos? Sim, tinha preconceitos; sim, tinha-os por ocasião do 26 de julho. Posso considerar-me um revolucionário cabal em relação ao julho? Não, não o posso. Podia considerar-me um revolucionário cabal no 1.º de janeiro? Não, não me podia considerar um revolucionário cabal. Posso considerar-me hoje um revolucionário cabal? Isso significaria que me sinto plenamente satisfeito com o que sei — e, naturalmente, não estou satisfeito.

Terei algumas dúvidas sôbre o marxismo e entendo, por acaso, que algumas interpretações são equívocas e é preciso submetê-las a uma revisão? Não tenho a menor dúvida! (*Prolongados aplausos*).

O que acontece comigo é justamente o contrário: quanto mais experiência tenho da vida; quanto mais conhecemos o que é o imperialismo — não em palavras, mas o que significou a carne de nosso povo e em seu sangue; quanto mais temos de enfrentar o imperialismo; quanto mais conhecemos a política imperialista em todo o mundo, — no Viet-Nam do Sul, no Congo, na Argélia, na Coréia, em tôdas as partes do mundo — quando mais nos damos conta da existência de suas garras sangrentas, da exploração miserável, dos abusos que comete no mundo, dos crimes que comete contra a humanidade — tanto mais nos fazemos, em primeiro lugar, por sentimento, emocionalmente, marxistas, quanto mais vamos descobrindo as verdades que encerra a doutrina.

Quanto mais temos que enfrentar a realidade de uma revolução e a luta de classes, e vemos o que é a realidade da luta de classes no cenário de uma revolução, tanto mais nos convencemos das verdades escritas por Marx e Engels e das interpretações verdadeiramente geniais que fêz Lênin do socialismo científico.

Quanto mais lemos êsses livros e fazemos o confronto dêles com a experiência, com a bagagem da experiência que temos, mais nos convencemos da visão genial e da penetração que tiveram.

Mas há algo melhor de que as palavras de quem quer que seja, de qualquer dirigente revolucionário, para explicar por que o marxismo abriu caminho na História: basta que se leia a história de Marx, a biografia de Marx, livro que todo o povo deve ler, no dia em que a *Imprensa Nacional* o imprimir. A biografia de Marx, escrita por Mehring.

Mas quem era Marx? Que foram sua vida, seu trabalho, seus sacrifícios? Como estudou? Ver-se-á que Marx foi um homem, inclusive, pouco conhecido em sua época; odiado por muitos intelectuais, por muitos pseudo-revolucionários. Sua obra só era conhecida por pequenos círculos. Em sua época havia muitos outros escritores socialistas de maior renome e de mais prestígio que Marx, e mais conhecidos do que Marx. Tôda uma série de escritores que escreverem sôbre o socialismo, eram socialistas, mas socialistas que concebiam um mundo ideal, um mundo mais justo, sem escravos nem exploradores; eram socialistas idealistas, socialistas utópicos. Muito dessa gente dedicou-se, então, a elaborar um programa, a escrever uma utopia, ou a expressar um sentimento revolucionário sôbre uma base idealista — não sôbre uma base científica. Muitos daqueles escritores tiveram ocasião de dar-se a conhecer, muitos daqueles pensadores e muitos dêsses pensamentos penetraram, inclusive, em amplas zonas do proletariado da Europa: na França, na Itália, na Alemanha, na Inglaterra. Marx escreve uma obra científica, eminentemente científica, não dizendo as coisas como gostaria que elas fôssem, mas escrevendo as coisas que via — as coisas que eram como eram em conseqüência do próprio desenvolvimento da sociedade humana. Estudando a economia, chegou a uma série de conclusões. A obra de Marx abriu caminho por si própria. A obra em si, por fôrça das verdades que contém, eram superiores e mais sólidas e tinham base tão firme, em contraste com o que escreveram os demais socialistas. Uma obra para ser compreendida pelos trabalhadores, porque êle escreveu para os trabalhadores, e sabia que sua obra algum dia haveria de ser compreendida pelos trabalhadores. Tinha fé cega em que essa obra revolucionária, êsse pensamento, seria compreendido pelos trabalhadores e que, como interpretação verdadeira dos fatos, seria o pensamento predominante nos círculos operários de todo o mundo.

O fato de que sòmente a obra de Marx modelou a História, que outra prova se pode querer mais completa de valor científico, de valor teórico, de valor real de uma doutrina revolucionária?! Os trabalhadores mais avançados, os intelectuais mais progressistas quando começaram a procurar entre o que se havia escrito sôbre o socialismo, puseram de lado por falta de fundamentos sólidos, por falta de caráter científico, as demais teorias socialistas, e foram adotando as teorias de Carlos Marx e Frederico Engels.

Depois da morte de Marx, Engels encarregou-se de continuar aprofundando o pensamento do amigo... É preciso não esquecer que Engels era também um grande pensador, mas sacrificou seu trabalho intelectual porque Marx era tão pobre e passava tanta miséria e tanta fome que Engels, conhecendo melhor do que ninguém o gênio de Marx, pôs-se a trabalhar como comerciante, simples-

mente para que Marx pudesse escrever *O Capital*, no qual estêve trabalhando durante vinte anos. Foi um dos sacrifícios mais altruístas que se conhece, o sacrifício de Engels por Marx. (*Aplausos prolongados*).

DESTRUÍDAS AS FALSIDADES

Sem falar que a própria vida de Marx, sua conduta, seu espírito de pai abnegado e exemplar, os sacrifícios que fêz são por si suficientes para destruir uma das maiores falsidades que a burguesia, o capitalismo e o imperialismo divulgaram acêrca do marxismo: que é inimigo da família, dos filhos, da mulher. É preciso, para começar, ler-se a vida de Marx a fim de se verificar a quantidade de mentiras infames e estúpidas que se escreveram. Porque, naturalmente, desde o momento em que Marx dscobre uma grande verdade, e essa verdade, por sua vez, começa a influir nos acontecimentos, puseram-se os escritores da reação e da exploração a escrever contra Marx. Apesar disso, o socialismo científico, o marxismo, abriu caminho e se foi convertendo na teoria revolucionária do movimento operário.

Em primeiro lugar, havia movimento operário, e o movimento operário era revolucionário. Isso viu Marx e o compreendeu claramente. E, como havia descoberto uma verdade, os primeiros que se fizeram marxistas, os primeiros que adotaram sua teoria, foram os operários de tôda a Europa; os grupos mais avançados, os mais inteligentes; até que o movimento se foi convertendo, de fato, na teoria revolucionária da classe operária.

Não bastava entretanto, que o movimento operário europeu dispusesse de uma teoria revolucionária; era preciso que essa teoria fôsse interpretada. É então que surge uma série de etapas em que, em virtude da influência do

pensamento não revolucionário da burguesia e da ideologia burguesa, se procurou tergiversar o pensamento de Marx.

Qual foi o grande mérito de Lênin? O grande mérito de Lênin foi haver tomado o pensamento de Marx em sua pureza, defendendo-o contra tôdas as mistificações, contra os revisionismos, contra tôdas as mudanças que quiseram impor ao pensamento de Marx. E, armado dessa teoria, Lênin fundou um partido, lutou dentro dêsse partido contra tôdas as correntes pequeno-burguesas, contra tôdas as correntes não-revolucionárias. Lênin venceu dentro do partido essas correntes e, com a teoria revolucionária, conquistou o poder. Isto é, conquistou o poder revolucionário.

Qual foi o grande mérito de Lênin? Lênin teve o extraordinário mérito de haver *interpretado cabalmente* o pensamento de Marx, de havê-lo pôsto em prática e havê-lo desenvolvido em circunstâncias novas, quais sejam de um partido revolucionário no poder; e de ter desenvolvido uma teoria, um pensamento de extraordinária profundidade, sem a menor dúvida. Êsse é o grande mérito histórico de Lênin, como teórico e dirigente.

O marxismo continua se desenvolvendo. É preciso que se leiam os relatórios de Kruchiov, ao XXII Congresso, que são um tratado de política. O marxismo começa agora a fazer frente a uma tarefa inteiramente nova: a construção do comunismo. Porque Marx não disse como se construía um regime ou uma sociedade socialista. Marx interpreta as leis da História, faz uma interpretação correta, estuda a natureza da sociedade, dividida em classes; desenvolve tôda uma teoria revolucionária, em virtude da qual explica a História através dos sistemas de produção

que, por sua vez, desenvolvem relações de produção. Essas palavras, que vou dizer, avisando, são um pouquinho complicadas de compreender, quando se começa a estudar o marxismo: meios de produção, sistema de produção, relações de produção... mas estão perfeitamente explicadas em uma série de casos práticos. Interpretar a História, porque até então a História havia tido uma série de interpretações.

Havia quem desse à História uma interpretação divina. Dizia-se: a História processa-se de acôrdo com os desígnios sobrenaturais, de acôrdo com os desígnios de Deus. Outros diziam que eram os homens que faziam a História, os indivíduos: Alexandre, César, Napoleão. Havia as teorias raciais sôbre a História, e diziam que a raça era o fator determinante da História. Teorias anticientíficas, teorias absurdas. Marx disse: Não. A História, não é a divindade quem a determina, nem são os indivíduos, nem são as raças. A História é um processo de desenvolvimento determinado pelas condições materiais de produção. Isto quer dizer: o homem primeiro tem que viver... Vou explicá-lo em têrmos mais simples.

O homem tem que viver; para viver, começa a lutar com a natureza. Primeira etapa do homem: o homem colhe o que dá a terra. É a etapa do comunismo primitivo: a terra é comum, os bens são comuns, os meios de produção são absolutamente rudimentares; é a etapa em que os meios de produção da humanidade são os mais elementares, em que a técnica, para produzir bens, para satisfazer às necessidades do homem, é muito pobre.

Não pretendo dar a vocês, alunos da Instrução Revolucionária, uma lição melhor do que lhes pode dar Lionel, mas estou explicando isso não para vocês, estou explicando para o povo. (*Aplausos*).

O COMUNISMO PRIMITIVO E O COMUNISMO PROGRAMADO PELA U.R.S.S.

Na etapa do comunismo primitivo não há exploradores nem explorados. Existe a propriedade comum, e ainda subsistem em algumas regiões do mundo núcleos sociais que vivem no regime do comunismo primitivo. Às vêzes rio-me, quando algum companheiro quer dar um salto muito grande e ameaça cair no comunismo primitivo (*risos*). Mas é muito conveniente que façamos essa apreciação, para saber distinguir entre o comunismo primitivo e o comunismo que programa a União Soviética.

Onde está a diferença? Ora, a fundamental, a grande e extraordinária diferença, está em que aquêle era um comunismo de miséria, de uma vida muito pobre, muito escassa e muito elementar entre os homens, correspondendo a meios de produção por demais precários. Desenvolvem-se os meios de produção, as técnicas de produção, os cultivos; desenvolvem-se os primeiros acúmulos de capital; como conseqüência disso desenvolve-se a apropriação privada dos meios de produção e da terra, dos animais, dos apeiros para trabalhar e, em conseqüência, inicia-se o regime de produção, relações de produção novas, enquanto se desenvolvem os meios de produção.

Surgem os proprietários. Surgem os proprietários de gado e dos apeiros de lavoura, de terras, e também do homem — como meio de produção.

O segundo regime social da humanidade foi o regime da escravidão, regime do trabalho escravo, muito simples, muito rudimentar — mais adiantado, porém, que a técnica do trabalho na etapa do comunismo primitivo. Surge, portanto, o regime de escravidão. É o regime que caracteriza tôda aquela etapa da humanidade, da história da Grécia, de Roma principalmente: todo o império romano se desenvolve sôbre aquela base, sôbre aquêle sis-

tema social. Os povos, então estavam divididos nas categorias de proprietários — os senhores — e outras classes que tinham certos direitos civis, mas não tinham direitos políticos em Roma, por exemplo, os plebeus. E além dêsses, os escravos.

Todos conhecem a história das lutas daquelas classes para se libertarem. A história dos escravos com suas sublevações, para se redimirem-se do jugo da escravidão; os escravos chegaram a sublevar-se, desenvolveram um grande movimento por tôda a Itália em desafio ao poder romano; puseram em perigo o poder romano; fundaram cidades, organizaram, inclusive, um Estado dos escravos; mas aquela revolução acabou sendo esmagada.

Os movimentos dos plebeus com os Graco, à frente, reclamando direitos perante os patrícios romanos, que dispunham do direito econômico e tinham direitos polticos.

O regime da escravidão é por seu turno superado e substituído por um regime um pouco mais benigno, mas nem por isso menos cruel ou deixando de ser regime de exploração — quando, ao cair o império romano, se cria outro sistema social: o feudalismo.

O feudalismo, em virtude do qual os indivíduos não eram escravos, mas estavam em situação de dependência semi-escrava em relação aos senhores feudais, os donos de terras; trabalhavam um tanto em suas terras, outrotanto nas terras dos amos sem grande diferença do que acontecia com camponeses que encontramos aqui trabalhando na terra dos amos e tendo que dar-lhes metade do que colhiam e, além disso, utilizando os apeiros de lavrar a terra e tendo que plantar as sementes.

Êsse regime medieval baseou-se no sistema da servidão; os homens dependiam de seus senhores, dependiam da terra; quando os feudos passavam para as mãos de outros senhores da nobreza ou do feudalismo, iam junto todos os homens. Nisso não há muita diferença do que

acontece em alguns países, como o Peru, onde ainda se vendem os latifúndios com os índios que ali vivem.

ENTRAVES DO FEUDALISMO

Surge uma nova classe: os industriais, os comerciantes, os mercadores. Onde se instalam? Nas aldeias, nos povoados. Começam a desenvolver uma indústria, um comércio. Êsse comércio encontra dificuldades. Que dificuldades? Os entraves do feudalismo. E que entraves são êsses? Tôda uma série de obstáculos, uma insegurança absoluta; passava a mercadoria de um povoado a outro, de uma aldeia a outra, de um burgo a outro, e então era obrigada a pagar uma série de impostos. Imaginem um comércio que vinha do Oriente Próximo e que, passando pela Itália (especiarias, perfume, ouro, etc.) tinha como meta final a França; imaginem que tinha que passar por cem senhores feudais, por cem Estados pràticamente diferentes, ligados por laços muito débeis, na primera etapa do feudalismo, ao poder de um rei, de um monarca absoluto.

Pois bem. Aquela classe social nova que vai surgindo, de comerciantes e industriais — muito rudimentares, é claro — começam a criar uma economia, a criar uma riqueza, começa a entrar em choque com as relações de produção existentes; ou seja: as relações sociais existentes, a superestrutura — como são chamadas tècnicamente nas aulas de instrução revolucionária de Lionel —; a estrutura econômica começa a entrar em choque com a superestrutura social; a estrutura da classe que surgia sentia um verdadeiro estorvo para o seu crescimento essa superestrutura social já formada e, então, começa aquela classe social nova a lutar por uma série de direitos. E uma longa luta que se trava. Foi conquistando todos

êsses direitos nos diferentes países da Europa, e é fato indiscutível que — conquanto em certos casos o movimento desemboque em uma revolução sangrenta, em outros em uma revolução menos sangrenta, em outros em uma transformação — é indiscutível que o problema se apresentou igualmente em todos os países.

Na França, na Alemanha, na Inglaterra, na Itália, em tôda parte apresentou-se aquela classe social em desenvolvimento, que é a burguesa, que não tinha direitos políticos, que tinha interêsses diferentes dos interêsses dos nobres e dos interêsses da classe nobiliária que governava aquêles países. Começa a luta contra a nobreza e então se enfrentam duas classes sociais: a nobreza contra a burguesia. Triunfa — e tinha que triunfar inexoràvelmente — a burguesia.

Como triunfou?

Na França, de maneira sangrenta, violenta. Primeiro, estabelecem-se os Estados nacionais pròpriamente. Vão-se desenvolvendo paralelamente com a monarquia absoluta, mas monarquia absoluta sôbre bases feudais, como acontecia na França. A burguesia tem que romper com o regime existente, destruir todos os entraves feudais e então surge a Revolução Francesa. Ao romper os entraves do feudalismo, a nova classe social se desenvolve e estabelece um sistema novo; o novo sistema começa em novas condições a desenvolver tôdas as fôrças que era capaz de desenvolver: a técnica, a produção. Um extraordinário progresso significou em relação ao regime anterior.

Em outros países também triunfa a nova classe, mas sem derrubar as monarquias; o que acontece é que as monarquias de tipo absoluto se convertem em monarquias com base burguesa. Dava na mesma que fôsse república ou que fôsse monarquia; o que importava era que o novo

regime suplantasse o regime feudal, que eliminasse os obstáculos antepostos a seu desenvolvimento, para desenvolvimento da nova classe social, das novas fôrças produtivas. E, então, nascem os Estados nacionais, que eram o ideal da nova classe — um grande mercado onde pudessem vender.

Tudo que acabo de explicar prepara o surgimento de uma classe social nova: o proletariado. A nova classe em desenvolvimento que suplanta a nobreza acaba se convertendo no que havia sido em outros tempos o feudalismo; representou o papel do feudalismo em face da classe que surgia dos mestres da escola de Instrução; essas foram as coisas que Marx descobriu: que surgia ao mesmo tempo uma classe social nova: o proletariado.

De onde surge o proletariado? Precisamente do desenvolvimento de todos aquêles meios de produção; criam-se as fábricas; vão desaparecendo, pouco a pouco, os artesãos; êstes concentram-se nas oficinas; novas técnicas de produção tornam cada vez maior a concentração dos meios de produção em poucas mãos; vai-se criando uma nova classe em tôrno da fábrica. Marx descobre que tôdas essas fábricas hão de continuar se desenvolvendo, que se intensificará o processo de concentração da propriedade, que os pequenos proprietários ou pequenos industriais se vão arruinar e que irá desenvolver-se a classe operária, cada vez mais poderosa.

CARACTERÍSTICAS DO CAPITALISMO: DESPERDÍCIO DA PRODUÇÃO

Ao mesmo tempo, o regime capitalista que a burguesia criou se converte em um freio ao desenvolvimento da sociedade. Quais eram as características da produção capitalista? O desperdício da produção, a falta de plane-

jamento, a concorrência, o esbanjamento, a não utilização de todos os recursos técnicos que a humanidade desenvolveu para produzir os bens de que o homem necessita.

Por aquela época havia uma séria de socialistas que escreviam "deve haver um socialismo". Mas por que deve haver um socialismo? "Porque a mim me parece bom, e acho que todos os trabalhadores deveriam querê-lo". Outros escrevem por diferentes razões, escrevem por hipóteses.

Qual o mérito de Marx? Marx dá uma interpretação correta do que iria acontecer — não porque isso correspondesse a desejos pessoais, mas porque as próprias leis do desenvolvimento histórico assim o determinavam. Êsse é o grande mérito de Marx, fundador do socialismo científico, que dá à classe operária um instrumento teórico.

Pois bem. Êles interpretaram as leis, estudaram as condições em dado momento. Marx não disse que era adivinho. Perguntaram-lhe o que aconteceria quando estivesse estabelecido o regime comunista; e êle respondeu que não era adivinho. Interpretou as leis, forneceu ao movimento operário uma teoria científica; a teoria é desenvolvida. Chega ao poder o primeiro movimento operário revolucionário, na União Soviética, armado com essa teoria, e então continua a desenvolver-se a teoria, e a União Soviética ganha uma longa experiência. Que experiência? A experiência da construção do primeiro Estado socialista do mundo.

Deve-se ter presente que essa experiência é de valor inestimável para a humanidade. Quando a desenvolveram, iniciaram e levaram a cabo a edificação do primeiro Estado socialista, enveredando por um caminho inteiramente novo para a humanidade, assim como agora seguem por outro caminho inteiramente novo: a construção da sociedade comunista.

Isso é uma indicação para nós de que o marxismo é uma ciência viva, ciência em desenvolvimento. Temos que estudar tudo o que ensinou Marx e, ao mesmo tempo, estudar tudo o que ensinou Lênin e estudar tôda a experiência extraída da edificação do primeiro Estado socialista, e estudar tôda a experiência extraída da edificação da primeira sociedade comunista. (*Aplausos*).

A EDIFICAÇÃO DO SOCIALISMO É UMA REALIDADE

Há uma questão: quando o partido bolchevique da União Soviética iniciou a edificação do primeiro Estado socialista, tratava-se simplesmente de transportar para a realidade uma teoria política, uma teoria revolucionária. A humanidade hoje está diante da realidade de que essa teoria foi posta em prática. Quais são os resultados da aplicação dessa teoria? Que é que hoje ninguém mais pode discutir?

O socialismo já não é coisa nova para a humanidade; o socialismo é uma realidade para a humanidade. Mas essa realidde está contida em números, nas estatísticas da União Soviética, nas cifras comparativas entre o que era a União Soviética, em 1913, e o que é a União Soviética de hoje: o desenvolvimento e o crescimento da produção, a transformação radical em tôdas as ordens da vida e do povo soviético; o que é hoje a União Soviética e as bases com que conta hoje para seu ulterior desenvolvimento. Inclusive, nos primeiros planos qüinqüenais da União Soviética, estavam experimentando o começando a aprender a planificar, a adquirir experiência. Hoje, o mesmo programa, com perspectiva de vinte anos, é uma coisa sôbre a qual trabalham já — e atuam com grande experiência e grande segurança. Ninguém pode pôr em

dúvida que o programa que traçaram será realizado, porque quem o está pondo em execução são homens com uma aprendizagem de quarenta anos na direção da economia, na planificação da economia, na edificação da sociedade socialista. E as cifras já demonstram, de maneira inequívoca, a vitória do socialismo sôbre o capitalismo e sôbre o imperialismo (*aplausos*).

Ser socialista hoje, edificar uma sociedade socialista nas condições atuais, não oferece os mesmos problemas do que quando não existia Estado socialista no mundo, e a experiência da vida e da realidade não haviam ensinado ainda e não haviam permitido comprovar sôbre a realidade a realização da teoria.

É um caminho realmente trilhado a construção do socialismo. Isso não quer dizer que as condições sejam exatamente iguais em todos os países; que o socialismo tenha que ser construído de maneira igual em todos os países e que tenha que copiar rigorosamente a forma original com que se edificou. Não! Cada país tem que ajustar seu programa e seus métodos e suas táticas às peculiaridades que lhe são próprias — e isso é o que devemos fazer.

Mas há uma série de experiências comuns de extraordinário valor, na medicina, na astronomia, na física que são verdades comprovadas pela realidade da História, e temos a grande vantagem de poder contar com tôda essa experiência e essa técnica para edificação de uma sociedade socialista.

Isso, naturalmente, é fácil de dizer. Mas, apesar de tôdas as vantagens, a realização resultou assim mesmo um tanto difícil. Da teoria à realidade há uma imensa distância. Diz-se fàcilmente que os soviéticos construíram uma sociedade socialista; mas a verdade é que para construir a sociedade socialista tiveram que fazer imensos e gigantescos sacrifícios. Inclusive cometeram erros; cometeram muitos erros nos primeiros tempos. O próprio Lênin encarregou-se de mostrar os erros fundamentais que haviam cometido.

DIFICULDADES QUE A U.R.S.S. TEVE QUE ENFRENTAR

Entre outras coisas, o movimento operário, a revolução triunfante na União Soviética teve que enfrentar uma série de intervenções.

Um dos grandes méritos de Lênin foi o ter visto o momento em que era possível ao movimento revolucionário tomar o poder. Havia muitos que achavam que êsse movimento não poderia sustentar-se no poder; êle acreditou que sim, que a correlação das fôrças internacionais, a própria guerra imperialista fazendo com que o anseio primordial do povo fôsse a paz, terra e pão... aproveitando tôdas aquelas circunstâncias, êle pensou: enquanto as potências imperialistas continuam combatendo, nós instauramos o poder soviético e o consolidaremos. E, de fato, contou com o fator tempo antes que terminasse a guerra imperialista.

Acabada a guerra imperialista, as potências puseram-se de acôrdo para intervir na União Soviética! Então, o poder soviético teve que enfrentar dificuldades que foram, verdadeiramente, inimagináveis. Primeiro, a intervenção estrangeira; teve que enfrentar uma burguesia forte, tôda a nobreza e os restos do czarismo; teve que enfrentar, inclusive, os movimentos da pequeno-burguesia local. Mas acabou vencendo, em condições naturalmente dificílimas, e teve afinal em suas mãos o poder sôbre um país imenso, dividido, completamente arruinado, inclusive, atrasado; de condições tão pobres que não pôde evitar descontentamentos entre camponeses e os próprios operá-

rios de Moscou e de Leningrado, depois de acabada a guerra civil. O próprio Lênin reconheceu que um dos momentos mais difíceis do poder soviético foi aquêle em que camponeses e trabalhadores manifestaram descontentamento, como conseqüência da precaríssima situação econômica e da ruína da União Soviética. É quando então se estabelece a nova política econômica, através de uma série de medidas tendentes a salvar a situação.

Viu-se a União Soviética às voltas com um longo período de fome, de privações, de sacrifícios. E, quando depois de vinte anos de construção socialista, surge a segunda guerra mundial, ela é outra vez invadida; sofre a perda de vinte milhões de cidadãos. Nesses vinte milhões de cidadãos estavam os melhores filhos da União Soviética, os mais abnegados, os mais valentes, que morreram na clandestinidade ou nas frentes de batalha. E outra vez o imperialismo surge daquela guerra com suas fábricas intactas, sua economia intacta; inclusive com armas atômicas frente a uma União Soviética destruída, que ainda por cima teve que ajudar a reconstrução de países que também haviam padecido sob a bota do nazismo e inverter os poucos recursos que lhe restavam em ajudar também a reconstrução de outros países do campo socialista.

Foi partindo de tais condições que ela chegou à etapa presente. Ninguém ousa mais discutir o extraordinário avanço técnico, cultural e científico da União Soviética. Creio que seria um absurdo, só de gente cega, não dar-se conta de que, no plano científico, a União Soviética suplantou por completo a todos os países capitalistas; no plano cultural, basta saber-se que, por exemplo, estudam na União Soviética três vêzes mais engenheiros do que nos Estados Unidos; a União Soviética é, atualmente, o primeiro país do mundo em construção de

habitações; é o país de menor mortalidade infantil... E isso, depois de tantas vicissitudes.

Em suma, uma coisa ficou inteiramente provada: a História confirmou plenamente a doutrina do marxismo e do leninismo. A edificação socialista é capaz de promover o desenvolvimento da sociedade incomparàvelmente superior ao capitalismo. Os Estados-Unidos crescem ao ritmo de 2,3% a 2,5% ao ano; a União Soviética tem crescido ao ritmo de 10% a 11% ao ano; mantendo tal ritmo, ao cabo de apenas vinte anos a União Soviética terá ultrapassado largamente — e muito antes do prazo — a produção total, a produção *per cápita* dos Estados Unidos.

OS ESTADOS-UNIDOS NÃO PODEM COMPETIR COM OS PAÍSES SOCIALISTAS

Podem os Estados-Unidos evitar essa concorrência? Podem competir com os países socialistas? De modo algum! Teriam, simplesmente, que renunciar ao sistema capitalista, à propriedade privada dos meios de produção, à propriedade privada dos meios de circulação do capital financeiro, à propriedade privada das terras, dos transportes. Teriam que estabelece um regime socialista. E dizer a todos os milionários americanos: "Basta de jogar dinheiro fora! Basta de capital sub-utilizado, basta de desemprêgo! Vamos utilizar todos os meios de produção alcançados pela técnica dêste país, tôdas as fábricas e vamos então dirigir a economia do país, vamos planificá-la, vamos planificar o desenvolvimento; vamos construir fábricas que são precisas". Só com uma economia planificada, só com a inversão racional de tôda a renda nacional, seria possível competir com a União Soviética.

Para isso, o que teria que fazer os Estados-Unidos é deixar de ser imperialista e capitalista para ser socialista. Essa é que é a verdade. (*Aplausos*). Não há sequer mérito, agora, em compreender essas coisas, quando temos a oportunidade de ler, de estudar e de refletir sôbre elas. O absurdo é que os povos, cercados por uma cortina de mentiras e de preconceitos, hajam ignorado essas coisas que são verdades históricas fundamentais.

Compreender hoje essas coisas é para nosso povo bastante fácil e simples.

É preciso lembrar que, unida ao sistema de produção capitalista, está naturalmente a fase subseqüente que é o imperialismo, o colonialismo, a exploração dos povos, a fome e a miséria. Onde existem guerras coloniais hoje? Nas colônias de Portugal, nas colônias da França. Onde há discriminação, perseguição, fome, miséria, incultura, tôdas essas coisas? Nas colônias ou nos países colonizados, nos países explorados pelo imperialismo.

O imperialismo é hoje a causa da fome, da miséria, do subdesenvolvimento dos povos. O imperialismo obriga, também, a gastar centenas de milhões de dólares anualmente em armamentos. Qual o único interessado em que não haja desarmamento? O imperialismo. Se nos Estados-Unidos paralisar a fabricação de armas, o que acontecerá imediatamente? Em vez de quatro milhões de desempregados, haverá possìvelmente dez ou quinze milhões.

Em suma, para resolver seus problemas os imperialistas recorrem a guerras, a campanhas armamentistas, porque, por um lado podem, assim, manter um certo nível de empregados, e por outro mantêm os povos num clima de histeria que torna mais fácil conduzi-los na direção que desejarem.

Quem quer que analise com honestidade a situação mundial, compreenderá que são os imperialistas, que são os capitalistas que têm o mundo sujeito à pior miséria,

ao maior atraso e que são êles, em uma palavra, a desgraça da humanidade. Bastaria estudar o que está ocorrendo no mundo para que nosso povo — só por êsse motivo — já se tornasse um inimigo do capitalismo. Basta sua política de exploração e de extorsão no mundo, sua política de guerra.

Mas a verdade, não precisamos olhar para o que acontece no resto do mundo; bastava ver o que acontecia aqui.

Estendi-me um pouco nessas considerações, porque queria chegar a uma conclusão, que é a seguinte: ao chegar a Revolução ao poder, tinha ela diante de si dois caminhos: ou deter-se no regime social existente, ou seguir adiante; deter-se nos quadros do sistema capitalista, dentro da órbita imperialista, e da política criminosa do imperialismo na América, na Ásia, na África, dentro da política que se associava a Franco na Espanha, a Adenauer, a Chiang-Kai-shek, a tôdas as ditaduras militares, aos colonialistas franceses na Argélia — ou então adotar a política que colocasse nosso país onde êle deve estar situado: do lado dos povos explorados, do lado dos povos oprimidos, do lado dos povos colonizados.

Vendo as coisas com clareza, jamais teríamos aceitado ficar do lado da França contra os argelinos; do lado de Franco contra os espanhóis; do lado de Chiang-Kai-Schek contra o grande povo chinês; do lado dos imperialistas contra os viet-namitas do sul que lutam por sua independência; do lado de Portugal contra os nativos da Angola; do lado de Rômulo Betancourt contra o Partido Comunista e o MIR da Venezuela; do lado dos Somoza...

Apesar de que a literatura imperialista pretendesse fazer distinções, a grande realidade é que sua política era exatamente a mesma na Espanha e na Nicarágua, a mesma

que em Cuba — governada por Prío ou por Batista —, a mesma que na Venezuela — governada por Pérez Jiménez ou por Betancourt, a mesma que no Peru, sob Odria ou Prado.

JAMAIS PODERÍAMOS TER FICADO DO LADO DO IMPERIALISMO

Do ponto de vista da marcha da História, do ponto de vista do grande esfôrço que realizam todos os povos para livrar-se da fome, da miséria, da exploração, do colonialismo, da discriminação — como o fazem os povos da Ásia, da África, da América Latina — jamais poderíamos ficar conscientemente do lado dos imperialistas. É possível que muita gente — com a mente trabalhada pelas "Seleções do Readers's Digest", pelos filmes ianques, pela revista "Life", pelos telegramas da UPI e da AP, que tantas mentiras espalham — chegasse a crer que a política dos Estados-Unidos fôsse uma política correta, nobre e humanitária, como êles davam a entender.

Quem hoje compreende, quem hoje raciocina, quem hoje perceba o que acontece no mundo inteiro, como poderia honestamente ficar do lado da política do imperialismo?

Era lógico que nosso país — já não digo do ponto de vista dos valores nacionais, mas do ponto de vista dos interêsses universais do homem, jamais poderia ter ficado do lado daquela política, mas sim do lado da política que hoje sustenta, defendendo por tôda a parte os direitos dos povos. Que compreendam que nosso país tinha que optar entre duas políticas: a política do capitalismo, a política do imperialismo; ou a política do antiimperialismo, a política do socialismo.

É preciso levar em conta que não há meio têrmo entre capitalismo e socialismo.

Os que se empenham em imaginar que encontraram terceiras posições, caem em posição verdadeiramente falsa e utópica. Isso equivaleria a fazer-se de desentendido; seria o msmo que acumpliciar-se ao imperalismo. É perfeitamente compreensível que quem permanece indiferente ante a luta dos argelinos está sendo cúmplice do imperialismo francês. Quem permanece indiferente ante a intervenção ianque em São Domingos faz-se cúmplice dessa intervenção; quem permanece alheiado à perseguição desencadeada pelo traidor Rômulo Betancourt contra os trabalhadores e os estudantes na Venezuela, êsses mesmos trabalhadores e estudantes que nos defendem, é cúmplice daquela opressão; quem permanece indiferente ante Franco na Espanha, ante o rearmamento alemão, ante o fato de que os belicistas alemães, os oficiais nazistas estejam hoje armados e reclamando armamento termonuclear, quem permanece indiferente ante o que acontece no Vietnam do Sul, ou no Congo, ante o que acontece em Angola; quem permanece indiferente e pretende frente a todos êsses fatos, adotar uma terceira posição, não está realmente adotando terceira posição, está adotando, pràticamente, posição de cumplicidade com o imperialismo (*aplausos*).

Alguns achavam — e se imaginam sábios quando afirmam — que o que devia ter feito a revolução cubana era arrancar dinheiro aos americanos e arrancar dinheiro aos russos.

Não falta quem pregue tese política tão repugnante, covarde, mesquinha e baixa. É como se dissessem: vende-te, vende o país — como se Cuba fôsse uma mercadoria qualquer que se vendesse aos interêsses imperialistas.

Tirem dinheiro do imperialismo, amedrontando-o com a amizade da União Soviética; seja chantagista.

Houve aqui quem defendesse a tese da chantagem.

Como levar a cabo essa tese da chantagem? Não era a chantagem que imaginavam; teria sido, isso sim, a tese de permanecer no "statu quo" que existia em nosso país, e o respeito a todos os interêsses do imperialismo: seus milhares de "caballerías", as suas usinas de açúcar, todo o monopólio elétrico, tentacular, sua companhia telefônica, o contrôle do comércio exterior e interior de nossos bancos.

Qualquer país decidido a libertar-se do monopólio do comércio americano, decidido a fazer a reforma agrária, decidido a ter indústria própria, política independente, teria que enfrentar o imperialismo.

TRAIÇÃO OU REVOLUÇÃO

A Revolução tinha que escolher entre revolução ou traição. Nós, que nos recordamos dos homens que morrerem pela Revolução, que nos recordamos dos companheiros tombados na luta, como de todos os revolucionários; dos que caíram, como *Guiteras*, como *Martinez Villena*, como *Mella*, como todos os revolucionários, temos o pensamento dirigido não só para os revolucionários, como também para Marti. Marti, homem de visão genial.

Qual é o mérito de Marti? Que é que nos causa admiração em Marti? Marti era marxista-leninista? Não, Marti não era marxista-leninista! Marti disse a respeito de Marx que, se êste se pusera ao lado dos pobres, merecia seu respeito.

Marti dizia isso porque a revolução de Cuba era uma revolução nacional, libertadora frente ao poder colonial espanhol; não era revolução que fôsse de fundo social;

era luta que visava em primeiro lugar à independência nacional. Já naquela época Marti dizia de Marx: "uma vez que se pôs do lado dos pobres, merece meu respeito".

Que outra visão teve Marti? Uma visão também genial, no ano de 1895. Teve a visão do que seria o imperialismo norte-americano, quando os Estados-Unidos ainda não haviam entrado na fase imperialista. Isso é ter visão política de longo alcance.

O imperialismo norte-americano começa a desenvolver-se vigorosamente a partir da intervenção em Cuba, em que se apodera pràticamente da riqueza do país, apodera-se de Pôrto-Rico, das Filipinas. Assim se inicia a etapa imperialista do capitalismo norte-americano. Marti prevê, no ano de 1895, o desenvolvimento dos Estados-Unidos como potência imperialista. E escreve e alerta o povo e se pronuncia contra êsse estado de coisas. É bem uma prova de que Marti era realmente revolucionário genial, ao entrever o desenvolvimento do imperialismo, no ano de 1895, quando ainda não havia começado o imperialismo a manifestar-se como fôrça mundial.

E preciso que lembremos todos os que caíram, todos os que morreram, todos os que lutaram.

Por que lutaram? Para que a companhia de eletricidade continuasse sendo companhia ianque? Para que as dezoito mil "caballerías" da "Atlántica del Golfo" continuassem sendo estrangeiras? Para que os camponeses continuassem sem terra, passando fome, continuassem na miséria? Para que os Bancos continuassem sendo propriedades estrangeiras? Para que fôssem sugados de nosso país todos os anos centenas de milhões de dólares? Para que continuasse a haver um milhão de analfabetos em nosso país? Para que continuassem sem escola os camponeses, sem hospitais, sem casas, vivendo em barracões, nos bairros de indigentes? Para que continuasse assim

nosso povo, depois de cinqüenta anos em que supostamente houvesse conquistado sua independência?

Naturalmente, não estou falando para os revolucionários. Falar também para os insensíveis, para os indiferentes, para os confusos, para os que não entendem as razões que nos movem.

Então morreria tôda essa gente para que os latifundiários continuassem a ser donos de milhares de "caballerías" de terra? Não. Teriam sido traidores os dirigentes da Revolução se houvessem feito uma revolução com êsse fim, se houvessem levado tantos jovens à luta e sacrificado tantas vidas para isso. Para tão pouca glória não teria valido a pena tomar armas!

ENGANADOS OS QUE ACREDITAVAM QUE AS COISAS CONTINUARIAM COMO DANTES

Alguns pretendiam que morriam homens para que continuasse o sistema de exploração; para que uma parcela das famílias continuasse vivendo como príncipes em nossas capitais e em nossas cidades; para que continuasse existindo o regime de exploração, de fome, de miséria, de discriminação, de abusos. Alguns pretendiam isso. E, ao que parece, acreditaram que a revolução era isso. Houve alguns que, à última hora, compraram bônus. Como estavam equivocados! Como estavam enganados ao acreditar qeu certas conquistas de nosso país, já traçadas, inclusive, desde a guerra de 95, iriam ser deixadas pelo meio e as coisas continuariam como estavam!

É claro que a política — honesta, revolucionária, que marcha passo a passo com a História, acompanhando os sentimentos e interêsses dos povos subdesenvolvidos e ex-

piorados de todo o mundo, fiel a interêsses e à honra nacionais — não é uma política fácil.

Tinha que ser necessàriamente política de sacrifícios, porque se queríamos redimir nosso povo da incultura, liquidar o desemprêgo, a fome, a miséria; desenvolver nossa economia, ter economia própria, economia independente; e junto com economia independente, uma política independente que acabasse com o desemprêgo, com a incultura, com a miséria, com o atraso, com a pobreza, com a ignorânca, com a doença, com a situação de infelicidade em que vivia a maior parte de nosso povo — tínhamos que fazer uma política conseqüente revolucionária.

E fazê-lo significava enfrentar o imperialismo com tôdas as suas fôrças. E foi o que fizemos.

Naturalmente que nós, os dirigentes da Revolução somos revolucionários. Se não o fôssemos, não estaríamos fazendo uma revolução. Quero dizer com isso que os revolucionários, ou seja a grande massa explorada do povo está disposta a fazer o sacrifício que fôr necessário para tudo isso.

A um "boa vida", a um indiferente, a um insensível, a um corrupto poder-se-ia aconselhar a não comprar barulho, a não buscar para si problemas, a respeitar todos êsses interêsses, em suma.

Tínhamos que optar entre permanecer sob o domínio, a exploração, e ainda por cima a insolência imperialista; continuar suportando os embaixadores ianques a nos darem ordens; continuar mantendo nosso país no mesmo estado de miséria — ou fazer uma revolução antiimperialista, uma revolução socialista.

Não havia alternativa. Escolhemos o caminho honrado, o único caminho leal que podíamos seguir em nossa

Pátria e fiel à tradição de nossos *"mambises"*,(6) fiel à tradição de todos os que lutaram pelo bem de nosso país. Êsse foi o caminho que tomamos: o caminho da luta antiimperialista, o caminho da revolução socialista. Inclusive, não cabia nenhuma outra posição.

Qualquer outra posição seria uma posição falsa, uma posição absurda. E jamais adotaremos posição falsa, nem vacilaremos jamais! Jamais!

O IMPERIALISMO NÃO DEVE TER ESPERANÇA EM RELAÇÃO A NÓS

Os imperialistas devem saber, para todo o sempre, que jamais terá nada a ver conosco; têm que saber que, por grandes que sejam nossas dificuldades, por dura que seja nossa luta para reconstruir nosso país, para construir o futuro de nosso país, para fazer uma História digna de nosso país, não devem alimentar qualquer esperança em relação a nós. (*Aplausos*).

Muitos dos que não compreendiam essas coisas, compreendem-nas hoje. E compreendê-las-ão cada vez mais. E para todos nós, são cada vez mais claras, mais evidentes, mais indiscutíveis.

Êsse era o caminho que tinha que seguir a Revolução: o caminho da luta antiimperialista, o caminho do socialismo, isto é, da nacionalização das grandes indústrias, dos grandes comércios; a nacionalização e conversão em propriedade social de todos os meios fundamentais de produção; o desenvolvimento planificado de nossa economia ao ritmo máximo que nos permitirem nossos recursos e

(6) *Mambises* — Epíteto depreciativo aplicado pelos espanhóis aos combatentes da independência de Cuba; posteriormente, adquiriu significado de rebeldia.

nos permitirem a ajuda que vimos recebendo do Exterior. Essa ajuda foi outra coisa verdadeiramente favorável a nossa revolução: o fato de contarmos com a ajuda e a solidariedade que nos permitem levar adiante nossa Revolução, sem ter que fazer os enormes sacrifícios que fizeram outros povos.

Era preciso fazer a revolução antiimperialista e socialista. Pois bem. A revolução antiimperialista e socialista tinha que ser uma só, uma só revolução, porque não há mais que uma revolução. E essa é a grande verdade dialética da Humanidade: só existe imperalismo e, rente ao imperialismo, o socialismo. Resultado disso: o triunfo do socialismo; superação da etapa do capitalismo e do imperialismo; estabelecimento da era do socialismo e, depois, a era do comunismo. (*Aplausos*).

Ninguém se assuste; não haverá comunismo — digo isso no caso de restar algum anticomunista que me esteja ouvindo — não haverá comunismo antes de trinta anos pelo menos.

A verdade é que se não pode saltar por cima de uma etapa histórica. Se há etapa histórica que alguns países subdesenvolvidos podem saltar hoje, será a do capitalismo. Podem iniciar o desenvolvimento de sua economia pelo caminho da planificação e pelo caminho do socialismo. O que se não pode saltar é a etapa do socialismo. A própria União Soviética, depois de quarenta anos, começa agora a edificação do comunismo e espera, ao cabo de mais vinte anos, ter avançado consideràvelmente nesse terreno.

Estamos, portanto, na etapa de construção do socialismo.

E qual é o socialismo que devíamos aplicar? O socialismo utópico? Tínhamos simplesmente que aplicar o socialismo científico. Por isso foi que comecei por dizer-

lhes com tôda a franqueza que acreditávamos no marxismo; que acreditávamos ser a teoria mais correta, científica, a única teoria verdadeira, a única teoria revolucionária verdadeira. E digo-o com inteira satisfação. (*Aplausos*). E com inteira confiança: sou marxista-leninista, e serei marxista-leninista até o último dia de minha vida. (*Aplausos prolongados*).

E como é que o sou? Pela metade?

Nós os revolucionários não sabemos fazer nada pela metade; tudo que o fazemos só sabemos fazê-lo cem por cento. E nisso consagraremos nosso esfôrço. E nossa energia. E nos consagraremos por inteiro e, inclusive, é uma grande satisação ter sido "analfabeto" aos dezoito anos e sentir-se revolucionário, como me sinto, aos trinta e tantos... (Os "tantos" creio que são trinta e seis) (*risos e aplausos*). Em dezoito anos aprendi algo. E como ainda me falta aprender! E digo-o ao povo com tôda a franqueza, com tôda a lealdade, com tôda a clareza, como sempre falei ao povo, sempre com inteira franqueza.

FUI INFLUENCIADO PELA PROPAGANDA DO IMPERIALISMO E DA REAÇÃO

Tive preconceitos... — creio que é bom falar disso.

Tive preconceitos em relação aos comunistas? Sim. Fui influenciado pela propaganda do imperialismo e da reação contra os comunistas? Sim. Que pensava eu dos comunistas? Pensava que eram ladrões? Não, nunca. Sempre tive o comunista — na Universidade e em tôda parte — na conta de gente honrada, honesta, etc. Bem, mas êsse não é nenhum mérito especial, porque quase todo o mundo lhes reconhece isso. Tinha idéia de que eram sectários? Sim. De onde me vinham as opiniões que tinha sôbre os comunistas? Estou absolutamente convencido de

que as idéias que tinha sôbre os comunistas — não sôbre o marxismo, sôbre o Partido Comunista — eram, como as idéias de muita gente, produto da propaganda e dos preconceitos inculcados desde garotinhos, pràticamente desde a escola, na Universidade, nos cinemas, em tôda parte. Pensava que os comunistas podiam equivocar-se. Podiam equivocar-se Marx, Engels, Lênin — e êles próprios são os primeiros a admitir que podiam equivocar-se, que podiam errar, porque se não tinham na conta de infalíveis.

A opinião que tenho sôbre os militantes do Partido Comunista? A opinião que realmente merecem. Creio que se durante muito tempo foram desconhecidos e foram atacados e excluídos e postos à margem... Se se formava um comitê queria-se que êles ficassem de fora... e queria-se que êles ficassem de fora porque eram como uma espécie de "peste"... Não se lhes publicava nenhuma declaração nos jornais... Também devemos reconhecer que era um grande mérito — um grande mérito! — ser comunista. Hoje é diferente. Mas nós vamos nos encarregar de mostrar que é um mérito. Naturalmente, vamonos encarregar de mostrar que é um mérito! (*Aplausos prolongados*).

Tinha que ser um grande mérito o ser comunista naqueles tempos, segundo me contava Félix Torres. Tiravam-no do cárcere de Santa Clara e êle tinha que ir a pé — a pé até Yaguajay!(7) E uma infinidade de

(7) *Yaguajay* — Nome de uma das batalhas mais ferozes travadas pelas fôrças do exército rebelde contra a tirania de Batista. As tropas rebeldes, sob o comando do desaparecido Comandante Camilo Cienfuegos, inscreveram dita batalha como das mais importantes realizadas durante a invasão da região central. Cidade da Província de Santa Clara.

sacrifícios e de esforços no mesmo estilo. O mérito é ter sido comunista quando havia perseguição, quando tôdas as portas estavam fechadas, tôdas as tipografias, todos jornais, tôdas as oportunidades — isso é preciso que se diga.

Muito mais mérito, naturalmente, que sê-lo hoje. Hoje, as condições são diferentes. Por isso, dizia que temos que esforçar-nos para que os socialistas, os marxistas sejam marxistas de verdade, em tôda a extensão da palavra e estejam preparados para tôdas as contingências.

Mas, afinal, queria dizer que tive preconceitos contra o Partido Socialista, preconceitos originados fundamentalmente da propaganda imperialista e da reação. Confesso-o com a honestidade com que se deve confessar as coisas. Não pretendo pedir absolutamente nada aos socialistas. Digo-o agora que estamos perfeitamente integrados, e todos somos companheiros, todos socialistas. (*Aplausos*).

No início do processo revolucionário tivemos, em certas ocasiões, alguns atritos causados por concepções diferentes, mas no fundamental estávamos de acôrdo.

Também devo dizer que houve gente que foi vítima de intrigas nos primeiros dias; cada vez que acontecia algo, dizia-se que havia comunistas criando problemas e promovendo distúrbios. Devo dizer, inclusive, que em certo momento cheguei a acreditar que eram os comunistas que haviam promovido distúrbios reunindo gente de ânimo exaltado, dentro de um círculo formado por estacas. Fizeram-me acreditar nisso, devo confessá-lo. Mais tarde descobri que os que haviam promovido o distúrbio estavam longe de ser comunistas; eram precisamente elementos divisionistas que haviam juntado as estacas com gente dentro.

ETAPAS QUE SE FORAM SUPERANDO

Houve, portanto, na primeira etapa o choque contra duas ordens de coisas: uma, os preconceitos. Se havia um "comunista" trabalhando em algo, quase tinha de ser clandestino o trabalho de um comunista. Imediatamente, a UPI a AP e todos os jornais americanos localizavam dez, doze, quinze comunistas. Era curioso. Já naqueles dias chamavam a todos de comunistas, e havia muitos companheiros que não eram membros do Partido Comunista, mas membros do "26 de Julho". Apontavam, arranjavam antecedentes comunistas para todo o mundo. Começaram por êsse tipo de campanha, que inclusive encontrou eco em zonas mais ou menos numerosas, influenciadas pela propaganda do anticomunismo e do imperialismo. Felizmente, graças aos esforços de todos, essas etapas foram sendo superadas.

Creio que uma das coisas más dos primeiros dias foi a falta de maior intercâmbio entre as diferentes organizações. Andávamos cada qual até certo ponto por própria conta. Foi a própria luta revolucionária que nos pôs em contato mais estreito uns com os outros; que nos levou a discutir, a trocar idéias e a promover cada vez maior a unificação.

Devo referir-me aqui a uma das experiências mais terríveis; se algum dia os que escreverem a história, quiserem realçar algum aspecto particular de nossa Revolução, bastará que mencione o fato de havermos estado fazendo uma revolução socialista sem socialistas... Naquela ocasião era tal o preconceito anticomunista que, quando se designava um funcionário comunista para uma tarefa — por mais insignificante que fôsse — erguia-se uma onda de protestos, uma agitação, uma série de intrigas. Nossas medidas eram socialistas: uma granja, uma indústria nacionalizada, tudo era de instituição socia-

lista. Tínhamos bons companheiros, companheiros honrados do "Movimento Revolucionário 26 de Julho", para essas tarefas — mas não bastavam, pois se hoje não bastam todos os homens de que dispomos! Como era possível que bastassem? Naqueles tempos, tôdas as tarefas... sem falar que, naturalmente, as tarefas se multiplicam.

Então uma das coisas mais difíceis era fazer uma revolução socialista sem socialistas. Quando se foi produzindo o processo de unificação das fôrças revolucionárias e das organizações revolucionárias, quando o anticomunismo começou a ser batido e destruído, então surgiu a etapa mais fácil, sem muita intriga e nem tanto divisionismo, em que uma série de membros do Partido Socialista puderam desempenhar várias funções.

Que significou essa união? Que significou o momento em que se produziu a união de tôdas as organizações revolucionárias? Significou, entre outras coisas, que centenas, milhares de quadros de gente experimentada, de gente que havia passado por sacrifícios, por provas duras, por provas difíceis, de gente que tinha educação política... Estou me lembrando de quando alguém perguntava: "Quando vamos fazer o programa do 26?" E eu dizia: "Que programa do 26 haveremos de fazer, que não seja um programa marxista-leninista? E para que haveremos do fazer *dois* programas marxistas-leninistas?" Essa é a realidade. Pensar diferente, seria pura fantasia.

A união de tôdas as organizações revolucionárias significou, portanto, o aproveitamento de milhares de quadros, fundamentais, necessários à edificação socialista. Significou a formação de todos os quadros do diretório revolucionário. Antes, êsses quadros eram, inclusive, em número inferior aos quadros experimentados do Partido Socialista. Porque havia gente que dizia: "Não, nada

com os socialistas, êles hão de querer ficar com tudo nas mãos." É preciso não conhecer, é preciso ignorar inteiramente o que seja um verdadeiro revolucionário, para pensar que um revolucionário queira ficar com tudo nas mãos. O que sabemos dos revolucionários é que o trabalho está hoje repartido entre todos; e que é tão grande que já não há gente que chegue. Se são do Exército, preferem ingressar em academia militar; se são funcionários administrativos preferem passar as férias fazendo o curso da Escola de Instrução Revolucionária. Para o revolucionário uma escola em regime de semi-internato equivale a um descanso, comparada com o trabalho que tem.

OS QUADROS DAS ORGANIZAÇÕES REVOLUCIONÁRIAS

A Revolução pode hoje contar com todos os quadros das organizações revolucionárias. Uma contribuição importantíssima do Partido Socialista foram os quadros de velhos militantes, educados no socialismo, educados pelo Partido Socialista. A contribuição do Diretório aos quadros jovens; a contribuição do "Movimento 26 de Julho", principalmente, não podia consistir de quadros educados pòliticamente por longos anos, mas proporcionou muita gente jovem, entusiasta, revolucionária por vocação, bem como colaborou com tôda a experiência adquirida na luta pela conquista do poder. Em suma: todos oferecemos nossa contribuição de uma ou de outra maneira e representamos as fôrças fundamentais.

Essas fôrças estavam destinadas a unir-se em uma só organização e por isso se formaram as ORI. Não foi fácil, foi também um processo longo; mas, afinal, formaram-se as Organizações Revolucionárias Integradas.

Manifestações de sectarismo estão desaparecendo, assim como foi desaparecendo o exclusivismo. Não se exclui mais ninguém pelo fato de ser socialista. Vão desaparecendo também certas manifestações de extremismo, do tipo que a gente chama de "sarampo" e que, naturalmente, não se deve confundir com firmeza revolucionária. O extremismo é também uma manifestação do espírito pequeno-burguês no movimento revolucionário e é preciso lutar contra o extremismo da mesma forma por que se luta contra o sectarismo.

Mas há muitas coisas que nosso povo teve tempo de aprender, pôde afastar alguns preconceitos, como êsses que pintavam o socialismo como algo terrível, como algo inumano, duro, escravizador — tudo, enfim, que caracteriza verdadeiramente a propaganda imperialista e que esta trata de atribuir ao socialismo.

Muito bem: estamos em regime socialista. Como é diferente o regime socialista de tudo o que se havia dito sôbre socialismo! Tão amplo de vistas que, inclusive, os que tiveram problemas com a Revolução... como o clero reacionário, que teve problemas com a Revolução, mas não os teve por culpa dos socialistas. Não porque êstes quisessem fechar as igrejas, proibir e perseguir as idéias religiosas, muito pelo contrário. Conscientes de que o sentimento religioso faz parte dos sentimentos de uma parte do povo, e o poder revolucionário deve respeitar o sentimento religioso do povo e o respeita e lhe dará tôdas as facilidades... eram os outros os que faziam a guerra ao regime revolucionário, que espalhavam calúnias como essa de que o Govêrno ia acabar com o pátrio poder sôbre os filhos... E a verdade por fim mostrou ao povo quem estava querendo tomar dos pais o pátrio poder. Quem? Os esbirros que assassinavam os jovens, os criminosos contra-revolucionários que assassinaram um menino de 16 anos que alfabetizava, que privam essa mãe para sempre

do pátrio poder, do carinho, do calor e da esperança de voltar a ver o filho. Não só o assassinaram mas o torturaram. E por quê o torturaram? Torturaram-no como torturava um esbirro da época de Batista para arrancar algum segrêdo revolucionário? Não, não o torturaram para arrancar-lhe segrêdo; torturaram-no simplesmente por ódio. Que segrêdo podia ter êsse menino que estava ensinando? As quatorze punhaladas que lhe deram foram simplesmente para torturá-lo, para angustiá-lo, para fazê-lo sofrer, para espalhar o terror entre tôdas as mães. Revelamos que o que privava os filhos do pátrio poder era o capitalismo explorador que arranca as jovens do campo para fazê-las trabalhar como criadas, para levá-las depois ao caminho da prostituição. Revelamos que era o capitalismo o culpado do destino que davam às filhas de operários e de camponeses. Coube justamente ao socialismo acabar com o analfabetismo, educar um milhão de cubanos, traçar planos de reabilitação para acabar com prostituição, ensinar dactilografia e estenografia às domésticas, acabar com o desemprêgo, mandar professôres aos pontos mais afastados do país, construir hospitais, estradas, organizar agremiações sociais, juvenis e infantis, desenvolver a cultura e lutar pela felicidade do povo. Isso foi o que o socialismo realizou para nosso povo... (*Aplausos*).

CONDUTA GENEROSA DEMAIS PARA COM OS INIMIGOS

É êste regime social que tem conduta generosa para com os inimigos — generosa demais. O regime social que captura mais de mil mercenários traidores, a sôldo da Agência Central de Inteligência e do Pentágono, que aqui vieram escoltados por navios estrangeiros; que cap-

tura quinhentos contra-revolucionários entre os quais havia assassinos, notórios assassinos de camponeses — e não lhes aplica a pena máxima; êsse é o regime socialista que, inclusive, tem que suportar a dor de ver como sua atitude serena, atitude generosa é retribuída com o assassinato vil e covarde de um rapazinho de 16 anos. Isto é o socialismo.

Com todo o poder que tem, não abusa, não abusa dêsse poder. É sereno, consciente, luta por superar os defeitos, os extremismos, os sectarismos, os abusos, as injustiças, simplesmente, porque é socialismo. Assim foi que o conceberam Marx e Engels, e foi por um socialismo assim que lutou Lênin e têm lutado os revolucionários por uma vida melhor para o homem, por uma vida mais feliz para o povo, por uma vida mais livre que substitua o regime de opressão impôsto por uma classe exploradora sôbre os trabalhadores; por uma democracia operária, que é segundo o têrmo empregado pelos marxistas, "ditadura do proletariado". (*Aplausos*).

Mas, pelo fato de chamar-se *ditadura,* não significa que seja regime de torturas, de assassinatos, de crimes — absolutamente! Essa é a ditadura da burguesia que significava tortura, assassinato, roubo, injustiça, arbitrariedade. O govêrno do proletariado significa, simplesmente, que no poder desenvolve o ciclo histórico e que, com tal poder luta contra as demais classes, durante tôda a etapa da edificação socialista... Que melhor prova existe do ódio da classe afastada do poder do que essa criança assassinada em Trinidad; que manifestação mais clara de ódio e de sadismo existe? Tal é a luta de uma classe afastada do poder que se empenha em recuperar o domínio de classe, e por isso engendra êsse ódio — que, como dizia Marti, era um ódio que nascia "espumante do ventre do homem". Em nenhum outro caso pode o exemplo aplicar-se melhor do que neste, porque só um ódio espumante que nasça do ventre das classes exploradoras pode engendrar crime tão nefando como o que foi perpetrado contra a jovem alfabetizador.

O domínio da classe operária, a ditadura da classe operária não significa tortura, crime, nem arbitrariedade porque o socialismo luta contra tudo isso. E nada disso tem a ver com o socialismo. O socialismo luta contra a injustiça corrige tôda injustiça, luta contra o arbitrariedade; corrige tôda arbitrariedade, luta contra o crime, jamais tolerará o crime, jamais tolerará a tortura, jamais tolerará a covardia, jamais tolerará qualquer ato infame. Entretanto, é preciso reconhecer que o caminho não é côr-de-rosa; que os inimigos da classe operária, os inimigos dos camponeses, os inimigos dos estudantes, os inimigos do socialismo, os inimigos da independência nacional não vão ncontrar leito de rosas nesta luta. Os inimigos vão ter pela frente o revide, a mão da Revolução, a mão pesada do proletariado, a mão pesada do povo!

POR QUE A REVOLUÇÃO TEVE QUE SER DURA

Isso quer dizer que não virão passear por aqui. A Revolução aprovou — e tinha que aprovar, teve que aprovar, por culpa dêles, leis duras; porque em resposta aos esforços da Revolução por não se exceder, por usar o poder discretamente, a todos os esforços da Revolução por ser generosa e manter essa tônica de generosidade, em resposta êles retribuíram com crimes e atos covardes e tão bárbaros quanto êsse... A Revolução ensina ao povo que, frente aos inimigos, tem-se que ser duro. .Não somos desumanos. A nenhum de nós agrada, jamais, qualquer coisa que implique em derramar san-

gue, que implique em fuzilamento. Não, nada disso nos agrada. Não somos cruéis. Entretanto, estamos absolutamente convencidos de que os inimigos da Revolução merecem ser tratados com dureza, com a dureza a que fazem jus. Não vão, certamente, encontrar pela frente um proletariado assassino e torturador, mas podem os inimigos estar certos de que irão encontrar um proletariado firme, duro e que lhes vai aplicar o castigo que merecem. A lei aprovada não foi feita para ficar no papel, mas para ser cumprida. (*Aplausos*).

A própria intensificação da luta de interêsses entre classes exploradas e classes exploradoras levou-nos à necessidade de tomar essa medida, e adotaremos tôdas as que forem necessárias. A Revolução tem fôrça para isso. A fôrça que emana da união de tôdas as camadas sociais revolucionárias, da integração de tôdas elas, da união de todos os quadros revolucionários, da formação de uma poderosa fôrça armada revolucionária. De todos os aparelhos de massas que a Revolução criou, como sindicatos, organizações juvenis, organizações camponesas, organizações femininas. A Revolução tem quadros, tem massas, tem fôrça e tem poder para aplicar contra os inimigos as medidas que forem necessárias. E, repetimos: não temos prazer algum em ser duros. Nada mais longe do ânimo dos revolucionários do que ser duro por capricho, ser duro por prazer; mas, nós, revolucionários sabemos ser duros por dever e vamos ser tão duros sempre que necessário frente aos inimigos da Revolução. (*Aplausos*).

O RUMO SOCIALISTA DA REVOLUÇÃO

Creio que êstes antecedentes explicam o *por quê* da união das fôrças revolucionárias e da ORI; o *por quê* do rumo socialista tomado pela Revolução. (Vão culpar

a Carlos Rafael por ter-se a Revolução tornado socialista. Um marxista nunca poria a culpa em Carlos Rafael pelo fato de haver revolução socialista... naturalmente. É lógico que os não marxistas, os utópicos, os delirantes — porque êsses estão mesmo delirando — ponham a culpa no Partido Socialista Popular, nos dirigentes socialistas, simplesmente, por falta de educação política, por falta e falta de instrução revolucionária).

Pelo contrário, todos contribuímos para esta unidade, todos nos sentimos satisfeitos por haver contribuído para esta unidade, e estamos lutando por organizar e criar uma forte, disciplinada e firme organização política de vanguarda da classe operária e da Revolução cubana.

Como estamos tentando fazê-lo? Como o fazem os partidos tradicionais clássicos: chamando todo o mundo, abrindo as portas de par em par, para que todo o mundo ingresse nesse partido?

Que faziam os partidos burgueses no poder? Abriam as portas de par em par, chamavam todo o mundo, e, de repente, qualquer partido que chegasse ao poder tinha imediatamente um milhão de afiliados.

Quanto éramos ingênuos e nada sabíamos de política e líamos jornais que diziam: "Uma prova do que vale o regime na União Soviética é que o Partido Comunista tem apenas cinco milhões de afiliados em uma população de duzentos milhões" — com isso queriam dar a entender que o partido governamental era constituído por uma minoria exígua! Naturalmente, queriam que encarássemos um partido marxista revolucionário pelo mesmo prisma com que se vê um partido burguês. Num partido burguês, quanto mais gente se inscreve, mais respeitada se torna a sua legenda. O partido burguês não tem qualquer ideologia. Defende os interêsses de sua classe. O partido burguês é um aglomerado de politiqueiros, um aglutinamento de indivíduos a defenderem interêsses de sua classe

—e quanto mais gente reúna, maiores são as prebendas, maior a repercussão. Não se preocupam em nada com o pensamento de seus afiliados. Quando se referem a um partido marxista revolucionário, tratam de ocultar cuidadosamente a sua natureza de partido de vanguarda, de partido de direção, de partido de seleção. Um partido de direção dirige e trabalha através das organizações de massas; as organizações de massas são os instrumentos da direção e do trabalho revolucionário e a base do trabalho revolucionário; um partido revolucionário é um partido selecionado que dirige, dirige e trabalha fundamentalmente através de suas organizações de massa, através dos sindicatos, da juventude, das federações de mulheres, dos comitês de defesa — criação da Revolução cubana, que é também uma fantástica organização de massas, as associações camponesas, as cooperativas, as granjas. Estão todos nos sindicatos. Em suma: através de tôdas essas organizações de massas, o partido revolucionário dirige e orienta.

A norma, portanto, que a organização política da Revolução cubana terá que adotar será em primeiro lugar a norma de seleção e da qualidade; não será uma organização quantitativa, será uma organização qualitativa. (*Ovação*).

Devemos dizer que, como produto da união de diferentes organizações revolucionárias, era lógico que nessa primeira etapa se não seguisse uma norma de rigor demasiado severo, porquanto uma das tarefas do plano de formação dessa fôrça, de integração dessa fôrça revolucionária é também de preparar quadros revolucionários. Nesta primeira etapa de unificação, os requisitos não poderão ser tão exigentes como serão de futuro, porque, lògicamente, eram os companheiros e os quadros das diferentes organizações que tinham que integrar-se em uma

organização única, muitos dos quais se encontram em processo de estudo, de preparação e de superação.

CONDIÇÕES E REQUISITOS PARA SER MEMBRO DO PARTIDO UNIDO DA REVOLUÇÃO

Será uma organização de um número reduzido de membros, ou por outra, não terá número pròpriamente reduzido, mas grande. Acontece, porém, que não será — quanto ao número uma organização *grande demais*, porque seremos exigentes quanto aos requisitos indispensáveis para pertencer à organização política da Revolução. Cada vez exigir-se-á mais; cada vez exigir-se-ão mais condições e mais requisitos para ser membro do Partido Unido da Revolução Socialista. Seguir-se-á um rigoroso critério de seleção, pois é melhor selecionar antes, do que ter que expulsar depois.

Estamos tão conscientes do entusiasmo das massas, de seu espírito revolucionário, que um partido nessas condições, que se desenvolva e se constitua nessas condições, tem tôdas as condições para recrutar os melhores elementos, os valores mais positivos e fazê-los membros dessa organização. É fundamental que seja, precisamente, o melhor do povo, o melhor das organizações de massas os que alcancem a honra de pertencer ao Partido Unido da Revolução Socialista.

E enquanto fôr assim, mais apreciará tal honra o trabalhador, o camponês, o intelectual, o cidadão — porque é preciso deixar claro que qualquer cidadão pode chegar a ser membro do Partido Unido da Revolução Socialista, independentemente de ser ou não operário: As portas estarão abertas a todo verdadeiro revolucionário que sinta a Revolução e que esteja disposto a cumprir suas

normas e aceite plena e convictamente o programa do Partido Unido da Revolução Socialista.

Isso em primeiro lugar: o critério de seleção, será um critério cada vez mais rigoroso, precisamente para que no organismo de vanguarda de direção da Revolução ingressem os melhores elementos do povo.

Naturalmente, outros companheiros terão ocasião de falar sôbre problemas de organização. Queremos dizer coisas que são importantes: no Partido Unido da Revolução Socialista entram, com igualdade de direitos e de consideração, todos os membros das diferentes organizações revolucionárias. Não significa qualquer privilégio haver alguém sido membro do Partido Socialista durante vinte anos; não significa qualquer discriminação o haver sido membro do "Movimento 26 de Julho" ou do Diretório Revolucionário. Entram todos com plena igualdade de direitos! Porque temos justamente que evitar os extremos. Evitar, por um lado, os que dizem: eu tenho trinta anos de militância; e, sôbre os louros dêsses vinte ou trinta anos descansar para sempre, como se para um revolucionário tal "ficha" é suficiente. Tampouco, o fato de ser novo dá a ninguém o direito de crer que não esteja obrigado a conhecer tudo o que deve conhecer sôbre as questões do socialismo e da teoria revolucionária, nem o direito a sentir-se desobrigado de cumprir disciplinadamente tôdas as normas.

O que temos a fazer agora é um esfôrço por construir a união mais ampla e mais profunda, tomando como base uma só coisa... Nos primeiros tempos havia gente que dizia: "eu estive em Sierra". E nos punham malucos com êsse estribilho de "eu estive em Sierra". Inclusive, muita gente não estêve em Sierra coisíssima alguma. Agora também aparece gente que diz: "eu sou comunista há quinze anos", e de comunista nada teve em tôda a vida. Não cabe a menor dúvida que tanto essa história de "eu

estive em Sierra" como também a outra de ter sido "comunista há quinze anos" são coisas que temos que extirpar do vocabulário e das atitudes de um verdadeiro revolucionário. (*Aplausos*).

Não tem sentido algum, não interessa para nada dizer que "eu fui comunista" ou que "eu coloquei uma bomba" ou que "eu estive em Sierra". Invocar êsses títulos não servirá para nada.

Sejam quais forem os méritos, companheiros, que cada um tenha, há um mérito que é maior ainda — o mérito de estar sempre avançando. Dizer a um miliciano "você é um arrivista" teria sido justo? Qual foi justamente a campanha que a reação tentou alimentar? Foi a de dividir as fôrças revolucionárias, fazendo distinção entre o miliciano e o soldado rebelde, estabelecendo rivalidade entre êles. Houve gente até que se deixou levar pelo critério de um miliciano ouvido isoladamente, o qual de fato não havia feito nada. Mas que pensar dessa centena de milicianos que tombaram junto com os soldados e os polícias revolucionários! Que pensar hoje quando vemos a fotografia de um jovem trabalhador que morreu combatendo em Playa Girón, que sacrificou a vida, que deixou viúva, que deixou filhos órfãos! Não é para dar vergonha a qualquer um que lembrasse ter alguma vez feito pouco caso por ter êle sido um miliciano, por não haver estado em Sierra? E, por acaso, a batalha de Playa Girón não foi também uma batalha histórica, tão gloriosa como qualquer outra batalra, e que passará à História como a grande vitória do povo revolucionário cubano contra o imperialismo ianque? Quem foram os que caíram e morreram naquela ocasião? E não devemos tirar o chapéu respeitosamente diante dos heróis que ali caíram, embora não houvessem estado em Sierra, embora não hou-

vessem sido comunistas quinze anos, embora não houvessem atirado uma bomba? Qual é o mérito maior?

Afinal, tudo o que foi feito teria sido em vão, e todos os que caíram e morreram teriam caído e morrido em vão, se não nos encarregássemos de levar para frente a Revolução. O mérito está no que ainda falta, no que ainda temos diante de nós. Quem sabe as lutas que teremos pela pela frente? Quem imaginaria que êsse rapazinho de 16 anos, cujas fotografias dos 11 anos são ainda recentes, e em que aparece sentado na sala de aula junto com os companheiros — quem iria dizer que hoje êle se tornaria um grande herói da Pátria, um símbolo da Pátria, um símbolo da cultura em Cuba e na América? Quem terá tido o direito de olhar com êsse rapazinho de 16 anos assassinado quando alfabetizava, sem que hoje tenha de inclinar-se respeitosamente ante seu nome e ante sua memória?

O MÉRITO RESIDE NO QUE VAMOS FAZER JUNTOS DE AGORA EM DIANTE

Quem sabe que batalhas teremos de travar, as lutas que teremos pela frente? Por que imaginar que o mérito está no que deixamos feito atrás de nós? Por que não pensar que o mérito reside no que vamos fazer juntos de agora em diante? Oxalá pudéssemos ter trabalhado juntos assim desde o princípio! Oxalá pudéssemos ter trabalhado assim juntos desde o Primeiro de Janeiro! Oxalá pudéssemos ter trabalhado assim juntos desde sempre, tão juntos como os bolcheviques que realizaram a Revolução no ano de 1917! (*Aplausos*).

Entusiasmemo-nos com a tarefa que temos pela frente, com honradez, partindo dessa honradez, dessa honestidade com que hoje lhes falamos aqui, com tôda a honestidade

e com tôda a franqueza; porque o primeiro dever de um revolucionário é ser honesto e franco; na História que temos que escrever todos juntos; na História que tem que escrever a ORI e na História que tem que escrever o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba.

Por essa História, por essa luta, por essa tarefa que temos pela frente é que devemos nos entusiasmar. Quais os cubanos que cabem no Partido Unido da Revolução Socialista? Todos, todo cubano honrado, todo cubano revolucionário. Há privilégios aqui? Não, nenhum. Há compadrismo aqui? Não, nenhum. Pela primeira vez em nossa Pátria há um poder revolucionário onde não é a influência, o apadrinhamento, o que vale, mas o mérito. E é tão belo ver que nosso país tem hoje essa oportunidade!

Que vai ser, antes que tudo, o Partido Unido da Revolução? Vai ser uma escola de revolucionários; no Partido é onde se vai aprender a ser revolucionário. Ainda não está oficialmente constituído como partido; ainda se não realizou seu primeiro congresso. Mas realizar-se-á. Quando? Não há pressa, não tardará a realizar-se. O importante, porém, é que na base conseguiu-se avançar extraordinàriamente quanto à integração e união, e de fato já essa organização revolucionária de vanguarda existe e centenas de escolas estão funcionando, e mais de dez mil cidadãos estão recebendo aulas de instrução revolucionária. Estão se preparando e se capacitando.

Digo-lhes sinceramente que uma das coisas que nos tornarão cada dia mais revolucionários é o fato de alguns companheiros que pràticamente nada sabiam de revolução, nada sabiam de economia, nada sabiam de marxismo, companheiros, inclusive, que eram anticomunistas, havia-se-lhes inculcado idéias anticomunistas, logo a êles que não possuíam nada, nem capital, nem riquezas, nem bens de qualquer espécie... Isso é que é o cúmulo do absurdo!

Porque, vá lá que incutam anticomunismo à mentalidade de um usineiro ou de um banqueiro. Isso se explica. Mas dizer a um senhor, desprovido absolutamente de tudo que se tratará de socializar as grandes indústrias e os grandes bancos, e êle responder que não está de acôrdo com isso... é inconcebível!

É de ver êsses companheiros que se dedicaram ao estudo da economia — e estudaram de tal maneira que se nós, os dirigentes revolucionários, não estudarmos também, em breve teremos muitos miltantes sabendo mais do que nós sôbre economia política, marxismo-leninismo e de tôda uma série de coisas da Revolução. Digo isso sèriamente; e creio que, nós, os dirigentes estamos na obrigação, mais do que ninguém, de estudar.

Vi êsses companheiros como mudaram. Mas como foi que mudaram? Em que sentido? Dão a impressão de companheiros que houvessem descoberto algo, que houvessem encontrado uma verdade. Um entusiasmo indescritível, fora do comum, pelos primeiros estudos. Temos algo para dar às massas; muitas coisas materiais nos faltarão; mas há algo que nos sobra: há tôda uma doutrina revolucionária, científica, profunda, repleta de interêsses, que podemos dar às massas, com que podemos educar pollticamente as massas, ensinar as massas, dar-lhes teoria revolucionária. Para isso temos as escolas; para isso temos as tipografias — para ensinar o povo.

CADA DIA NOSSO POVO SERÁ MAIS REVOLUCIONÁRIO

Há uma coisa sôbre a qual ninguém deve ter dúvidas: é que a cada dia nosso povo será mais revolucionário; e que, à medida que nosso povo seja mais revolucionário, teremos melhores operários, melhores estudantes, melhores administradores, maior produção, melhores unidades de combate; e estará melhor defendida a Revolução, e terá mais prestígio, à medida que o povo fôr assimilando os ensinamentos revolucionários.

Não se trata de *doutrinar:* poderíamos perfeitamente suprimir essa palavrinha. Por quê? Porque a palavra *doutrinar* sugere que a gente está inculcando alguma coisa, forçando algo para dentro da cabeça de alguém. Não se trata de doutrinar, de inculcar, de forçar — mas sim de ensinar o povo a analisar, de ensinar o povo a pensar. A mim ninguém teria podido inculcar nenhum marxismo-leninismo, e a melhor prova é que trataram de inculcar-me o oposto disso e não o conseguiram de maneira alguma (*Aplausos*). Podem ter-me inculcado alguns preconceitos, algumas coisas, mas, na realidade, o espírito reacionário, fascista, contra-revolucionário, egoísta, explorador — isso ninguém conseguiu me inculcar. E tenha-se em mente que passei doze anos em colégios religiosos. E em doze anos não conseguiram inculcar-me o espírito contra-revolucionário, o espírito conservador, o espírito de explorador. E isso ùnicamente à fôrça de ler, analisar e pensar!

Creio que devemos ensinar o cidadão a pensar, a analisar; a buscar nas fontes da História, onde há tantas lições que aproveitar; buscar nas fontes do movimento revolucionário universal; buscar nas fontes do movimento operário universal; buscar nas fontes da teoria. Não admitam que ninguém creia em nada sem compreender, pois assim se produzem fanáticos, desenvolvem-se inteligências místicas, dogmáticas, fanáticas.

E quando alguém não compreender algo, não cesse de discutir com êle até que compreenda. E se não compreende hoje, compreenderá amanhã, compreenderá depois de amanhã, porque as verdades são tão claras e tão evidentes e tão palpáveis, que mais cedo ou mais tarde

tôda inteligência honesta acaba por compreendê-las. Em suma: não se trata de doutrinar.

Ninguém vá a nenhuma escola revolucionária para ser doutrinado; ninguém se deixe doutrinar; ninguém aceite absolutamente nada que não compreenda. O que se quer é educar, ensinar a pensar, ensinar a analisar, dar elementos de julgamento para que as massas compreendam, para que possa discutir as idéias da burguesia, as mentiras da burguesia; as mentiras do capitalismo. O que se quer é armá-los com uma ideologia para que a dissequem, analisando e compreendendo, para que compreendam pouco a pouco o marxismo-leninismo, pacientemente, na certeza de que não dá trabalho ensinar a verdade ao povo.

Ninguém precisa, portanto, ter mêdo de que se queira doutrinar. Não há aqui nenhum interessado em causar a ninguém trauma cerebral, provocar lavagem de cérebro ou fazer trepanação de crânio, nem nada parecido. Haverá, inclusive, quem nunca possa ser revolucionário, por temperamento — não conseguirá sê-lo porque, antes que tudo, um revolucionário é também um homem generoso, um homem desprendido, é um homem disposto a sacrificar-se. Um revolucionário não é um oportunista ou farsante. É um homem que está disposto a renunciar a muitas comodidades e que ama isso e quer isso.

Nem todo o mundo é revolucionário, como nem todo o mundo é músico ou pintor. Naturalmente, é necessário vocação. Mas é preciso ensinar, sobretudo ao operário, ao camponês, ao estudante, às grandes massas a verdade sôbre os exploradores de outrora. E é preciso que êsse ensinamento alcance o maior número possível, porque, se é bem verdade que haverá pessoas que nunca conseguirão ser revolucionárias, por outro lado pode ser cada vez maior o número de pessoas que compreendam as verdades da Revolução e compreendam a teoria da Revolução. Isso

é o que temos que fazer, e êsse é o objetivo da Escola de Instrução Revolucionária: ensinar a analisar e ensinar a pensar.

E um revolucionário tem que ser, antes que tudo, um homem que saiba analisar situações objetivamente e não subjetivamente. Aprender a pensar é aprender a buscar soluções adequadas. Essa é uma das questões importantes, a que eu queria referir-me aqui.

Quanto ao mais, quanto a questões de organização, imagino que algum dia convidem também Anibal para falar nesse programa de tudo o que se refira à parte de organização do Partido Unido da Revolução Socialista.

O programa? Será um programa marxista-leninista, ajustado às condições objetivas precisas de nosso país. Adotaremos em nosso programa os princípios fundamentais do marxismo-leninismo, ajustndo-os a nossa situação. Disso não pretendemos fazer nenhum segrêdo. E com isso está de acôrdo nosso povo, com isso está de acôrdo nossa classe operária, com isso estão de acôrdo nossos camponeses, com isso estão de acôrdo todos os intelectuais honestos, a juventude, todos os cidadãos honrados de nosso país.

Eram estas as questões fundamentais.

O fundamental, — o *por quê* do Partido Unido da Revolução Socialista, as raízes do processo e as funções do Partido Unido da Revolução Socialista — está dito.

TAREFA FUNDAMENTAL DO PARTIDO: DIRIGIR E ORGANIZAR

A tarefa fundamental do Partido consiste em organizar e dirigir, através das organizações de massas, através de seus núcleos; e, ao mesmo tempo, organizar o povo; de acôrdo com as normas marxistas-leninistas da responsabilidade e da direção coletiva.

Há algo que preciso dizer sôbre a direção coletiva; possìvelmente, é o único que me falta dizer.

Durante um bom pedaço de tempo, a direção revolucionária foi unipessoal. Não significa isso que fôsse caudilhista, que fôsse caprichosa, absolutamente. Mas durante um bom pedaço de tempo as decisões eram decisões que se tomavam pràticamente em virtude da confiança depositada no Primeiro Ministro do Govêrno Revolucionário.

Disse e digo e repito: creio firmemente que é um êrro. Não tenho que censurar-me nada por causa disso; foi a conseqüência, simplesmente, do processo revolucionário. Pois bem. Que pensamos a êsse respeito? Pensamos que é um êrro; que, inclusive, durante muito tempo houve preocupação por causa dos problemas dos líderes, como por exemplo "que acontecerá se nos privarem da vida de um líder?" ou "e se a Revolução ficar acéfala?", etc. Tínhamos que sair quanto antes de tal situação; era preciso formar antes que tudo a direção de um partido revolucionário.

Êsse instrumento é a melhor garantia, a única garantia válida para assegurar a continuidade do poder e da linha revolucionária. Penso sinceramente que o melhor de quantos sistemas políticos inventou o homem ao longo da História é, sem dúvida, o sistema de govêrno baseado na direção do Estado por um partido revolucionário, democrático e de direção colegiada.

Por quê?

Certamente, os indivíduos desempenham um papel nas revoluções, e um papel importante; mas não passam, no final de contas, de indivíduos. E nada há mais frágil do que a vida de um indivíduo. Inclusive, a consciência dos indivíduos é frágil.

Nós, que temos fé absoluta na firmeza de nossas consciências, sabemos entretanto que um indivíduo é a coisa

mais frágil que existe. Morre de uma bala, de um acidente, de um choque, de um colapso, de qualquer coisa.

As monarquias, que foram a expressão do sistema social dos impérios da época do feudalismo e dos primeiros Estados nacionais, têm a característica de permitir que um país possa chegar a ser governado por um idiota. Basta que um filho de rei seja idiota e já o país está condenado a ser governado quarenta anos por êsse idiota, porque se não morre mais cedo é capaz de viver quarenta anos ou até mais. E são muitos os casos na História de nações governadas por idiotas.

Na democracia burguesa representativa prevalecem a politicagem, o subôrno e a corrução e nela só têm acesso ao poder as classes dominantes e as classes ricas; sem falar na anarquia consubstancial a êsse sistema de govêrno, como o demonstra por exemplo a história recente da França, país onde se trocava de govêrno dez vêzes por ano.

Há também a circunstância de que — não apenas uma vez, mas muitas vêzes — um indivíduo teve a possibilidade, graças a êsse sistema, de enganar as massas, de confundi-las; um grande demagogo, um tipo teatral pôde, em determinadas circunstâncias, ascender a posições dentro da direção do Estado que estavam muito além de suas capacidades e méritos.

O sistema de govêrno unipessoal tem dois inconvenientes, decorrentes do caudilhismo. 1.º) Se o caudilho fôr mau, o povo sofre tôdas as conseqüências. 2.º) A falta de continuidade e de segurança na continuidade do poder e na continuidade da linha e dos programas revolucionários. Sem falar quão influenciáveis e limitados são os indivíduos, expostos a todo tipo de contingências. E ademais, é um sistema de govêrno que está em absoluta contradição com os sentimentos dos homens.

SISTEMA IDEAL DE GOVÊRNO

Creio portanto, que o sistema ideal, o mais perfeito encontrado pelos homens para governar um país, sistema ademais que não aspira a ser eterno, mas apenas transitório, como transitórias são as etapas que estamos chamados a percorrer na história de um país e as etapas que o sistema deve realizar, é o sistema de govêrno sôbre a base de um partido revolucionário, democràticamente organizado através de uma direção coletiva. Vale dizer, êsse partido deve realizar as funções de dirigente.

Por que êsse é o melhor sistema, caso funcionem as normas democráticas e as normas de direção coletiva? Se não funcionarem as normas democráticas, as normas de direção coletiva, o sistema pode ser tão ruim como qualquer outro. Mas se mantivermos os princípios fundamentais da democracia interna e da direção coletiva teremos, sem dúvida de nenhuma espécie, o método mais perfeito de govêrno e, sobretudo, de govêrno de um país numa etapa de transição revolucionária.

Que quer dizer isto? Em primeiro lugar, se êsse partido fôr uma organização seletiva e não de aglutinação nêle ingressam os melhores cidadãos do País por suas condições, por seus méritos; ingressarão em núcleos revolucionários. Temos, então, durante longos anos, um processo de aprendizagem, de experiência direta, de cumprimento do dever.

Pouco a pouco, por seus méritos, êsse cidadão pode ir assumindo responsabilidades cada vez maiores. Êsse cidadão pode chegar a ser membro da direção regional, central, nacional; pode chegar a ocupar êsses postos por seus méritos. Não é o caso do rei que deixa o filho idiota no poder, não é o caso do caudilho militar afortunado, o grande militar, porque pode haver homens com grandes

qualidades de guerreiro e que como guerreiro adquirem fama e prestígio e que, como governantes, contudo, sejam uns perfeitos estúpidos.

Não nos referimos ao demagogo, ao farsante, ao homem teatral. Em um partido onde predominam essas normas, a disciplina, os princípios seletivos, a democracia interna e a direção coletiva, não poderá ascender o ignorante; os tolos não poderão chegar a chefia do Estado nem mesmo o aventureiro, ainda que tenha sorte. Essa escola será uma escola onde se irão experimentando os homens, onde aprenderão e se capacitarão.

E assim, dêsse modo, chegarão a assumir as funções mais importantes do Estado homens capazes e que tenham revelado seus méritos.

Que cidadão pode chegar a ser, assim, dirigente de seu país, membro da direção de seu país? Simplesmente os cidadãos que tenham mérito, que tenham qualidades. Quem possuir verdadeira vocação revolucionária, quem possuir verdadeira vocação política, quem tenha verdadeiro espírito de sacrifício, êsses chegarão, vão ascender.

Não nos referimos àquela política em que se pode obter posições por dinheiro, nepotismo, por favoritismo. Desterremos o nepotismo, o favoritismo, desterremos tudo isso e teremos, sem sombra de dúvida, o sistema que garante ao povo ser governado pelos homens mais capazes, mais idôneos. Trata-se simplesmente de direção coletiva.

Como as decisões fundamentais do País, como as decisões mais importante para a vida de um país vão ser tomadas por um só indivíduo ou por apenas um funcionário? Isso é simplesmente absurdo. Nós sabemos, e qualquer pessoa pode comprovar isso todos os dias, que podemos nos equivocar.

Imaginemos que os pontos de vista dos dirigentes não estejam concordes com os de outro, que os elementos de

juízo de um dirigente não concordem com os de outro, que não se discuta e, simplesmente, sempre se adote a decisão de modo unipessoal e sem discussão. A que se expõem os povos com isso? Expõem-se a ser vítimas de todos os caprichos, de todos os equívocos, de todos os erros. É muito mais difícil que as soluções debatidas saiam erradas do que as tomadas sem discussão. Creio firmemente nisto, creio na direção coletiva, creio na direção de um partido político de vanguarda.

Simplesmente isto é que nós pensamos e isso é que deve pensar todo revolucionário. Está bem essa frase da Internacional: "Nem César, nem burguês, nem Deus". Para o que seja crente, pode retirar os outros dois e ficar com Deus. Mas nem César, nem burguês, e sobretudo nada de César. Nós, sinceramente, nunca aspiramos a César.

NADA MELHOR QUE A DISCUSSÃO

Se interessa ao povo nossa experiênca pessoal podemos dizer que, na realidade, não há nada que produza maior satisfação que discutir; procurar através da discussão as melhores soluções, nem maior satisfação que quando as responsabilidades são tomadas por todos, pelo partido, pelo povo. Creio firmemente nisso; tenho experiência para falar: o direito de haver atravessado todo êste período revolucionário, haver assumido grandes responsabilidades dentro da Revolução, e nunca ter-me orgulhado disso, nunca ter-me considerado infalível, e reconhecer que posso me equivocar.

E creio que isso é uma das coisas mais honestas que pode fazer qualquer cidadão; que é o mais honesto que deve fazer qualquer revolucionário. Mas reconhecer não apenas com palavras, reconhecer sinceramente que

se pode equivocar; declarar que não existem "césares", que não existem sêres providenciais; declarar, firmemente, que a história é escrita e feita pelos povos. Os povos são os queescrevem a história.

O que ocorre é que, muitas vêzes, não se fala de um povo; chama-se a um povo pelo nome de um líder, e então milhões de homens anônimos morrem; e recai muitas vêzes tôda a glória, todo oprestígio, sôbre um indivíduo, sôbre um líder, de tal modo que se crê que os méritos do povo devem corresponder ao dirigente; mas estão completamente equivocados. Porque a revolução não se faz nem com a inteligência de um, nem com o esfôrço de outro; faz-se com a inteligência de muitos, com o sacrifício e o sangue de muitos, com o sacrifício e o sangue de milhares de companheiros que venceram a tirania, a contra-revolução; que derrotaram o imperialismo; com o esfôrço abnegado e o sacrifício de homens que vão treinar nas montanhas, que se encerram nas escolas, separados de sua família durante meses inteiros; de operários, que cultivam os campos trabalhando horas e horas; de operários que cortam cana, de pescadores que pescam; dos condutores que guiam trens e caminhões; de operários que se dirigem às fábricas, de operários que se levantam de madrugada para ordenhar uma vaca, realizar uma tarefa, atender aos serviços necessários. Êsses são os que fazem a história, êsses os que lutam! (*Aplausos*)

Quem pode crer que todo êste mérito de milhões de homens que integram uma sociedade e constituem o povo, é mérito próprio? Quem pode pensar que a vaidade pessoal, o orgulho, por mais legítimo que seja, vale mais que o esfôrço e o sacrifício de milhões de cidadãos? Quem se pode crer tão superior e tão infalível que pense dessa maneira e que não esteja raciocinando de maneira equivocada?

Venho dizer aqui, ante o povo, as coisas em que creio e que defendi, e que por isso contribuiu para vencer todos os obstáculos. E que, sinceramente, muito poucas vêzes como nesta ocasião, sentimos que contribuímos em alguma coisa para a história do nosso país, para o progresso de nosso país e seu avanço, e se todos nós, todos os companheiros que têm maiores responsabilidades na direção; se todos nós pautamos nossa conduta por estas normas, se seguirmos êstes princípios, nosso país evitará os problemas de improvisação, os famosos problemas do culto da personalidade e todos êsses problemas e ainda evitará mil problemas mais que possam surgir. Porque existe uma coisa da qual ninguém duvida, aquilo que se dizia do companheiro Camilo Cienfuegos, por ocasião de sua morte: "existem muitos camilos entre o povo". E ninguém duvida, porque Camilo era empregado de um alfaiataria, e não teria sido Camilo sem a revolução, sem a oportunidade do combate. Conceda-se uma oportunidade de combater ao jovem e ver-se-á que é um Camilo, que ganha batalhas, que realiza heroísmos. (*Aplausos prolongados*).

"Existem muitos Camilos entre o povo", declaramos certa feita. Mas isto que é válido para um chefe militar, é válido também para tôdas as outras tarefas de responsabilidade. No povo existem milhares, e dezenas de milhares, e centenas de milhares de homens valiosos, de homens competentes. Demos-lhes a oportunidade de se instruírem, preparar-se, de aprender, de dirigir, de trabalhar! Demos-lhes a oportunidade e veremos como do povo surgem magníficos atletas, magníficos chefes militares, magníficos estudantes; surgirão também magníficos dirigentes, magníficos quadros, magníficos escritores, ministros, dirigentes políticos. Acostumemo-nos, de acôrdo com os tempos e de acôrdo com nossa revolução, a ver no povo as grandes virtudes, as grandes inteligências, os grandes

méritos, perceber que nesse povo existem grandes reservas, e que por isso o povo não pode fracassar! Pode um homem fracassar, porque um homem é apenas um homem; um povo não pode fracassar porque são milhares, porque são centenas de milhares de inteligências, centenas de milhares de dirigentes em potencial.

Então, que tarefa deve realizar o partido dêsse povo revolucionário? Êsse partido deve ser o grande veículo do mérito, o grande veículo da vocação revolucionária, o grande veículo da inteligência revolucionária. Êsse partido deve estar sempre acima dos indivíduos porque êsse é o partido que guardará, não o valor de uma inteligência, mas sim o valor de dezenas de milhares e de centenas de milhares de inteligências; não o valor de um heroísmo, mas o valor do heroísmo de todos; não o valor do espírito de sacrifício, mas sim o valor do espírito de sacrifício de centenas de milhares de cidadãos, do espírito de combate, do amor à Revolução.

Assim deve ser o Partido Unido da Revolução Socialista Cubana! (*Aplausos*).

CUBA: TERRITÓRIO LIVRE DE ANALFABETISMO

II DECLARAÇÃO DE HAVANA — LIDA POR FIDEL CASTRO E RATIFICADA PELO POVO CUBANO NA PRAÇA JOSÉ MARTI, EM 2 DE FEVEREIRO DE 1962.

Às vésperas de sua morte, em carta não terminada porque uma bala espanhola atravessou-lhe o coração a 18 de maio de 1895, José Marti, apóstolo de nossa independência, escreveu a seu amigo Manuel Mercado: "Eu posso escrever... Eu que estou todos os dias em perigo de dar minha vida por meu país e por meu dever... de impedir o tempo, com a independência de Cuba, que os Estados-Unidos se estendam sôbre as Antilhas e arremetam com mais essa fôrça contra nossas terras da América. Tudo quanto fiz até hoje e farei é com esta finalidade... As obrigações públicas dos povos mais vitalmente interessados em impedir que em Cuba venha a abrir-se o caminho da anexação ao imperialismo — que é o caminho da anexação de nossos povos da América pelo norte violento e brutal que os despreza e que está sendo obstruído com nosso sangue — são as mesmas obrigações menores e públicas que lhes haviam impedido a adesão ostensiva a êste sacrifício pelo imediato benefício dêles próprios. Vivi no monstro e conheço suas entranhas; e minha funda é a de David".

Já Marti, em 1895, apontou o perigo que ameaçava a América, e chamava o imperialismo, sem eufemismos, de imperialismo. Advertiu os povos da América de que eram êles, mais do que ninguém, os interessados em que Cuba não sucumbisse à cobiça ianque desprezadora dos povos latino-americanos. E com seu próprio sangue, derramado por Cuba e pela América, rubricou as palavras póstumas que, em homenagem à sua memória, o povo de Cuba inscreve hoje no tôpo desta Declaração.

Passaram-se sessenta e sete anos. Pôrto-Rico foi convertido em colônia e é ainda colônia saturada de bases militares. Cuba caiu também nas garras do imperialismo. Suas tropas ocuparam nosso território. A emenda Platt foi imposta à nossa primeira Constituição como cláusula humilhante que consagrava o odioso direito de intervenção estrangeira. Nossas riquezas passaram às suas mãos, nossa história foi falseada, nossa administração e nossa política amoldaram-se inteiramente aos interêsses dos interventores, submeteu-se a Nação a sessenta anos de asfixia política, econômica e cultural.

EXPLORAÇÃO IANQUE DE TODO O HEMISFÉRIO

Mas Cuba rebelou-se, Cuba conseguiu redimir-se da bastarda tutela. Cuba rompeu as cadeias que atavam sua sorte ao império opressor, resgatou suas riquezas, restaurou sua cultura e desfraldou sua bandeira soberana de território e povo livre da América.

Já os Estados-Unidos não poderão mais contar com a fôrça de Cuba para arremeter contra a América; em vez disso, com o domínio que exercem sôbre a maioria dos demais Estados da América Latina, os Estados-Unidos pretendem arremeter contra Cuba com a fôrça da América.

Que diferença há entre a história de Cuba e a história da América Latina? E que diferença há entre a história da América Latina e a história da Ásia, da África e da Oceania? Que é a história de todos êsses povos senão a história da exploração mais implacável e cruel do imperialismo no mundo inteiro?

Em fins do século passado e começos do presente, um punhado de nações econômicamente desenvolvidas haviam concluído a distribuição do mundo entre elas, submetendo a seu domínio econômico e político dois terços da humanidade que, dessa forma, viu-se obrigada a trabalhar para as classes dominantes do grupo de países de economia capitalista desenvolvida.

As circunstâncias históricas que permitiram a certos países europeus e aos Estados-Unidos da América do Norte um alto nível de desenvolvimento industrial, colocaram-nos em situação de poder submeter a seu domínio e exploração o resto do mundo.

Quais foram os motivos que impulsionaram essa expansão das potências industrializadas? Razões de tipo moral, "civilizadoras", com elas alegavam? Não. Foram razões de tipo econômico.

Desde a descoberta da América, que lançou os conquistadores europeus por mares afora na esperança de ocupar e explorar as terras e os habitantes de outros continentes, o afã de riqueza foi o móvel fundamental de sua conduta. A própria descoberta da América foi conseqüência da procura de rotas mais curtas para o Oriente, cujas mercadorias eram règiamente pagas na Europa.

Uma nova classe social — a dos comerciantes e dos produtores de artigos manufaturados para o comércio — surge do seio da sociedade feudal de senhores e servos nos fins da Idade Média.

A sêde de ouro foi que moveu os esforços dessa nova classe. O afã de lucro foi o incentivo de sua conduta

ao longo de sua história. Com o desenvolvimento da indústria manufatureira e do comércio, foi crescendo sua influência social. As novas fôrças produtivas que se desenvolviam no seio da sociedade feudal entravam em choque cada vez mais com as relações de servidão próprias do feudalismo, suas leis, suas instituições, sua filosofia, sua moral, sua arte e sua ideologia política.

Novas idéias filosóficas e políticas, novos conceitos do direito e do Estado foram proclamados pelos representantes intelectuais da classe burguesa que, por corresponderem às novas necessidades da vida social, pouco a pouco se fizeram consciência das massas exploradas. Eram então idéias revolucionárias em face das idéias caducas da sociedade feudal. Os camponeses, os artesãos e os operários das manufaturas, encabeçadas pela burguesia, derrubaram a ordem feudal, sua filosofia, suas idéias, suas instituições, suas leis e os privilégios da classe dominante, ou seja: a nobreza hereditária.

Naquela época a burguesia considerava justa e necessária a revolução. Não pensava que a ordem feudal pudesse e devesse ser eterna, como pensa agora de sua ordem social capitalista.

Animava os camponeses para que se libertassem da servidão feudal, incitava os artesãos contra as relações gremiais e reclamava o direito ao poder político. Os monarcas absolutos, a nobreza e o alto clero defendiam tenazmente seus privilégios de classe, proclamando o direito divino da coroa e a intangibilidade da ordem social. Ser liberal, proclamar as idéias de Voltaire, Diderot ou Jean — Jacques Rousseau, porta-vozes da filosofia burguesa, constituía na época, para as classes dominantes, um delito tão grave como é hoje para a burguesia ser socialista e proclamar as idéias de Marx, Engels e Lênin.

OS CAPITAIS MONOPOLISTAS

Quando a burguesia conquistou o poder político e estabeleceu sôbre as ruínas da sociedade feudal seu modo capitalista de produção, sôbre êsse modo de produção erigiu seu Estado, suas leis, suas idéias e instituições. Essas instituições consagravam em primeiro lugar a essência de sua dominação de classe: a propriedade privada. A nova sociedade, baseada na propriedade privada dos meios de produção e na livre concorrência, ficou assim dividida em duas classes fundamentais: uma possuidora dos meios de produção, cada vez mais modernos e eficientes; a outra desprovida de tôda riqueza, possuidora sòmente de sua fôrça de trabalho, obrigada a vendê-la no mercado como qualquer mercadoria, para poder subsistir.

Derrubados os entraves do feudalismo, as fôrças produtivas desenvolveram-se extraordinàriamente. Surgiram as grandes fábricas, onde se acumulava um número cada vez maior de operários.

As fábricas mais modernas e tècnicamente eficientes iam afastando do mercado as concorrentes menos eficazes. O custo dos equipamentos industriais ia aumentando cada vez mais; era necessário acumular somas cada vez maiores de capital.

Uma parte importante da produção se foi acumulando em um número sempre menor de mãos. Surgiram assim as grandes emprêsas capitalistas e, mais adiante, as associações de grandes emprêsas através de cartéis, sindicatos, trustes e consórcios, segundo o grau e o caráter da associação, controlados pelos possuidores da maioria das ações, isto é, pelos mais poderosos cavalheiros de indústria. A livre concorrência, característica do capitalismo em sua primeira fase, abriu caminho aos monopólios que combinavam acordos entre si e controlavam os mercados.

De onde saíram as somas colossais que permitiram a um punhado de monopolistas acumular bilhões de dólares? Simplesmente da exploração do trabalho humano. Milhões de homens obrigados a trabalhar por um salário do nível de subsistência produziram com seu esfôrço os gigantescos capitais dos monopólios. Os trabalhadores acumularam as fortunas das classes privilegiadas, cada vez mais ricas, cada vez mais poderosas. Através das instiuiçõtes bancárias, chegaram a dispor não sòmente de seu próprio dinheiro, como também do dinheiro de tôda a sociedade. Assim se produziu a fusão dos bancos com o grande indústria e nasceu o capital financeiro. Que fazer então com os grandes excedentes de capital que em quantidades maiores se ia acumulando? Invadir com êles o mundo. Sempre atrás do lucro, começaram a apoderar-se das riquezas naturais de todos os países econômicamente débeis e a explorar o trabalho humano de suas populações com salários muito mais miseráveis do que aquêles que se viam obrigados a pagar aos operários da própria metrópole. Iniciou-se assim a repartição territorial e econômica do mundo entre as potências de maiores recursos. Em 1914, oito ou dez países imperialistas haviam submetido a seu domínio econômico e político, fora de suas fronteiras, território cuja extensão em conjunto alcançava a cifra de 83.700.000 quilômetros quadrados, com uma população total de 970 milhões de habitantes. Haviam repartido entre êles nada menos que o mundo.

CRISE E DECOMPOSIÇÃO DO CAPITALISMO

Mas como o mundo era limitado em extensão e já estava repartido palmo a palmo até os mais longínquos rincões do globo, não tardou a ocorrer o choque entre os

diversos países monopolistas e surgiram os conflitos originados pelo fato de não estar a distribuição em proporção com o poder industrial e econômico que haviam alcançado aquêles países através de um desenvolvimento desigual. Estouraram as guerras imperialistas que custariam à humanidade 50 milhões de mortos, dezenas de milhões de inválidos e a destruição de incalculáveis riquezas materiais e culturais. Isso ainda não havia acontecido quando já Marx escrevera que "o capital recém-nascido transpirava sangue e lama por todos os poros, dos pés à cabeça".

O sistema capitalista de produção, depois de dar de si tudo de que era capaz, converteu-se em obstáculo para o progresso da humanidade. Mas a burguesia, desde sua origem, levava em si mesma o seu contrário. Em seu seio desenvolveram-se gigantescos instrumentos de produção, mas ao mesmo tempo desenvolveu-se uma nova e vigorosa fôrça social — o proleariado — chamado a substituir o sistema social já velho e caduco do capitalismo por uma formação econômico-social superior e em correspondência com as possibilidades históricas da sociedade humana, convertendo em propriedade de tôda a sociedade êsses gigantescos meios de produção que os povos e nada mais que os povos com seu trabalho haviam criado e acumulado. Atingindo as fôrças produtivas grau tão elevado de desenvolvimento, passava a ser absolutamente caduco e anacrônico um regime que postulava a propriedade privada, subordinando a economia de milhões e milhões de sêres humanos aos interêsses de uma exígua minoria social.

Os interêsses da humanidade reclamavam um ponto final para a anarquia na produção, o desperdício, as crises econômicas e as guerras de rapina, próprias do sistema capitalista. As recentes necessidades do gênero humano e a possibilidade de satisfazê-las exigiam o desenvolvimento planificado da economia e a utilização racional de seus meios de produção e recursos naturais.

Era inevitável que o imperialismo e o colonialismo entrassem em profunda e irremediável crise. A crise geral iniciou-se por ocasião da primeira guerra mundial com a revolução dos operários e camponeses que derrubou o império czarista da Rússia e implantou, nas dificílimas condições de cêrco e agressão capitalista, o primeiro Estado socialista do mundo, iniciando uma nova era na história da humanidade.

Desde então até os nossos dias, a crise e a decomposição do sistema imperialismo se têm acentuado incessantemente.

A segunda guerra mundial desencadeada pelas potências imperialistas e que arrastou a União Soviética e outros povos da Europa e da Ásia, criminosamente invadidos, a uma sangrenta luta de libertação, culminou com a derrota do fascismo, a formação do campo mundial do socialismo e a luta dos povos coloniais e dependentes por sua soberania. Entre 1945 e 1957 mais de 1 bilhão e 200 milhões de sêres humanos conquistaram sua independência na Ásia e na África. O sangue derramado pelos povos não foi em vão.

O movimento dos povos dependentes e colonizados é um fenômeno de caráter universal que agita o mundo e marca a crise final do imperialismo.

Cuba e a América Latina fazem parte do mundo. Nossos problemas fazem parte dos problemas surgidos com a crise geral do imperialismo e a luta dos povos subjugados; o choque entre o mundo que nasce e o mundo que morre. A odiosa e brutal campanha desencadeada contra nossa Pátria expressa o esfôrço, tão desesperado quanto inútil, dos imperialistas para evitar a libertação dos povos. Cuba aflige de maneira especial os imperialistas. O que se oculta por trás do ódio ianque à Revolução cubana? O que explica racionalmente a conspiração que reúne em um mesmo propósito agressivo a potência impe-

rialista mais rica e poderosa do mundo contemporâneo e as oligarquias de todo um Continente, que juntos supõem representar uma população de 350 milhões de sêres humanos contra um pequeno povo de apenas 7 milhões de habitantes, econômicamente subdesenvolvidos, sem recursos financeiros nem militares para ameaçar a segurança ou a economia de nenhum país? É o mêdo que os une e concita à agressão. O mêdo é a explicação. Não o mêdo da Revolução cubana; mas o mêdo da Revolução latino-americana. Não o mêdo dos operários, camponeses, estudantes, intelectuais e setores progressistas que tomaram revolucionàriamente o poder em Cuba; mas o mêdo de que os operários, camponeses, estudantes, intelectuais e setores progressistas da classe média tomem revolucionàriamente o poder entre os povos oprimidos, famintos e explorados pelos monopólios ianques e a oligarquia reacionária da América; mêdo de que os povos saqueados do Continente arranquem as armas de seus opressores e se declarem, como Cuba, povos livres da América.

A REVOLUÇÃO É FATAL NA AMÉRICA LATINA

Esmagando a Revolução cubana acreditam dissipar o mêdo que os atomenta, o fantasma da revolução que os ameaça. Liquidando a Revolução cubana, acreditam liquidar o espírito revolucionário dos povos. Pretendem, em seu delírio, que Cuba é exportadora de revolução. Em suas mentes de negociantes e usurários insones cabe a idéia de que as revoluções se podem comprar ou vender, alugar, emprestar, exportar ou importar como qualquer mercadoria. Ignorantes das leis objetivas que regem o desenvolvimento das sociedades humanas, crêem que seus regimes monopolistas, capitalistas e semifeudais são eternos. Educados em sua própria ideologia reacionária, mescla de superstição, ignorância, subjetivismo, pragmatismo e outras aberrações do pensamento formam uma imagem do mundo e da marcha da História acomodada a seus interêsses de classes exploradoras. Supõem que as revoluções nascem ou morrem no cérebro dos indivíduos ou por efeito de leis divinas e que, inclusive, os deuses estão de seu lado. Sempre tiveram a mesma crença, desde os devotos pagãos patrícios da Roma escravista, que lançavam os cristãos primitivos aos leões do circo, passando pelos inquisidores da Idade Média que, como guardiães do feudalismo e da monarquia absoluta, imolavam na fogueira os primeiros representantes do pensamento liberal da nascente burguesia, até os bispos de hoje que, em defesa do regime burguês e monopolista, anatematizam as revoluções proletárias. Tôdas as classes reacionárias em tôdas as épocas históricas, quando o antagonismo entre exploradores e explorados chega à sua tensão máxima, pressagiando o advento de um novo regime social, recorreram às piores armas da repressão e da calúnia contra seus adversários. Acusados de incendiar Roma e de sacrificar crianças em seus altares, os cristãos primitivos foram levados ao martírio. Acusados de hereges, foram levados à fogueira, pelos inquisidores, filósofos como Giordano Bruno, reformadores como Hus e milhares de não conformados com a ordem feudal. Hoje é sôbre os lutadores proletários que se lança a perseguição e o crime, precedidos das piores calúnias na imprensa monopolista e burguesa. Sempre em cada época histórica as classes dominantes assassinaram, invocando a defesa da sociedade (sua "sociedade" de minorias privilegiadas sôbre as maiorias exploradas), a defesa da ordem (a "ordem" que beneficia sua classe e que se mantém, a sangue e fogo, com o sacrifício dos despojados), a defesa da pátria (a "pátria" cujo

desfrute pertence a êles sòmente, com a exclusão de todo o imenso resto do povo), para reprimir os revolucionários que aspiram a uma sociedade nova, uma ordem justa e uma pátria verdadeira para todos.

Mas o desenvolvimento da história, a marcha ascendente da humanidade não se detêm nem pode deter-se. As fôrças que impelem os povos, que são os verdadeiros construtores da história, determinadas pelas condições materiais de sua existência e pela aspiração a metas superiores de bem-estar e liberdade, que surgem quando o progresso do homem no campo da ciência, da técnica e da cultura o tornam possível são superiores à vontade e ao terror que desencadeiam as oligarquias dominantes.

As condições subjetivas de cada país, isto é, o fator consciência, organização, direção podem acelerar ou atrasar a revolução, segundo seu maior ou menor grau de desenvolvimento, mas, mais cedo ou mais tarde, em cada época histórica, quando as condições objetivas amadurecem, se adquire a consciência e se consegue a organização, a direção surge e a revolução se produz.

Que esta se faça por meios pacíficos ou que nasça depois de um parto doloroso, não depende dos revolucionários: depende das fôrças reacionárias da velha sociedade, que resistem ao nascimento da sociedade nova, engendrada pelas contradições que leva em seu seio a velha sociedade. A revolução é, na História como o médico que assiste ao nascimento de uma nova vida. Não usa sem necessidade o forceps, mas usa-o sem vacilações sempre que fôr indispensável para ajudar o parto. Parto que traz para as massas escravizadas e exploradas a esperança de uma vida melhor.

Em muitos países da América Latina a revolução é hoje inevitável. Êsse fato não é determinado pela vontade de ninguém. Está determinado pelas espantosas condições de exploração em que vive o homem americano, o desenvolvimento da consciência revolucionária das massas, a crise mundial do imperialismo e o movimento universal de luta dos povos subjugados.

A inquietação que hoje se verifica é sintoma inequívoco de rebelião. Agitam-se as entranhas de um Continente que foi testemunha de quatro séculos de exploração escravista, semi-escravista e feudal do homem desde seus habitantes oborígenes e os escravos trazidos da África até os núcleos nacionais que surgiram depois: brancos, negros, mulatos, mestiços e índios, hoje irmanados em face do desprêzo, a humilhação e o jugo ianque e irmanados também na esperança de um mundo melhor.

Os povos da América libertaram-se da colonização espanhola em princípios do século passado, mas não se libertaram da exploração. Os senhores de terras feudais assumiram a autoridade em lugar dos governantes espanhóis, e os índios continuaram em penosa servidão. O homem latino-americano, de uma ou de outro maneira, continuou escravo, e as menores esperanças dos povos sucumbiram sob o poder das oligarquias em cumplicidade com o capital estrangeiro. Esta tem sido a verdade da América Latina, com uma ou outra variação, com uma ou outra nuance. Hoje, a América Latina sofre a dominação de um imperialismo mais feroz, muito mais poderoso e mais implacável do que o império colonial espanhol.

E ante a realidade objetiva e històricamente inexorável da revolução latino-americana, qual é a atitude do imperialismo ianque? Dispõe-se a empreender uma guerra colonial contra os povos da América Latina; cria o aparelho de fôrça, os pretextos políticos e os instrumentos pseudolegais com o assentimento dos representantes das oligarquias reacionárias para reprimir a sangue e fogo a luta dos povos latino-americanos.

A intervenção do govêrno dos Estados-Unidos na política interna dos países da América Latina vem sendo cada vez mais ostensiva e desenfreada.

A Junta Interamericana de Defesa, por exemplo, foi e é o ninho onde se incubam os oficiais mais reacionários e pró-ianques dos exércitos latino-americanos, utilizados depois como instrumentos golpistas a serviço dos monopólios.

As missões militares norte-americanas na América Latina constituem um aparelho de espionagem permanente em cada nação, vinculado estreitamente à Agência Central de Inteligência, incutindo nos oficiais os sentimentos mais recionários e procurando converter os exércitos em instrumentos de seus interêsses políticos e econômicos.

Atualmente, na zona do Canal da Panamá, o alto comando norte-americano organizou cursos especiais de treinamento para oficiais latino-americanos de luta contra guerrilhas revolucionárias, destinados à repressão da ação armada das massas camponesas contra a exploração feudal e que estão submetidas.

INTERFERÊNCIA IANQUE NOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS

Nos próprios Estados-Unidos, a Agência Central de Inteligência organizou escolas especiais para treinar agentes latino-americanos nas mais sutis formas de assassinato; e é política estabelecida pelos serviços militares ianques a liquidação física dos dirigentes antiimperialistas.

É notório que as embaixadas ianques, em diferentes países da América Latina, estão organizando, instruindo e equipando bandos fascistas para semear o terror e agredir as organizações operárias, estudantis e intelectuais.

Êsses bandos, que recrutam filhos das oligarquias, "lumpen" e gente do pior calibre moral, já perpetraram uma série de atos agressivos contra os movimentos de massas.

Nada mais evidente e inequívoco dos propósitos do imperialismo que sua conduta nos recentes acontecimentos em São Domingos. Sem nenhuma espécie de justificativa, sem sequer manter relações diplomáticas com essa República, os Estados-Unidos, depois de colocarem seus navios de guerra diante da capital dominicana, declararam com sua habitual insolência que, se o govêrno de Balaguer solicitasse ajuda militar, desembarcariam tropas em São Domingos contra a rebelião do povo dominicano. fato de ser o poder de Balaguer absolutamente espúrio, o fato de cada povo soberano da América ter direito a resolver seus problemas internos sem intervenção estrangeira, o fato de existirem normas internacionais e uma opinião pública mundial, o fato inclusive de existir uma O.E.A., nada significava, nada pesava nas cogitações dos Estados-Unidos. O que pesava eram seus desígnios de impedir a revolução dominicana, retomando a odiosa tradição dos desembarques de seus fuzileiros navais, valendo-se, como único fundamento para pôr em prática êsse novo conceito flibusteiro de direito, da simples solicitação de um governante tirânico, ilegítimo e em crise! O que isto significa não deve passar desapercebido pelos povos. Na América Latina há inúmeros governantes dêsse tipo, dispostos a utilizar tropas ianques contra seus respectivos povos quando se virem em crise.

Esta política descarada do imperialismo norte-americano de enviar soldados para combater o movimento revolucionário em qualquer país da América Latina — ou seja: matar operários, estudantes, camponeses, homens e mulheres latino-americanos — não obedece a outro imperativo senão o de continuar mantendo seus interêsses mo-

nopolistas e os privilégios da oligarquia traidora que os apóia.

Pode-se ver agora com tôda a clareza que os pactos militares assinados pelo govêrno dos Estados-Unidos com os governos latino-americanos, pactos secretos muitas vêzes, e sempre ocultados dos respectivos povos, invocando hipotéticos perigos exteriores que ninguém vê nem nunca viu em parte alguma, tinham o único e exclusivo objetivo de impedir a luta dos povos; eram pactos contra os povos, contra o único perigo: o perigo interno do movimento de libertação que pusesse em risco os interêsses ianques. Não era à-toa que os povos se indagavam: por que tantos convênios militares? Para que as remessas de armas, inadequadas a uma guerra moderna, mas eficazes para esmagar greves, reprimir manifestações populaes e ensanguentar o país? Para que as missões militares, o Pacto do Rio-de-Janeiro e as mil e uma conferências internacionais?

Desde que terminou a segunda guerra mundial, as nações da América Latina se foram depauperando cada vez mais; cai cada vez mais o valor de suas exportações, suas importações pagam preços sempre mais altos, a renda *per capita* diminui, as pavorosas percentagens de mortalidade infantil não decrescem, o número de analfabetos aumenta, os povos carecem de trabalho, de terras, de moradias adequadas, de escolas, de hospitais, de vias de comunicação e de meios de vida. Enquanto isso, as inversões norte-americanas sobem a mais de dez bilhões de dólares. A América Latina é, ademais, fornecedora de matérias-primas baratas e compradora de artigos industriais de elevados preços. Como os primeiros conquistadores espanhóis, que trocavam com os índios espelhinhos e bugigangas por ouro e prata, assim comerciam os Estados-Unidos com a América Latina. Conservar essa torrente de

riqueza, apoderar-se cada vez mais dos recursos da América e explorar seus povos sofredores; isso é o que se ocultava por trás dos pactos militares, das missões castrenses e das juntas diplomáticas de Washington.

Esta política de paulatino estrangulamento da soberania das nações latino-americanas e de total liberdade para intervir em seus assuntos internos teve seu ponto culminante na última reunião de chanceleres. Em Punta del Este o imperialismo ianque reuniu os chanceleres para arrancar-lhes, mediante pressão política e chantagem econômica sem precedentes, com a cumplicidade de um grupo dos mais desprestigiados governantes dêste Continente, a renúncia à soberania nacional de nossos povos e a consagração do odioso direito de intervenção ianque nos assuntos internos da América, a submissão dos povos à vontade dos Estados-Unidos da América do Norte, contra a qual lutaram todos os próceres, desde Bolívar até Sandino. Desta vez não se ocultaram nem o govêrno dos Estados-Unidos, nem os representantes das oligarquias exploradoras, nem a grande imprensa reacionária vendida aos monopólios e aos senhores feudais, para exigir abertamente acôrdos que equivalem à supressão formal do direito de autodeterminação de nossos povos e abolí-lo de uma penada, na conspiração mais infame de que se tem notícia na história dêste Continente.

A portas cerradas, entre conciliábulos repugnantes em que um ministro ianque gastou dias a fio para vencer a resistência e os escrúpulos de alguns chanceleres — pondo em jôgo os milhões do Tesouro ianque, em ostensiva compra e venda de votos — um punhado de representantes das oligarquias de países, que em conjunto constituem apenas uma têrça parte da população do Continente, impôs acôrdos que servem em bandeja de prata ao amo ianque a cabeça de um princípio que custou todo o sangue de

nossos povos desde as guerras de independência. O caráter de vitórias de Pirro de tão tristes e fraudulentos sucessos do imperialismo, seu fracasso moral, a unanimidade quebrada e o escândalo universal não diminuem a gravidade que encerram para os povos da América Latina os acôrdos impostos por êsse preço. Naquele conclave imoral a voz titânica de Cuba elevou-se sem debilidade nem mêdo para acusar perante todos os povos da América e do mundo o monstruoso atentado e defender, virilmente e com uma dignidade que constará dos anais da História, não apenas o seu próprio direito, mas o direito desamparado de tôdas as nações irmãs do Continente americano. A palavra de Cuba não podia encontrar eco naquela maioria amestrada, mas tampouco podia ter resposta; cabia apenas o silêncio impotente ante seus demolidores argumentos, a clareza e valentia de suas palavras. Mas Cuba não falou para os povos e para a História, onde suas palavras terão eco e resposta.

Em Punta del Este travou-se uma grande batalha ideológica entre a Revolução cubana e o imperialismo ianque. Que representavam ali? Em nome de quem falou cada um dêles? Cuba representou os povos; os Estados-Unidos representaram os monopólios.

Cuba falou em nome das massas exploradas da América; os Estados-Unidos, em nome dos interêsses oligárquicos exploradores e imperialistas. Cuba falou pela soberania, os Estados-Unidos, pela intervenção. Cuba pela nacionalização das emprêsas estrangeiras; os Estados-Unidos, por novas inversões de capital no estrangeiro. Cuba, pela cultura; os Estados-Unidos, pela ignorância. Cuba, pela reforma agrária; os Estados-Unidos, pelo latifúndio. Cuba, pela industrialização da América; os Estados-Unidos, pelo subdesenvolvimento. Cuba, pelo trabalho criador; os Estados-Unidos, pela sabotagem e pelo terror contra-

revolucionário praticado por seus agentes, pela destruição dos canaviais e das fábricas, pelos bombardeios de seus aviões corsários contra o trabalho de um povo pacífico. Cuba, pelos alfabetizadores assassinados; os Estados-Unidos, pelos assassinos. Cuba, pelo pão; os Estados-Unidos, pela fome. Cuba, pela igualdade; os Estados-Unidos, pelo privilégio e a discriminação. Cuba, pela verdade; os Estados-Unidos, pela mentira. Cuba, pela libertação; os os Estados-Unidos, pela opressão. Cuba, pelo futuro luminoso da humanidade; os Estados-Unidos, pelo passado sem esperança. Cuba, pelos heróis que caíram em Playa Girón para salvar a Pátria do domínio estrangeiro; os Estados-Unidos, pelos mercenários e traidores que servem ao estrangeiro contra sua pátria. Cuba, pela paz entre os povos; os Estados-Unidos, pela agressão e pela guerra. Cuba, pelo socialismo; os Estados-Unidos, pelo capitalismo.

Os acôrdos obtidos pelos Estados-Unidos com métodos tão vergonhosos que o mundo inteiro critica, só conseguiram destacar ainda mais o fato de que a razão está com Cuba, pois demonstram o entreguismo e a traição das oligarquias aos interêsses nacionais e mostram aos povos o caminho da libertação. Revela a decomposição das classes exploradoras, em cujo nome falaram seus representantes em Punta del Este. A OEA ficou desmascarada: viu-se que não passa de um ministério de colônias ianque, uma aliança militar, um aparelho de repressão contra o movimento de libertação dos povos latino-americanos.

Cuba viveu três anos de revolução sob incessante esfôrço de intervenção ianque em nossos assuntos internos. Aviões piratas procedentes dos Estados-Unidos, lançando matérias inflamáveis, queimaram milhões de arrôbas de cana; atos de sabotagem internacional perpetrados por agentes ianques, com a explosão do vapor "La Coubre",

custaram dezenas de vidas cubanas; milhares de armas norte-americanas de todos os tipos foram lançadas em pára-quedas pelos serviços militares dos Estados-Unidos sôbre nosso território para promover a subversão; centenas de toneladas de materiais explosivos e de máquinas infernais foram desmbarcadas sorrateiramente em nossas costas por lanchas norte-americanas a fim de promover a sabotagem e o terrorismo; um operário cubano foi torturado na base naval de Guantânamo.

Os chanceleres reúnem-se em Punta del Este e sequer admoestam o govêrno dos Estados-Unidos e os governos que são cúmplices materiais dessas agressões. E expulsam Cuba, o país latino-americano vítima, o país agredido.

Os Estados-Unidos têm pactos militares com países de todos os continentes; blocos militares com quanto govêrno fascista, militarista e reacionário haja no mundo: a OTAN, a SEATO e a CENTO, aos quais é preciso acrescentar agora a OEA, intervêm no Laos, no Vietnam, na Coréia, em Formosa, em Berlim, como bem entendem e anunciam seu propósito de usar os aliados da OTAN para bloquear o comércio de Cuba; e a OEA não toma conhecimento de nada disso... Reúnem-se os chanceleres e expulsam Cuba, que não tem pactos militares com nenhum país. Quer dizer: o govêrno que organiza a subversão em todo o mundo e firma alianças militares em quatro continentes faz expulsar Cuba acusando-a nada menos que de subversão e de vinculações extracontinentais...

EXPLORAÇÃO DESENFREADA DOS POVOS LATINO-AMERICANOS

Cuba, o país latino-americano que converteu em donos de terras mais de cem mil pequenos agricultores, que garantiu emprêgo o ano todo para os trabalhadores agrícolas em granjas e cooperativas, que transformou os quartéis em escolas, que concedeu sessenta mil bôlsas a estudantes universitários, secundários e tecnológicos, que acabou totalmente com o analfabetismo, que criou escolas para a totalidade da população infantil, quadruplicou os serviços médicos, nacionalizou as emprêsas monopolistas, suprimiu o abusivo sistema que convertia a moradia em meio de exploração do povo, eliminou virtualmente o desemprêgo, suprimiu a discriminação por motivo de raça ou sexo, acabou com o jôgo, o vício e a corrupção administrativa, armou o povo, tornou viva realidade o gôzo dos direitos humanos ao libertar o homem e a mulher da exploração, da incultura e da desigualdade social, que se libertou de tôda tutela estrangeira, que adquiriu plena soberania estabelecendo as bases para o desenvolvimento de sua economia a fim de não ser mais país monoprodutor e explorador de matérias-primas... é expulsa da Organização dos Estados Americanos por governos que não conseguiram atender a seus povos em nenhuma dessas reivindicações. Como poderão justificar sua conduta ante os povos da América e do mundo? Como poderão negar que, em seu conceito, a política de terra, de pão, de trabalho, de saúde, de liberdade, de igualdade, de cultura, de desenvolvimento acelerado da nação e soberania é incompatível com o hemisfério?

Os povos pensam de maneira muito diferente; os povos pensam que a única coisa que é incompatível com o destino da América Latina é a miséria, a exploração feudal, o analfabetismo, os salários de fome, o desemprêgo, a política de repressão contra as massas operárias camponesas e estudantis, a discriminação da mulher, do negro, do índio, do mestiço, a opressão das oligarquias, o saqueio de suas riquezas pelos monopólios ianques, a asfixia moral

de seus intelectuais e artistas, a ruína de seus pequenos produtores pela concorrência estrangeira, o subdesenvolvimento econômico, a falta de estradas, de hospitais, de habitações, de escolas, de indústrias, a submissão ao imperialismo, a renúncia à soberania nacional e a traição à pátria.

Como farão os imperialistas para explicar sua conduta, sua atitude condenatória para com Cuba? Com que palavras vão se dirigir — e com que sentimento? — a êsses povos que êles ignoraram (mas que exploraram tanto tanto quanto possível) durante tanto tempo?

Aquêles que estudam os problemas da América costumam perguntar que país tratou corretamente da situação dos indigentes, dos pobres, dos índios, dos negros, da infância desvalida — essa mesma infância de 30 milhões em 1950 e que será de 50 milhões dentro de mais oito anos — sim, que país?

Trinta e dois milhões de índios habitam o continente americano inteiro. Claro: para aquêles que sempre os consideraram quase como uma coisa, mais do que pròpriamente como uma pessoa, essa humanidade não conta, não contava e imaginavam que nunca contaria. Essa fôrça cega de trabalho, no entanto, devia ser utilizada como se utiliza uma junta de bois ou um trator.

Como se poderá acreditar em algum benefício, em alguma aliança para o progresso, com o imperialismo? Sob que juramento, se sob sua santa proteção, morticínios e perseguições ainda vivem os indígenas do sul do Continente — como os da Patagônia — em barracas, tal como viviam seus antepassados da época do descobrimento, quase quinhentos anos atrás? Que pode o imperalismo oferecer àquelas que outrora foram grandes raças povoando o norte argentino, o Paraguai e a Bolívia, como os guaranis, e que foram dizimados ferozmente,

como bêstas selvagens, empurrados para dentro das matas? Que pode oferecer a essa reserva autóctone que podia ter servido de base a uma grande civilização americana e que se converteu em raça melancólica embrutecida pelo álcool e pelos narcóticos? Onde uma cadeia de mãos se estira — e se vem estirando durante séculos inùtilmente — ao longo das vertentes da cordilheira, ao longo dos grandes rios e por entre as sombras das florestas para unir suas misérias com os demais que perecem lentamente, as tribos brasileiras e as do norte do Continente e suas costas, até alcançar os cem mil "motilones" da Venezuela, vivendo no mais incrível atraso e selvagemente confinados nas selvas amazônicas ou nas montanhas de Perija; e os solitários "vapichanas" que, no clima tórrido das Guianas, esperam seu fim, quase definitivamente desligados do destino humano. Sim, a todos sêtes trinta e dois milhões de índios, que se estendem desde a fronteira com os Estados-Unidos até os extremos do hemisfério Sul; a quarenta e cinco milhões de mestiços que, no final de contas, pouco diferem dos índios; a todos êstes indígenas, a êste formidável caudal de trabalho, de direitos espezinhados que pode oferecer o imperialismo? Como poderão acreditar êstes ignorados, em algum benefício que venha de tão sangrentas mãos?

Tribos inteiras que ainda vivem nuas; outras que se supõem antropófagas; outras que, no primeiro contato com a civilização conquistadora morrem como insetos; outras que são desterradas, isto é, que se expulsam de suas terras, que são empurradas para o interior das florestas ou para os confins das montanhas, para onde não chega o menor átomo de cultura, de luz, de pão, de nada...

Em que "aliança" — a não ser numa aliança para matar mais depressa — podem crer essas raças indí-

genas espancadas durante século, mortas a tiro pelos que invadiram suas terras, mortas de pancada aos milhares por não trabalharem tão eficientemente como o desejava a exploração do imperialismo?

E o negro? Que "aliança" pode o sistema de linchamento e preterição brutal do negro nos Estados-Unidos oferecer aos quinze milhões de negros e quatorze milhões de mulatos latino-americanos que sabem com horror e cólera que seus irmãos do Norte não podem subir nos mesmos veículos que seus compatriotas brancos nem assistir às mesmas aulas, sequer morrer nos mesmos hospitais?

Como hão de acreditar nesse imperialismo, em seus benefícios, em suas "alianças" (a não ser para linchá-los e explorá-los como escravos) êstes núcleos étnicos preteridos?

Essas massas, que não puderam gozar sequer medianamente de qualquer benefício cultural, social ou profissional, mesmo onde constituem maiorias e milhões são maltratadas pelos imperialistas disfarçados em caracteres comuns — Ku-klux-klan; são lançadas aos bairros insalubres, às casas coletivas menos confortáveis feitas para elas; levadas aos ofícios mais ignóbeis, aos trabalhos mais duros e às profissões menos lucrativas, que não necessitam de contato com as universidades, as altas academias ou escolas particulares. Como hão de crer no imperialismo?

Que aliança para o progresso pode servir de estímulo a êsses cento e sete milhões de homens e mulheres de nossa América, medula do trabalho nas cidades e campos, cuja pele escura — negra, mestiça, mulata e índia — inspira desprêzo aos novos colonizadores? Como vão confiar na suposta aliança os que no Panamá viram, com contida impotência, que existe um salário para o ianque e

outros para o panamenho, êstes considerados raça inferior?

MISÉRIA E ANALFABETISMO

Que podem esperar os operários com seus salários de fome, os trabalhos mais rudes, as condições mais miseráveis, a desnutrição, as enfermidades e todos os males que traz a miséria?

Que lhes pode dizer, que palavras, que benefícios poderão oferecer os imperialistas aos mineiros do cobre, do estanho, do ferro, do carvão que perdem seus pulmões em benefício de patrões inclementes e longínquos; aos pais e filhos dos trabalhadores em madeira, na borracha, dos campos da erva, das plantações frutíferas, dos engenhos de café e açúcar, dos peões dos pampas e dos "llanos" que constroem com sua saúde e suas vidas as fortunas dos exploradores?

Que podem esperar estas massas imensas que produzem as riquezas, que criam os valores, que ajudam a gestar um novo mundo em tôda parte, que podem esperar do imperialismo — essa bôca insaciável, essa mão insaciável — que outro horizonte imediato as espera, além da miséria, do desamparo mais absoluto, da morte fria e sem história?

Que pode esperar esta classe, que mudou o curso da história em outras partes do mundo, que revolucionou o mundo, que é vanguarda de todos os humildes e explorados — que pode esperar do imperialismo, seu mais irreconciliável inimigo?

Que pode oferecer o imperialismo, que tipo de benefício, que espécie de vida melhor e mais justa, que motivo, que incentivo, que interêsse para superar-se e conseguir transcender seus simples e primários escalões, a

professôres, profissionais liberais, intelectuais, poetas e artistas; aos que cuidam zelosamente das novas gerações para que depois o imperialismo venha cevar-se nelas; aos que sofrem as limitações de sua expressão política e social em quase tôda parte, que não ultrapassam, em suas possibilidades econômicas, mais que a simples linha de seus precários recursos e compensações, engolfados em uma vida negra e sem horizontes que termina com uma aposentadoria que não faz face sequer à metade de seus gastos? Que "benefícios" ou "alianças" poderá oferecer-lhe o imperialismo que não sejam as que redundem em seu total proveito? Se criam fontes de ajuda às suas profissões, às suas artes, às suas publicações é sempre no sentido de que suas produções deverão refletir seus interêsses, seus objetivos, seus "nadas". As novelas que procuram refletir a realidade do mundo dessas aventuras rapaces; os poemas que queiram produzir protestos por seu avassalamento, por sua ingerência na vida, na mente e nas vísceras de seus países e povos; as artes combativas que pretendem expressar as formas e o conteúdo de sua agressão e constante pressão sôbre tudo que vive e alenta o progresso, tudo que é revolucionário; o que ensina; o que procura guiar, cheio de luz e de consciência, de clareza e de beleza, homens e povos e melhores destinos, em direção dos mais altos cumes do pensamento, da vida e da justiça, encontra a reprovação mais encarniçada do imperialismo; encontra o obstáculo, a condenação, a perseguição macartista. Fecham-se-lhes as portas da imprensa; seu nome é apagado das colunas e se lhe aplica a pena do silêncio mais atroz... que é então — e aí está mais uma contradição do imperialismo — quando o escritor, o poeta, o pintor, o escultor, o criador em qualquer das artes, inclusive o cientista, começam a viver de verdade, a viver na palavra do povo, no coração de milhões de homens do

mundo. O imperialismo tudo avilta, deforma, canaliza para suas vertentes, para seu proveito, para multiplicar em dólares; comprando palavras ou quadros ou silêncio, transformando em silêncio a expressão dos revolucionários, dos homens progressistas, dos que lutam pelo povo e por seus problemas.

Não podemos nos esquecer, neste triste quadro, da infância abandonada, sem assistência, a infância sem futuro da América.

A América, que é um continente da natalidade elevada, tem também uma mortalidade elevada. A mortalidade das crianças de menos de um ano em onze países, ascendia há poucos anos a 125 por mil e, em outros, entre 17 a 90 crianças por mil. Em cento e dois países do mundo, por outro lado, essa taxa alcança a 51. Na América, portanto, morrem tristemente sem assistência 74 crianças em cada mil, no primeiro ano de nascimento. Existem países latino-americanos em que essa taxa chega, em alguns pontos, a 300 por mil; milhares e milhares de crianças, até os sete anos, morrem na América de enfermidades incríveis, como diarréias, pneumonias, desnutrição, fome; de milhares e milhares de outras doenças, sem atenção nos hospitais e sem remédios; milhares e milhares caminham atingidos por doenças endêmicas, impaludismo, tracoma e outros males produzidos por contaminação, falta de água e outras necessidades. Males dessa natureza proliferam nos países americanos, onde agonizam milhares e milhares de crianças, filhos de párias, filhos de pobres e pequeno-burgueses com vida dura e precários recursos. Êsses dados, por si só tão eloqüentes, são de dar calafrios. Qualquer publicação oficial dos organismos internacionais reúne-os às centenas.

Encarada a situação da América, sob o ponto de vista da educação, causa revolta pensar no nível de incultura

em que vive. Enquanto os Estados-Unidos conseguiram um nível de oito e nove anos de escolarização na população de 15 anos de idade em diante, a América Latina, saqueada e espoliada por êles, tem menos de um ano escolar aprovado como nível, nessas mesmas idades. Indigna mais ainda saber-se que entre as crianças de 5 e 14 anos sòmente estão matriculaads em alguns países, vinte por cento e, nos mais alto nível, sessenta por cento. Ou seja: mais da metade da infância na América Latina não freqüenta escola. A indignação continua aumentando quando constatamos que a matrícula, nos três primeiros anos escolares, corresponde a oitenta por cento dos que começaram desde o 1.º; enquanto no 6.º ano, a matrícula flutua entre 6 e 22 alunos para cada 100 que começaram o 1.º Até nos países que crêem haver atendido sua infância, essa percentagem de perda escolar entre o 1.º e o 6.º ano é de setenta e três por cento em média. Em Cuba, antes da revolução, era de setenta e quatro. Na Colômbia, "democracia representativa", é de setenta e oito. E se limitarmos nosso inquérito às zonas rurais, veremos que, na melhor das hipóteses, sòmente 1% dos alunos chega ao quinto ano escolar!

Quando se investiga êsse desastre de absenteísmo escolar, uma cousa ressalta e o explica: a economia da miséria. Falta de escolas, de professôres, falta de recursos familiares, trabalho infantil — em suma: o imperialismo em sua obra de opressão e atraso.

O resumo dêsse pesadêlo que vive a América, de um extremo a outro, pode se enunciar dizendo que, neste Continente de quase duzentos milhões de sêres humanos, integrado em dois terços por índios, mestiços e negros — ou seja: pelos discriminados —; neste Continente, de semicolônias morrem de fome, de enfermidades curáveis ou velhice prematura cêrca de 4 pessoas por minuto, 5.500

por dia, 2 milhões por ano, 10 milhões em cada cinco anos! Essas mortes poderiam ser evitadas fàcilmente — e no entanto ocorrem. Êsses dois têrços da população latino-americana vivem pouco e vivem sob permanente ameaça de morte. Holocaustos de vidas que em quinze anos ocasionam o dôbro de mortes produzidas pela guerra de 1914. Entrementes, da América Latina flui para os Estados-Unidos uma torrente contínua de dinheiro: 4 mil dólares por minuto, 5 milhões de dólares por dia, 2 bilhões de dólares por ano, 10 bilhões de dólares em cinco anos. Por cada mil dólares que escapam, fica-nos um morto. Mil dólares por um morto: êsse é o preço que se chama imperialismo. Mil dólares por um morto, quatro vêzes por minuto!

Mas, apesar dessa realidade americana, para que se reuniram os chanceleres em Punta del Este? Talvez para levar uma gôta de alívio a êsses males? Não!

Os povos sabem que em Punta del Este, os chanceleres que expulsaram Cuba se reuniram para renunciar à soberania nacional; que ali o govêrno dos Estados-Unidos assentou não apenas a base para a agressão a Cuba, mas também para intervir em qualquer país da América contra o movimento libertador dos povos; que os Estados-Unidos preparam na América Latina um drama sangrento; que as oligarquias exploradoras, que agora renunciaram ao princípio de soberania, não vacilarão em solicitar a intervenção de tropas ianques contra seus próprios povos e que, com êsse fim, a delegação norte-americana propôs um comitê de vigilância contra a subversão na Junta Interamericana de Defesa, com podêres executivos e a adoção de medidas coletivas. Subversão para os imperialistas ianques é a luta dos povos famintos por pão, a luta dos camponeses pela terra, a luta dos povos contra a exploração imperialista. Comitê de vigilância na Junta Intera-

mericana de Defesa com podêres executivos significa uma fôrça de repressão continental contra os povos às ordens do Pentágono. Medidas coletivas significam desembarque de fuzileiros navais ianques em qualquer país da América.

AS REVOLUÇÕES NÃO SE EXPORTAM

Em face da acusação de que Cuba quer exportar sua revolução, respondemos: as revoluções não se exportam, são feitas pelos povos. O que Cuba pode dar aos povos e já deu, é o seu exemplo.

E o que ensina a Revolução cubana? Que a revolução é possível, que os povos podem realizá-la, que no mundo de hoje não há fôrças capazes de impedir o movimento de libertação dos povos.

Nosso triunfo não teria sido jamais possível se a revolução mesmo não houvesse estado inexoràvelmente destinada a surgir das condições existentes em nossa realidade econômico-social, realidade que existe em grau maior ainda em bom número de países da América Latina.

Ocorre, inevitàvelmente, que nas nações onde é mais forte o contrôle dos monopólios ianques, mais desapiedada a exploração das oligarquias e mais insuportável a situação das massas operárias e camponesas, o poder político se mostra mais férreo, os estados de sítio tornam-se habituais, reprime-se pela fôrça qualquer manifestação de descontentamento das massas e o curso democrático cerra-se por completo, revelando, com mais evidência do que nunca, o caráter de brutal ditadura que caracteriza o poder das classes dominantes. É então quando se torna inevitável o surto revolucionário dos povos.

E se é certo que, nos países subdesenvolvidos da América, a classe operária é, em geral, relativamente pequena, há uma classe social que, pelas condições sub-humanas em

que vive, constitui uma fôrça potencial que, dirigida por operários e intelectuais revolucionários, tem importância decisiva na luta pela libertação nacional: os camponeses.

Em nossos países convergem as circunstâncias de uma indústria subdesenvolvida com um regime agrário de caráter feudal. É por isso que apesar da dureza das condições de vida dos operários urbanos, a população rural vive ainda em condições mais dramáticas de opressão e exploração; mas é também — salvo exceções — o setor absolutamente majoritário em proporção que, muitas vêzes, ultrapassa a setenta por cento das populações latino-americanas.

Excluindo-se o latifundiário que, muitas vêzes, reside nas cidades, o resto dessa grande massa obtém seu sustento trabalhando como peão nas fazendas em troca de salários miseráveis, ou ara a terra em condições de exploração que nada deixam a desejar em relação à Idade Média. Essas circunstâncias são as que determinam o fato de que, na América Latina, a população pobre do campo constitua uma tremenda fôrça revolucionária em potencial.

Os exércitos, estruturados e equipados para a guerra convencional, — êles que são a fôrça em que se apóia o poder das classes exploradoras — quando têm que enfrentar a luta irregular dos camponeses, no cenário natural do homem do campo, tornam-se absolutamente impotentes; perdem dez homens para cada combatente revolucionário que cai e ràpidamente se infiltra nêles a desmoralização, ao terem que enfrentar um inimigo invisível e invencível, que não lhes dá ocasião de experimentar suas táticas de academia e suas fanfarronices guerreiras, das quais fazem tanto alarde para reprimir operários e estudantes nas cidades.

A luta inicial de reduzidos núcleos de combatentes nutre-se incessantemente com novas fôrças, o movimento de massas começa a se desencadear, a velha ordem desmorona pouco a pouco em mil pedaços e é, então, o momento em que a classe operária e as massas urbanas decidem a batalha.

O que é, desde o início da luta dêsses primeiros núcleos, que os torna invencíveis, independente do número, poder e recursos do inimigo? O apoio do povo. E com êsse apoio das massas contarão cada vez mais.

O campesinato é, entretanto, uma classe que, pelo estado atual de incultura em que é mantida e pelo isolamento em que vive necessita da direção revolucionária e política da classe operária e dos intelectuais revolucionários, sem o que não se poderia lançar à luta e conquistar a vitória.

Nas atuais condições históricas da América Latina, a burguesia nacional não pode encabeçar a luta antifeudal e antiimperialista. A experiência demonstra que, em nossas nações, essa classe — ainda quando seus interêsses estejam em contradição com os do imperialismo ianque — é incapaz de enfrentá-lo, paralisada pelo mêdo da revolução social e assustada pelo clamor das massas exploradas.

Situada entre o dilema de imperialismo ou revolução, sòmente suas camadas mais progressistas estarão com o povo.

A atual correlação mundial de fôrças e o movimento universal de libertação dos povos coloniais e dependentes mostram à classe operária e aos intelectuais revolucionários da América Latina seu verdadeiro papel, que é o de situar-se, resolutamente, na vanguarda da luta contra o imperialismo e o feudalismo.

O imperialismo, utilizando os grandes monopólios cinematográficos, suas agências telegráficas, suas revistas, livros e jornais reacionários lança as mentiras mais sutis

para semear o divisionismo e inculcar entre as pessoas mais atrasadas o mêdo e a superstição às idéias revolucionárias, as quais podem e devem pôr em perigo ùnicamente os interêsses dos exploradores poderosos e seus seculares privilégios.

O divisionismo, produto de tôda espécie de preconceitos, falsas idéias e mentiras, o sectarismo, o dogmatismo, a falta de amplitude para analisar o papel que corresponde a cada camada social, seus partidos, organizações e dirigentes dificultam a unidade de ação imprescindível entre as fôrças democráticas e progressistas de nossos povos. São vícios de crescimento, doenças infantis do movimento revolucionário que devem ser postos para trás. Na luta antiimperialista e antifeudal é possível unir a imensa maioria do povo em tôrno de metas de libertação que conjuguem o esfôrço da classe operária, dos camponeses, trabalhadores intelectuais, pequeno-burguesia e as camadas mais progressistas da burguesia nacional. Êsses setores compreendem a imensa maioria da população e aglutinam grandes fôrças sociais capazes de varrer o domínio imperialista e a reação feudal. Nesse amplo movimento podem e devem lutar juntos pelo bem de suas nações, para o bem de seus povos e pelo bem da América desde o velho marxista militante até o católico sincero que não tenha nada a ver com os monopólios ianques e os senhores feudais da terra.

Êsse movimento poderia levar consigo os elementos progressistas das fôrças armadas, humilhados também pelas missões militares ianques, a traição aos interêsses nacionais das oligarquias feudais e a imolação da soberania nacional aos ditames de Washington.

Mas onde estão fechados os caminhos do povo, onde a repressão aos operários e camponeses é feroz, onde é mais forte o domínio dos monopólios ianques, o primeiro e o

mais importante passo é compreender que não é justo nem correto entreter o povo com a vã e acomodatícia ilusão de arrancar — por vias legais, que não existem nem existirão, as classes dominantes entrincheiradas em tôdas as posições do estado monopolizador da instrução, proprietários de todos os meios de divulgação e possuidoras de infinitos recursos financeiros — um poder que os monopólios e as oligarquias defenderão a sangue e fogo com a fôrça de suas polícias e exércitos.

A REVOLUÇÃO VENCERÁ NA AMÉRICA E NO MUNDO

O dever de qualquer revolucionário é fazer a revolução. Sabemos que na América e no mundo a revolução vencerá; mas não é revolucionário sentar-se à porta de casa e ver passar o cadáver do imperialismo. O papel de Jó não se enquadra com o de um revolucionário. Cada ano que acelere a libertação da América significará milhões de crianças que se salvarão para a vida, milhões de inteligências que se salvarão para a cultura, infinitos caudais de dólares economizados para os povos. Ainda quando os imperialistas ianques preparem para a América um drama de sangue, não conseguirão esmagar a luta dos povos; concitarão contra si próprios o ódio universal e será também a arma que marcará o ocaso de seu voraz e tenebroso sisrtema.

Nenhum povo da América Latina é fraco, porque integra uma família de 200 milhões de irmãos que sofrem das mesmas misérias, abrigam os mesmos sentimentos, têm o mesmo inimigo, sonham todos com um mesmo e melhor destino e contam com a solidariedade de todos os homens e mulheres honrados do mundo inteiro.

Como a grandiosa epopéia da independência da América Latina coube aos heróis do século passado, à geração de latino-americanos de hoje cabe uma epopéia ainda maior e mais decisiva para a humanidade. Porque aquela luta foi para libertar-se do poder colonial espanhol, de uma Espanha decadente, invadida pelos exércitos de Napoleão. Hoje, cabe-lhe a luta de libertação contra a metrópole mais poderosa do mundo, contra a fôrça mais importante do sistema imperialista mundial, para prestar à humanidade um serviço maior ainda em relação à tarefa de nossos antepassados.

Essa luta, porém, mais do que aquela, será realizada pelas massas, será feita pelos povos; os povos vão desempenhar um papel muito mais importante que então; os homens, os dirigentes, serão menos importantes nesta luta do que o foram na luta pela independência política.

Essa epopéia que temos diante de nós será escrita pelas massas famintas de índios, de camponeses sem terra, de operários explorados, será escrita pelas massas progressistas; pelos intelecetuais honestos e brilhantes, que são tantas em nossas terras sofredoras da América Latina; luta de massas e de idéias; epopéia que será levada avante por nossos povos maltratados e desprezados pelo imperialismo, nossos povos desconhecidos até hoje e que já começam a tirar-lhe o sono. Consideravam-nos como um rebanho impotente e submisso; e já começam a se assustar com êsse rebanho; rebanho gigantesco de 200 milhões de latino-americanos nos quais entrevemos, já, os coveiros do capital monopolizador ianque.

Com esta humanidade trabalhadora, com êstes explorados infra-humanos, paupérrimos, manejados pelos métotodos de chicote e feitor, não se contou, ou se contou muito pouco. Desde os albores da independência seus destinos foram os mesmos: índios, gaúchos, mestiços, "zombas",

"cuarteranes", brancos sem bens nem rendas, tôda essa massa humana que se formou nas fileiras da "pátria" que nunca desfrutou, que caiu aos milhões, que foi destroçada, que conquistou a independência de suas metrópoles para a burguesia, continuou ocupando o último escalão dos benefícios sociais, continuou morrendo de fome, de enfermidades curáveis, de falta de assistência de qualquer tipo, porque para ela nunca chegaram os bens salvadores: o pão, a cama de hospital, o remédio que salva, a mão que ajuda.

O momento de sua reivindicação, porém, o momento que ela mesma escolheu está sendo assinalado agora com precisão de um extremo a outro do Continente. Agora, essa massa anônima, essa América de côr, sombria, taciturna, que canta em todo o Continente com a mesma tristeza e desengano, agora eesa massa é que começa a entrar definitivamente em sua própria história, começa a escrevê-la com seu sangue, começa a sofrer e morrer.

Porque agora, pelos campos e montanhas da América, pelas faldas de suas terras, pelos planaltos e pelas selvas, em meio à solidão ou ao bulício das cidades ou às margens dos grandes oceanos e rios, começa a estremecer êsse mundo cheio de razões com os punhos fervendo de desejos de morrer pelo que é seu, de conquistar seus direitos quase quinhentos anos sonegados por uns e outros. Agora, sim, a História terá que cantar com os pobres da América, com os explorados e vilipendiados da América aLtina que decidiram começar a escrevr êles próprios, para sempre, sua história. Já são vistos pelos caminhos, a pé, em marchas infindáveis, de centenas de quilômetros, para chegar aos "Olimpos" governantes e reclamar seus direitos. Já são vistos, armados de pedras, paus, machados, ocupando as terras, fincando pás nas terras que lhes pertencem e defendenda-os com suas vidas; já são vistos, levando

cartazes, suas bandeiras e seus lemas, fazendo-os flutuar ao vento entre as montanhas ou nos vales imensos. É essa onda de estremecido rancor, de justiça reclamada, de direito pisoteado que começa a levantar-se entre as terras da América Latina, essa onda não se deterá nunca mais. Essa onda irá crescendo, cada dia que passe. Porque essa onda é formada pelos que são a maioria em todos os aspectos, pelos que acumulam com seu trabalho as riquezas, pelos que põem a roda da História em movimento e que agora despertaram do longo sono embrutecedor em que estavam imersos.

Porque essa grande humanidade disse "basta" e começou a andar. E sua marcha de gigante já não mais se deterá até conquistar a verdadeira independência, pela qual já morreram mais de uma vez inùtilmente. Agora, em todo caso, os que morrerem, morrerão como os de Cuba, os de Playa Girón, morrerão por sua única, verdadeira, irrenunciável independência. PÁTRIA OU MORTE: VENCEREMOS!

JOSÉ MARTI

Em um lugar humilde de Cuba — então submetida à dominação da Espanha — nasceu José Marti, a 28 de janeiro de 1853. Ainda adolescente, publicou escritos que revelavam seus ideais patrióticos. Tinha apenas 17 anos quando um conselho de guerra o condenou a trabalhos forçados, pena comutada posteriormente para destêrro na Espanha. Ali, superando as dificuldades da pobreza, Marti logrou doutorar-se em Direito, em Filosofia e Letras. Passou depois à França, México, Guatemala onde, como posteriormente na Venezuela, fundou revistas e dedicou-se ao ensino. De volta a Cuba, viu-se novamente deportado em virtude de sua atividade revolucionária. Durante anos viveu em Nova-Iorque, escrevendo para jornais dos Estados-Unidos e de diversos países latino-americanos. Redigiu os princípios do Partido Revolucionário Cubano, e através de constantes viagens, publicação de jornais, etc., organizou a guerra pela libertação de Cuba. Junto com um grupo expedicionário desembarcou nas prias de sua pátria, em 1895, e pouco depois morria em combate com as tropas espanholas, a 19 de maio de 1895. Culminara, assim, com o sacrifício final, uma existência inteiramente dedicada à causa de seu povo.

Ardorosamente devotado à atividade revolucionária, José Marti logrou realizar, no entanto, valioso trabalho literário. Poeta original e vibrante, é com razão considerado um dos precursores do modernismo na América. Sua

obra poética foi reunida sob os títulos *Ismaelillo, Versos Sencillos* e *Versos Libres.* Também foram compilados outros poemas e diversos escritos em prosa, inspirados sempre por um claro ideal progressista. Espírito tutelar e guia da Revolução cubana dirigida por Fidel Castro, costumava referir-se aos Estados-Unidos, dizendo: "Vivi no seio do monstro e conheço-lhe as entranhas".

O apóstolo da Independência cubana situa-se, pela hierarquia de sua obra e o exemplo de sua vida, entre os grandes mestres da juventude da América Latina.

ÍNDICE DE PERSONATIVOS

ASCUNCE, Manuel — Brigadista alfabetizador de 16 anos assassinado por contra-revolucionários em Escambray pelo único delito de tentar ensinar os camponeses a ler. Morreu juntamente com o camponês Pedro Lantigua. Pertencia à heróica brigada "Conrado Benítez".

BARQUÍN, Ramón — Ex-coronel do Exército. Chefe de uma conspiração militar que visou a depor Batista, em 1955. Ao deixar o cárcere, com o triunfo da Revolução, tentou instaurar uma junta militar com outros militares de Batista, mas fracassou em conseqüência da greve geral deflagrada nos primeiros dias de janeiro de 1959.

CARDONA, Miró — Chefe do chamado govêrno no exílio. Defensor do assassino de Jesus Menéndez, então Capitão Casillas Lumpuy. Nomeado primeiro ministro por ocasião da vitória da Revolução, desde os primeiros momentos começou por obstar a marcha do movimento revolucionário. Nomeado embaixador de Cuba na Espanha, e chamado pelo govêrno cubano, após o comportamento do embaixador espanhol, Lojendio, iniciou intensa atividade contra-revolucionária.

CASTRO, Raul — Um dos fundadores do movimento "26 de Julho", e participante do assalto ao Quartel de Moncada, em 1953. Expedicionário de Granma. Criador da segunda frente "Frank País" nas colinas de Oriente. Atualmente, comandante do exercito rebelde e Ministro das Fôrças Armadas. É irmão do Primeiro-Ministro Fidel Castro.

CHOMÓN, Faure — Um dos participantes do assalto ao Palácio, a 13 de março de 1957. Companheiro de Echevarria, organizou e dirigiu o grupo armado de Escambray denominado "Diretório Revolucionário 13 de Março". Atualmente, embaixador de Cuba na União Soviética.

CIENFUEGOS, Camilo — Revolucionário oriundo da classe operária. Participou na clandestinidade da luta contra Batista nos primeiros anos, integrando o movimento "26 de Julho". Posteriormente, expedicionário do Granma e um dos doze sobreviventes. Chefe da invasão na região central. Era comandante e chefe do exército rebelde, quando ocorreu sua morte em um acidente de aviação. Figura querida do povo cubano, a nação inteira chorou seu trágico fim. Foi herói de inúmeras batalhas e realizou façanhas incríveis. É tido como o maior estrátega de guerrilhas durante a epopéia libertadora da Revolução.

ECHEVARRIA, José Antônio — Presidente da Federação Estudantil Universitária (FEU), assassinado por Batista nas proximidades da Universidade, durante os acontecimentos de 13 de março, em que foi assaltado o Palácio do Govêrno. Era um dos cabeças do assalto. Após exortar o povo à luta, através da Rádio-Reloj, dirigiu-se para a Universidade, sendo crivado de balas na confluência das ruas "L" e 27.

ESCALANTE, Anibal — Conhecido prócer antiimperialista. Dirigente do Partido Socialista Popular de Cuba até a integração do mesmo nas ORI. Atualmente, dirigente nacional das ORI e um dos teóricos da Revolução.

FERNÁNDEZ, Manolo — Ministro de Obras Públicas, durante os anos de 1959-60. Substituído pelo Comandante Augusto Martínez Sánchez, em virtude da anarquia reinante naquele órgão da administração pública, e por eximir-se à orientação traçada pelo govêrno revolucionário. Ao deixar o cargo, encontraram-se milhares de papéis que deixou sem resolver.

GUITERAS, Antônio — Líder antiimperialista, assassinado por Batista durante a primeira fase da ditadura. Fundador da "Jovem Cuba", organização revolucionária de então, hoje desaparecida.

MARINELLO, Juan — Conhecido lutador antiimperialista e presidente do Partido Socialista Popular de Cuba. Eminente escritor e orador, e dos melhores intérpretes do pensamento de Marti. Atualmente, líder das ORI (Organizações Revolucionários Integradas). É Reitor da Universidade de Havana.

MELLA, Júlio Antônio — Um dos mais destacados líderes estudantis de Cuba e lutador antiimperialista. Fundador e secretário do Partido Comunista, estêve na direção do mesmo até sua morte,

ocorrida no México, e levada a cabo por mãos assassinas armadas pelo imperialismo ianque.

ROCA, Blas — Conhecilo lutador antiimperialista. Foi secretário-geral do Partido Socialista Popular de Cuba. Atualmente, dirigente nacional das ORI.

RODRÍGUEZ, Carlos Rafael — Conhecido combatente antiimperialista. Foi dirigente do Partido Socialsta Popular de Cuba. Um dos grandes teóricos da Revolúção. Atualmente, Presidente do Instituto Nacional de Reforma Agrária (INRA). Diretor do jornal "Notícias de Hoy"' e dirigente nacional das ORI. É professor da Universidade de Havana.

PAZOS, Felipe — Ex-presidente do Banco Nacional de Cuba, foi afastado e substituído por Ernesto Guevara, por estar em desacôrdo com as leis revolucionárias, dentre as quais se destacava a questão das divisas.

RAY, Manuel — Ministro do Trabalho nos dois primeiros anos da Revolução. Substituído por Osmán Cienfuegos. Após sua capitulação e fuga para os Estados-Unidos, organizou um grupo contra-revolucionário.

SOTO, Jesus — Conhecido dirigente operário da indústria têxtil, durante a clandestinidade na luta contra Batista. Atualmente, Secretário de Organização da CTC revolucionária.

URRUTIA, Manuel — Ex-magistrado da Província de Oriente. Em virtude de sua atuação como magistrado no julgamento dos assaltantes ao Quartel Moncada foi nomeado Presidente da República em armas, e depois efetivado no pôsto por ocasião da queda de Batista. Por alimentar simpatias pró-ianques, sua conduta não se adaptava à linha da Revolução, tendo por isso que renunciar ao cargo.

VILLENA, Martínez — Líder antiimperialista e combatente incansável. Grande poeta e orador; foi secretário do Partido Comunista de Cuba, depois da morte de Mella, conservando-se no pôsto até 1935, quando morreu. Organizador da famosa greve de 1930 contra a ditadura de Machado, que orientou de seu leito de enfêrmo. Padecendo de grave enfermidade, recusou-se a seguir os conselhos médicos que o obrigavam a afastar-se do movimento, morrendo em plena luta.

ÍNDICE

	Pág.
Prefácio	VII
Fundamentos da Revolução Cubana	
I Declaração de Havana (2-1-60)	1
O Pensamento Marxista e o Partido da Revolução Socialista	
Conferência pronunciada a 1.º de dezembro de 1961	10
Cuba: Território livre de Analfabetismo	
II Declaração de Havana (2-2-62)	138
Dados Biográficos de José Marti	174
Índice de nomes constantes do texto	176

Este livro foi composto e impresso na
GRÁFICA URUPÊS S. A.
Rua Pires do Rio, 338
São Paulo
1962

FIDEL CASTRO

POVOS CUBANOS

...ta política de paulatina es-
...ausenta da soberania das na-
...ções americanas e de total li-
...de para intervir em seus assun-
...tos teve seu ponto culminante

...ções Unidos pela
pela Reforma Agrária
dos pelo latifúndio.
dustrialização da Am
Unidos pelo subdesenv
pelo trabalho criador
dos pela sabotagem